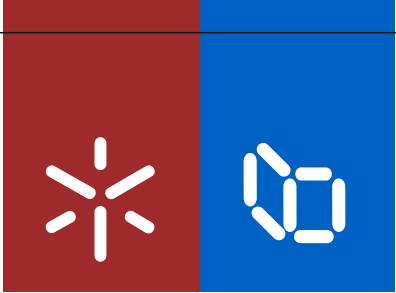


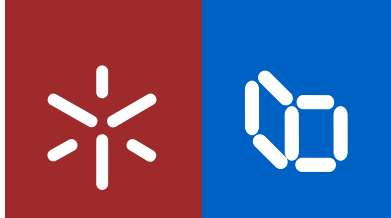


**A arqueologia do espaço urbano na construção
ficcional de *Um deus passeando pela brisa da
tarde* de Mário de Carvalho**

Patrícia da Conceição Gomes Leal

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas





Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Patrícia da Conceição Gomes Leal

**A arqueologia do espaço urbano na construção
ficcional de *Um deus passeando pela brisa da
tarde* de Mário de Carvalho**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas

Trabalho efetuado sob a orientação da

Doutora Ana Lúcia Curado

DECLARAÇÃO

Nome: Patrícia da Conceição Gomes Leal

Endereço electrónico: gomeslealpatricia@gmail.com

Telefone: 916105023

Número do Bilhete de Identidade: 11762116 1ZY7

Título da dissertação:

A arqueologia do espaço urbano na construção ficcional de *Um deus passeando pela brisa da tarde* de Mário de Carvalho.

Orientadora: Doutora Ana Lúcia Curado

Ano de conclusão: 2016

Designação do Mestrado: Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A
REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA DISSERTAÇÃO.

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

À Maria Inês, ao Miguel e à Doutora Ana Lúcia.

RESUMO

No século II da nossa era os Romanos já tinham expandido o seu Império pelo actual território de Espanha e Portugal. Tarcisis, uma cidade localizada na Lusitânia, perto de *Ebora* (actualmente Évora, Portugal), enfrentava várias ameaças. Os bárbaros invadiam a península e aproximavam-se de Tarcisis. Em simultâneo, os cristãos já se tinham instalado na cidade, tendo em vista a expansão da sua religião entre os romanos. O Império Romano começara a ruir. Sozinho, Lúcio Valério Quíncio, o magistrado de Tarcisis, teria de enfrentar os problemas da cidade.

Apesar de imaginária, Tarcisis mantém-se fiel no que concerne à arquitectura romana. Mário de Carvalho, o autor, tentou respeitar estes elementos, apoiando-se em fontes bibliográficas sobre este período histórico. Mas estes elementos arquitectónicos são também importantes em termos de espaço narrativo e, em concreto, numa estreita relação com a evolução da personagem de Lúcio ao longo do romance. Respeitando estes conceitos irão ser analisados e comparados os requisitos arquitectónicos, arqueológicos e espaciais, associando-os com a evolução da personagem principal.

ABSTRACT

In the second century of our era, Romans had already expanded their Empire through the actual territory of Spain and Portugal. Tarcisis a city located in Lusitania, near Eborac (currently Évora – Portugal), was facing several threats. Barbarians were invading it and were getting near Tarcisis. Simultaneously Christians have already arrived to the city in order to expand their religion among romans. Roman Empire was starting to fall. Lúcio Valério Quíncio, the magistrate of Tarcisis, had to deal with all these problems, all by himself.

Despite an imaginary city, Tarcisis is a trustworthy Roman city in what concerns to architectural and urbanistic construction. Mário de Carvalho, the author, tried to be faithful to these elements reading all he could about this historical period. But these archeological elements are also important in terms of space narrative that is in relation to Lucio's character evolution along the novel. Respecting these concepts we will analyze and compare architectural, archeological and spatial requirements and associate them with the evolution of the main character, Lúcio.

“Por outras palavras, como não pensar que este é o grande «romance de *educação*» da nossa literatura contemporânea, no sentido assaz literal de romance *para* a educação (não sentimental mas cívica) do seu leitor? A questão, dir-se-ia, está em saber se o romance pode ainda hoje desempenhar esse papel talvez obnubilado em definitivo pelo triunfo de todos os Rufos mediáticos dos nossos dias.”¹

¹ SILVESTRE, Osvaldo (1997), “*Mário de Carvalho: revolução e contra-revolução ou um passo atrás e dois à frente*”, in *Revista Colóquio / Letras*. Ensaio n.º 147, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 223.

Índice

I. Os alicerces do clássico em <i>Um deus passeando pela brisa da tarde</i> . Notas introdutórias	1
II. Dignidade, Gravidade, Romanidade, Humanidade vs. Um deus passeando pela brisa da tarde	6
III. Breve análise da génese do romance em <i>Um deus passeando pela brisa da tarde</i>	22
IV. A arquitectura civil em <i>Um deus passeando pela brisa da tarde</i>	28
a. Basílica, cúria e pretório	31
b. Templos e edifícios sagrados	33
c. <i>Domus et insulae</i>	38
d. <i>Villae</i>	41
e. Jardins (privados)	43
f. Termas / banhos Públicos	45
g. Teatro	48
h. Mercados e tabernas	49
i. Ruas	50
j. Aqueduto	53
k. Muralha e portas da cidade	54
l. Fórum	57
m. Biblioteca	58
n. <i>Et Alia</i>	59
V. O espaço arquitectónico enquanto matriz de Lúcio Valério Quíncio. Notas conclusivas	60
Bibliografia	63
Anexos	66

I. Os alicerces do clássico em *Um deus passeando pela brisa da tarde*. Notas introdutórias

“A outros clássicos volta Mário sempre – Tácito, Suetónio, Petrónio, Luciano. «São tipos que eu manejo em leituras muito egoístas», o que significa que delas extrai o que lhe interessa. Como agora para «Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde».”²

Os ditames romanos são o alicerce clássico presente em *Um deus passeando pela brisa da tarde*. Pelas páginas desta obra de Mário de Carvalho há uma constante rememoração de figuras histórico-literárias como, por exemplo, Cícero, *Orador*³, ou em textos como *O Satíricon* de Petrónio,⁴ *Heautontimorumenos* de Terêncio,⁵ as *Bucólicas* de Virgílio⁶ e, até mesmo, os *Génesis*,⁷ entre outros. A intemporalidade do clássico galgou muitos séculos e conseguiu fixar-se em pleno século XX:

“«Estamos em plena *pax romana*» - esclarece Mário de Carvalho, mas esta «pax» é ainda a do seu livro. É a «paz europeia» que em Portugal se vive há vinte anos, e que, segundo ele, « de um momento para o outro pode acabar».”⁸

É das experiências do passado, muitas delas relatadas pela voz destas figuras histórico-literárias, que podemos tentar perceber e solucionar as nossas provações. Lúcio, a figura central deste romance cuja narração é feita em pleno século II d.C., busca respostas concretas nas palavras de vários autores clássicos que lhe precederam, tentando perceber o momento e as circunstâncias que vive. O leitor de *Um deus passeando pela brisa da tarde* faz o mesmo ao ler as páginas deste romance, apercebendo-se que está completamente enquadrado nas questões histórico-filosóficas, que permanecem questões cíclicas e contínuas, por mais séculos que passem.

Não é difícil percorrer as estantes das bibliotecas e encontrar obras que nos remetem para diferentes épocas civilizacionais. Muitas destas obras trespassaram os meandros da literatura, tendo servido de inspiração para criações cinematográficas, teatrais, musicais, entre outras. As épocas grega e romana ocupam lugares centrais

² SILVA, Rodrigues da (1995), “Mário de Carvalho. Um estóico dos dias de hoje”, in *Jornal de Letras*, edição de 2 de Agosto de 1995, pp. 14-15.

³ CARVALHO (1994), cap. I: p. 13.

⁴ *Ibidem*, cap. XIX: p. 304.

⁵ *Ibidem*, cap. X: p. 166.

⁶ *Ibidem*, cap. I: p. 21.

⁷ *Ibidem*, nota introdutória.

⁸ SILVA (1995), p. 15.

nestes escaparates. Quando nos reportamos ao romance histórico, a aproximação ao presente das diferentes épocas históricas serve de mote à criação literária. E é nestes afluxos literários que podem ocorrer desconsiderações, propositadas ou não, às personalidades citadas e/ou ao próprio curso da História. Mas, há ainda autores que, reconhecendo o valor histórico dos legados passados, preferem manter-se fiéis a estes. E, alicerçado em bases convenientemente definidas, cronológica e culturalmente, Lúcio esclarece: “O que não conseguir recordar, comporei, sem qualquer escrúpulo. A imaginação também é amparo da verdade.”⁹ É esta verdade histórica que Mário de Carvalho irá defender, a que “(...) recria situações e ambientes que nos transportam para o mundo Antigo – mítico, histórico e literário, (...) no intuito de conferir à narrativa um pano de fundo rico de sugestões”.¹⁰ No entanto, tal como escreve Lúcio, a verdade histórica não é linear, sendo passível de equívocos que só o tempo ajuda a compreender.

A leitura de *Um deus passeando pela brisa da tarde* propicia então este retrocesso temporal. Os desígnios de Lúcio são os mesmos do homem do século XX e XXI. As cidades continuam a enfrentar diversos tipos de intimidações: extremismos religiosos, belicismo, degradação arquitectónica, corrupção, etc.. Esta abordagem do clássico permite um conhecimento e uma reflexão do próprio Homem através dos séculos, e parece que pouco ou nada se alterou. Osvaldo Silvestre faz uma ponte entre a abordagem histórica de *Um deus passeando pela brisa da tarde* com factos contemporâneos esclarecendo:

“(...) o romance histórico é, e aliás sempre foi, uma forma de abordar questões de hoje: e nada como reflectir sobre o mais bárbaro dos séculos (o nosso)¹¹ a partir de situações históricas em que os bárbaros se encontram às portas da Cidade (quando não a governam, por desencontradas razões de hereditariedade ou conspiração política).”¹²

Observando a História e os acontecimentos marcantes talvez encontremos uma resposta num passado remoto, como se a História se reescrevesse. O espaço romano em que Lúcio vive (Tarcis e a romanidade) vai acompanhá-lo sempre. Apesar de ir viver

⁹ CARVALHO, Mário (1994), *Um deus passeando pela brisa da tarde*, 12ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, Cap. I: p. 27.

¹⁰ PEREIRA, Virgínia Soares (2012), “Como dizia o outro: a presença dos Clássicos em Mário de Carvalho”, in *Ensaio sobre Mário de Carvalho*: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 204.

¹¹ Osvaldo Silvestre escreve este texto em 1997, referindo-se ao século XX como tendo sido o mais bárbaro dos séculos, aludindo às duas grandes guerras mundiais.

¹² SILVESTRE, Osvaldo (1997), “Mário de Carvalho: revolução e contra-revolução ou um passo atrás e dois à frente”, in *Revista Colóquio / Letras*. Ensaio n.º 147, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 219.

para a sua *villa*, afastando-se de Tarcisis, é impossível Lúcio desviar-se da concepção romana. Há sempre algo que é perpétuo. Como imaginaríamos a nossa cultura sem o alicerce romano? Sem a urbanidade, o *otium* e o *negotium*, a *Domus Iustitiae*, sem esta infindável panóplia de atributos da cultura romana que, por sua vez, também se sustentou noutras grandes culturas clássicas, nomeadamente a helénica.

“(...) o homem do nosso tempo já não está interessado em fixar o olhar no passado mais ou menos distante. Prefere, olhando para o passado com os olhos fixos no presente, iluminar ambos os tempos, o antigo e o moderno, em simultâneo e como que num jogo de espelhos recíprocos.”¹³

É nesta reciprocidade que o clássico é transversal à linha da história da Humanidade. É impossível dissociarmo-nos dele, como se precisássemos de “(...) estudar o passado para compreender uma parte importante de nós mesmos.”¹⁴ As ruínas, ou melhor, a representação das ruínas em *Um deus passeando pela brisa da tarde* são, de igual modo, este legado que o Império Romano construiu e, que apesar da sua queda, prevaleceu na História e se disseminou século após século. Salvatore Settis (2006) refere, sobre a questão das ruínas, “esse singular equilíbrio entre continuidade e descontinuidade que se seguiu à queda do império romano, que encarna o grau máximo nas ruínas (como presença e como ausência) e que se estende às línguas, aos gestos, às instituições, aos mil vestígios da cultura antiga - «clássica» que temos em nós próprios, frequentemente sem nos apercebermos.”¹⁵ Romper com o clássico, neste caso com a cultura romana, é impraticável. Seria, em boa verdade, descaracterizarmo-nos enquanto lusitanos, europeus, cidadãos do mundo. Seria extinguir a nossa formação cívica e individual, comprometendo os valores das gerações vindouras.

Século II d.C. Marco Aurélio Antonino, o Imperador-filósofo, governa a grandiosa cidade de Roma e todos os seus domínios. Tarcisis, em ruínas, está fragilizada e enfrenta várias ameaças. Por um lado, os árabes encetam a ocupação do território Lusitano e, por outro, a cidade apresenta um avançado estado de degradação arquitectónico, representação metafórica da queda do Império Romano. A muralha é o elemento arquitectónico mais ameaçado. É impossível uma cidade defender-se quando o seu “escudo” protector se encontra fragilizado. Pierre Grimal comprova isso mesmo no seu estudo dedicado às cidades romanas:

¹³ PEREIRA (2012), p. 203.

¹⁴ SETTIS, Salvatore (2006), *El futuro de lo «clásico»*, Madrid: Abada Editores, p. 9. (As traduções são da minha responsabilidade)

¹⁵ *Ibidem*, p. 108.

“As cidades romanas conheceram o seu apogeu nos séculos I e II da nossa era. Foi então que se desenvolveram e atingiram uma magnificência que é, para nós, dificilmente concebível. Mas estes séculos felizes foram seguidos de períodos de instabilidade e de guerras que obrigaram as cidades a concentrarem-se e a eliminar os elementos mais vulneráveis.”¹⁶

Lúcio, representante judicial máximo de Tarcisis, para além destas dificuldades, depara-se com as suas questões filosófico-existenciais. Não descurando as questões existenciais do romance, o nosso estudo irá centrar-se na arquitectura urbanística de Tarcisis. Esta decisão prende-se com o facto de acharmos que os diversos estudos académicos já elaborados sobre esta obra se baseiam, na sua grande maioria, nas questões humanistas. No entanto, *Um deus passeando pela brisa da tarde* é riquíssimo do ponto de vista da pormenorização urbanística. E por esta razão não poderíamos passar ao lado desta vertente histórico-literária, tal como Mário de Carvalho também não passou.

Como veremos, *a posteriori* nesta obra, o escritor teve o cuidado de realizar um incansável estudo das diversas particularidades tanto históricas, como linguísticas, quer arquitectónicas da época, para não deturpar a História. No entanto, “(...) a reconstituição do passado é na realidade impossível (...).”¹⁷ Mário de Carvalho quis “(...) a todo o custo não ficar muito distante dela, tentou sistematicamente criar um clima de verosimilhança e evitar anacronismos e impropriedades nos registos histórico e linguístico.”¹⁸ É esta verosimilhança conferida à arquitectura de Tarcisis que nos propomos inventariar. Apoiados em textos sobre as configurações arquitectónicas das cidades romanas, iremos elaborar um estudo comparativo entre a realidade urbana característica da época imperial romana e a recriação urbanística de Tarcisis. Através desta obra far-se-á um trabalho de reconstituição do espaço arqueológico para melhor se perceber que a actuação e a personalidade de Lúcio se delineiam nesse mesmo espaço. Neste estudo propomo-nos perceber todos os elementos arquitectónicos decorrentes da cidade romana e relacioná-los com Tarcisis. Serão analisados os edifícios mais representativos do *modus vivendi* romano: a muralha, o fórum, a basílica, o tribunal, as termas, o aqueduto, os templos, o teatro e a biblioteca. Outros elementos urbanos serão estudados, tais como: os bairros, as ilhas, as ruas, entre outros elementos que possam ser considerados pertinentes para o estudo. Por conseguinte, com este estudo pretendemos

¹⁶ GRIMAL, Pierre (2003), *As Cidades Romanas*, Lisboa: Edições 70, p. 14.

¹⁷ PEREIRA (2012), p. 214.

¹⁸ *Ibidem*, *idem*.

pôr em evidência todo o trabalho de recolha histórica encetado por Mário de Carvalho, e que tem sido subestimado em prol das questões humanas e filosóficas presentes em *Um deus passeando pela brisa da tarde*.

II. Dignidade, Gravidade, Romanidade, Humanidade *versus* Um deus passeando pela brisa da tarde

Algures na Lusitânia,¹⁹ numa *villa*, relativamente afastada de qualquer centro urbano, vive Lúcio Valério Quíncio, com sua esposa. É neste contexto que o outrora duúnviro enceta a sua narração. Arrasada pela passagem dos bárbaros, esta *villa* é reconstruída para receber Lúcio e Mara, vindos de Tarcisis. É logo no primeiro capítulo, que Lúcio se apresenta.

“Sou um senhor da terra, sou um romano, leio, cultivo-me, marco os tempos com o meu porte, os meus gestos, os meus ditos, as minhas maneiras, a minha fleuma, o meu traje togado. Dignidade. Gravidade. Romanidade. Humanidade.”²⁰

Mas não será a barbárie que arrasará com as convicções do antigo duúnviro de Tarcisis. Independentemente do que pudesse acontecer, os vestígios de destruição, arquitectónica e humana, seriam muito pouco visíveis. No entanto, traços de destruição estavam presentes, causando desassossego. Através de um simples desenho de um peixe,²¹ Lúcio traz à memória os seus anos de magistratura, em Tarcisis.

¹⁹ Como nota de abertura do seu romance, Mário de Carvalho esclarece que o município de Tarcisis, na designação latina *Fortunata Ara Tulia Tarcisis*, nunca existiu. Porém, ao longo da obra é possível percepcionar uma eventual localização desta cidade. São dadas várias indicações geográficas que a posicionam num contexto de cidade histórica e arqueológica, registadas nos Anais. Tarcisis localizava-se na Lusitânia, sob o domínio do Império Romano. Perante a ameaça árabe, avançando o inimigo de Sul para Norte, de Marrocos em direcção ao Sul da Lusitânia, várias cidades são enunciadas como atingidas por esta invasão: *Volubilis* (cap. II: p. 33, 40); *Lixus* (cap. II: p. 34); *Septem Fratres* (cap. II: p. 33 e cap. IX: p. 154), actual território de Marrocos; *Gades*, Cádiz, (cap. II: p. 34 e cap. IX: p. 154); *Emerita*, Mérida (cap. IX: p. 154), actual território de Espanha; *Ossonoba*, Faro (cap. IX: p. 154); *Vipasca*, próximo de Aljustrel (cap. III: p. 48 e cap. V: p. 83); *Miróbriga* (cap. II: p. 30); *Ébora*, Évora (cap. VII: p. 122), actual território de Portugal. De forma muito concreta, o narrador esclarece que *Ébora* localizava-se a “(...) umas cinco ou seis milhas a Norte” de Tarcisis (cap. VII: p. 122), ou seja, separavam Évora de Tarcisis entre 8 a 10 quilómetros.

Após consulta de TALBERT, Richard (2000), *Barrington Atlas of the Greek and Roman World*, Princeton and Oxford: Princeton University Press. Part 2: Hispania – Líbia, cartas: 26, 28, podemos conferir que:

a) *Volubilis*, *Lixus*, *Septem Fratres* pertenciam à província romana *Mauretania Tingitana* (carta 28);

b) *Gades*, *Emerita*, *Ossonoba*, *Vipasca*, *Miróbriga*, *Ébora* pertenciam à província romana *Lusitania-Baetica* (carta 26).

²⁰ CARVALHO, Mário (1994), *Um deus passeando pela brisa da tarde*, 12ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, cap. I: p. 16.

²¹ A propósito da simbologia do peixe Chevalier e Gheerbrandt esclarecem: “A simbologia do peixe estendeu-se ao cristianismo (...). A palavra grega *Ichthys* (= peixe) foi, com efeito, tomada pelos cristãos, como um ideograma em que cada uma das cinco letras gregas era vista como a inicial de outras tantas palavras que se traduziam por: Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador, Iesus Christós, Theou Uios Soter. Daí as numerosas representações simbólicas do peixe nos antigos monumentos cristãos (em especial funerários) Entretanto, na maioria dos casos, o simbolismo, mesmo permanecendo estritamente cristológico, recebe uma dimensão um pouco diferente: dado que o peixe é também um alimento, e até Cristo ressuscitado o comeu (*Lucas*, 24, 42), ele torna-se símbolo do alimento eucarístico, onde ele figura frequentemente ao lado do pão.”

“Por fim, como o peixe vive na água, o simbolismo por vezes vê-lo-á como sendo uma alusão ao baptismo: nascido da água pelo baptismo, o cristão compara-se a um pequeno peixe, à imagem do próprio Cristo (Tertuliano, *Tratado sobre o Baptismo*, I).” Cf. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANDT, Alain (1982), *Dicionário de Símbolos – Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Lisboa: Editorial Teorema, p. 516. (As traduções são da minha responsabilidade)

“Na era moderna o peixe (Grego *ichthys*) (...) tornou-se um símbolo secreto, através do qual os Cristãos se reconheciam uns aos outros, quando estavam entre não crentes hostis. É um facto que o símbolo surgiu com muita frequência no início do universo

Decorria o ano de 175 d.C. da era de Augusto, sob os comandos de Marco Aurélio Antonino. Tarcisis, subjugada ao poder imperial de Roma, era mais uma cidade da Lusitânia que entreolhava, ainda que tranquilamente, as ameaças dos bárbaros, vindos do Sul. Os dias decorriam entre as actividades quotidianas dos habitantes de uma pequena cidade, sem grandes alvoroços e pretensões, assim assevera o nosso narrador, Lúcio. Trifeno e Lúcio eram os duúnviros de Tarcisis. Com a morte de Trifeno e à falta de candidatos ao cargo Lúcio é declarado, pelos decênviros, autoridade judicial máxima da cidade. Claramente o magistrado, no momento da sua eleição, não fica agradado com esta decisão. O próprio sabe que a sua eleição é premeditada. Lúcio sabe que ninguém se interessa pelos assuntos da urbe. Total despreocupação reinava entre poder local e população. A todos interessa descartarem-se dos problemas da cidade. A realidade estava espelhada entre a população e os poderes executivos de Tarcisis.

“Quero apenas acentuar a despreocupação um tanto irreverente, de algum modo tola, e, em absoluto, ímpia, que então campeava em Tarcisis. Os mais notáveis nada tomavam a sério; a plebe não tomava a sério os notáveis. E nesta leviana irresponsabilidade, todos se julgavam protegidos por uma grande redoma, diáfana mas sólida, velada por benévolos deuses guardiões.”²²

Não existia “(...) sequer uma voz que chamasse à discussão o interesse público, nem um raciocínio que ponderasse as ameaças que impendiam sobre Tarcisis, nem um gesto mínimo de renúncia à ociosidade e pusilanimidade gerais... Estavam então assim os meus concidadãos?”²³ Unanimemente eleito para um duplo mandato Lúcio, “(...) modelo de piedade, de moderação e de sageza (...),”²⁴ deter-se-á com duas questões primordiais: a defesa de Tarcisis face às investidas dos bárbaros e os indícios da chegada de devotos de uma nova religião à cidade. Apesar das contrariedades, Lúcio estava determinado. “Havia deveres a cumprir, um direito a regular os meus actos, um vínculo de lealdade para com o Imperador, e ameaças a enfrentar.”²⁵

De certa forma, Tarcisis já transparecia o estado de ameaça em que se encontrava todo o Império Romano. O advento do Cristianismo viria para agitar a romanidade.

Cristão até ao fim do século quarto (...).” Cf. BIEDERMANN, Hans (1992), *Dictionary of Symbolism*. Translated by James Hulbert. New York and Oxford: Facts on File, p. 131.

²² CARVALHO (1994), cap. II: p. 32. (As traduções são da minha responsabilidade)

²³ *Ibidem*, cap. II: p. 44.

²⁴ *Ibidem*, cap. II: p. 43.

²⁵ *Ibidem*, cap. II: p. 41.

É durante as suas visitas à cidade que toma nota do estado de degradação generalizado em que ela se encontra. Até mesmo, o símbolo defensivo de Tarcisis está em ruínas, “(...) as muralhas da cidade, erigidas no tempo de Augusto, nunca mais haviam sido reparadas.”²⁶ O contacto, muito directo com todos os redutos citadinos, desde os bairros mais abastados aos bairros mais caóticos, e às ruas infestadas pelos dejectos, fazem Lúcio repensar a sua magistratura. “Pois que sabia eu, afinal, da minha cidade? Nem conhecia sequer as ruas sórdidas e escorregadias em que caminhava agora.”²⁷ Não conhecendo as ruas, os bairros, os recantos, as tabernas, como conheceria o duúnviro, os seus cidadãos, os seus problemas, as suas preocupações? Até mesmo, as ameaças internas? Os vestígios iam surgindo, contudo, iam escapando a Lúcio. A chegada de uma nova “seita” a Tarcisis, já tinha ocorrido.

As crenças dos cristãos já estavam a ser difundidas pelos bairros mais pobres, o *Episkopos*, tratava de disseminar o seu “peixe”. Os primeiros indícios também não são claros, daí que Lúcio também não lhes dê atenção. Numa parede “(...) pude distinguir uma mancha caiada, com um desenho: um peixe, nadando entre círculos que figuravam rodas de aros ou, talvez, pães.”²⁸ O esboço, já difundido pela cidade, expunha, dissimuladamente, a presença de cristãos em Tarcisis. Tudo era relativamente desconhecido para Lúcio.

Mas, neste momento de ameaças bélicas, o duúnviro, teria como principal objectivo a defesa da sua cidade e dos seus habitantes. A preocupação com os mouros não era matéria recente. Receosos do que poderia vir do Sul, e preparando a defesa citadina, eram enviados emissários com o intuito de se inteirarem dos avanços daqueles exércitos. Airhan foi um dos escolhidos por Lúcio para o fazer. E as notícias, que deu conta, não eram as mais desejadas. Os mouros avançavam rapidamente pela Lusitânia, deixando para trás um rasto de destruição total. Lúcio, apreensivo com os avanços inimigos, decide reconstruir a muralha de Tarcisis, completamente esquecida, “(...) um dos sinais do desmazelo e da incapacidade, mais que reconhecida, de gerações sucessivas de edis.”²⁹ Inicia-se, portanto, a primeira grande deliberação, no que concerne à preservação arquitectónica de Tarcisis. Lúcio entra em negociações com empreiteiros, e reúne-se, no pretório, com Aulo, para se inteirarem do plano da muralha.

²⁶ *Ibidem*, cap. II: p. 47.

²⁷ *Ibidem*, cap. IV: p. 68.

²⁸ *Ibidem*, *idem*.

²⁹ *Ibidem*, cap. IV: p. 70.

Ambos constataam que a cidade de Tarcisis foi crescendo, erradamente, sob a linha defensiva. Todo o tipo de casas foram edificadas, sem respeitar qualquer plano urbanístico tendo sido, inclusivamente, transposta a própria linha defensiva. Para tal, Lúcio defende a demolição de todas as construções que foram erguidas na linha defensiva da cidade, independentemente de quem nelas habitava. Esta decisão inabalável, ainda que em prol da questão pública, irá ser usada como baluarte acusatório. Pôncio, que construíra a sua faustosa mansão sob a muralha, fora um dos notificados da decisão do duúviro. Nem o pedido de Calpúrnio, representante máximo de Tarcisis, que apela à manutenção da harmonia entre os notáveis, que tinham destruído o bem público em prol do bem privado, demove Lúcio.

É neste momento crucial e delicado da magistratura de Lúcio, que chega à cidade Máximo Cantaber, acompanhado pelas suas duas filhas, Iunia e Clélia Cantaber. Em simultâneo, Lúcio é confrontado com a pretensão de Rufo Glicínio Cardílio, “(...) descendente de escravo, iletrado, impávido (...),”³⁰ de candidatar-se a edil. É no meio de toda esta azáfama que Lúcio se depara com a intransigente negação de Pôncio em abandonar a sua mansão. Apesar dos esforços do magistrado e amigo, Pôncio acaba por cometer suicídio. Em tom acusatório, e com interesses políticos, Rufo Cardílio, serve-se da tragédia de Pôncio para imputar a culpa ao magistrado. Mas Lúcio, apesar do ataque às suas convicções, não cede, nem se deixa derrubar. As suas ideologias não iriam ser derrotadas pela incúria política. Lúcio afirma: “Tudo deveria fazer, é certo, a bem dos interesses da cidade. Embora não tenha pedido quaisquer responsabilidades, fora educado para as aceitar e suportar em prol do bem público.”³¹ Perante a passividade popular e a negligência política e judicial instalada em Tarcisis, Lúcio não pretendia sucumbir. Os obstáculos vão-se avolumando, mas Lúcio ia preparando Tarcisis para qualquer ataque militar, vindo do exterior. Todos temiam os mouros e enquanto a obra não terminasse, os trabalhos não poderiam parar, ou sequer abrandar. Não poderiam colocar a cidade em risco de saque. Tomados por esta realidade, não se apercebem que a invasão da cidade, paulatinamente, estava a ser executada. O inimigo invasor já se instalara, e por lá ficara, pronto para abalar a ideologia romana. As armas eram um ataque às ideologias e aos costumes dos cidadãos. Ao próprio Lúcio escapava-lhe este

³⁰ *Ibidem*, cap. VI: p. 95.

³¹ *Ibidem*, cap. VII: p. 112.

pormenor. Assoberbado com as questões do tribunal e da própria cidade, o assunto vai-lhe sendo dado a conhecer, muito furtivamente.

Com a chegada de Máximo Cantaber a Tarcisis Lúcio contempla “(...) algum conforto, nesses tempos ásperez.”³² Apesar da chegada do amigo, Lúcia nunca descursa a lucidez e os conselhos de Mara, sua esposa. Mas os conselhos desta, naquele momento, não faziam sentido para o duúnviro. Apesar da sua romanidade, Lúcio era um céptico, relativamente a determinadas crenças e tradições romanas. Daí que, quando a sua esposa o aconselha a passar uma noite no templo para se libertar da sua amargura, Lúcio opõe-se. Na sua autenticidade, não poderia fazer algo que fosse contrário aos seus princípios. “Dormir agora uma noite no templo poderia, talvez, constituir um acto político astuto, apto a devolver-me a simpatia da cidade.”³³ Não era o que procurava.

Lúcio começa a inteirar-se da expansão dos “adeptos do peixe”. As constatações são cada vez em maior número. A população agita-se, sentindo-se incomodada. É numa destas manifestações que é dada a conhecer, ao magistrado, a origem destes rituais: a casa de Máximo Cantaber, amigo de longa data de Lúcio. “Já não se tratava apenas da mesquinha intriga urbana que se consubstanciara na carta anónima. Era uma outra acusação contra Máximo, de fonte diferente e, de certo modo, credível.”³⁴ Lúcio, cauteloso, decide aguardar por mais informações que sustentassem tal afirmação, feita ao seu velho amigo. O alvoroço era cada vez maior, até a comunidade hebraica de Tarcisis se manifestava contra os cristãos, os “adeptos do peixe”. Mas algo maior perturbou o duúnviro. Foi oferecido um peixe a Mara, um lúcio. Esta oferta não deixou o magistrado indiferente.

“Desta vez, através de um simbolismo especioso: um peixe, portador do meu nome, devastador e canibal, que engole tudo o que é vivo em volta e que, uma vez à solta, é a ruína das lagoas e dos viveiros.”³⁵

Após todos estes incidentes, Lúcio decide fazer uma visita a Máximo Cantaber, Na remota sumptuosa mansão dos Cantaber, Lúcio fica surpreso com o estado de degradação desta e dos seus jardins.

³² *Ibidem*, cap. VII: p. 108.

³³ *Ibidem*, cap. VII: p. 111.

³⁴ *Ibidem*, cap. VII: p. 119.

³⁵ *Ibidem*, cap. VII: p. 125.

“Se a casa não estava hoje em escombros e se os jardins ainda deixavam entrever o antigo fausto pelo recorte dos canteiros, pelos esconderijos das rochas, sabiamente dispostas, pelos caminhos sombreados que os cruzavam, já as ervas daninhas, a secura amarela de talhões inteiros, o encardido dos muros e das falsas ruínas, mostravam o relativo desleixo a que o terreno havia sido votado.”³⁶

É então que Lúcio confirma todas as suas suspeições. A seita adoradora do peixe e a sua maior confessa viviam na mansão dos Cantaber. Tratava-se de Iunia Cantaber, a filha mais velha de Máximo. O duúnviro assiste a alguns rituais religiosos, sem ficar indiferente a Iunia. Perante a sua fragilidade, Máximo pede conselhos a Lúcio, pois não sabe como deve agir perante as escolhas religiosas da própria filha. Apaziguador, o magistrado não se opõe à prática de rituais. O próprio comunga da ideia de que se “(...) se encontrassem de maneira mais discreta, se não dessem nas vistas, se se fizessem esquecer, por uns tempos...”³⁷ tal como a comunidade hebraica, a população acabaria por esquecê-los. Mas Iunia estava disposta a tudo, mesmo contrariando o próprio duúnviro. Ele próprio admite que “(...) a presença de Iunia se me impunha mais do que as suas palavras.”³⁸ A ameaça já não se restringe à população, à cidade. A ameaça invade a conduta de Lúcio Quíncio.

As inquietações de Lúcio em relação a Iunia são minoradas, por curto período de tempo, com um acontecimento inesperado, que chama a atenção de todos. A captura de um mouro enche de surpresa Tarcisis. O bárbaro “(...) era de pequena estatura, tão magro e de tão fraca aparência, que dir-se-ia incapaz de, em vida, ter manejado uma arma.”³⁹ Perante tal suposição, seria necessário repensar a grandeza bélica do inimigo. O próprio prisioneiro transportava consigo, unicamente, pequenas lanças, arcos e flechas, um gládio hispânico e pequenos artefactos para defesa pessoal. Supor-se-ia que os mouros lançados ao combate em terras inimigas, estariam bem mais apetrechados para combater o seu inimigo. As obras na muralha estavam quase concluídas, para agrado e tranquilidade de Lúcio.

Paulatinamente, Tarcisis retoma o seu quotidiano. O povo já esquecera o trágico episódio da morte de Pôncio. A reconstrução da muralha estava prestes a ser concluída

³⁶ *Ibidem*, cap. VIII: p. 129.

³⁷ *Ibidem*, cap. VIII: p. 138.

³⁸ *Ibidem*, cap. VIII: p. 141.

³⁹ *Ibidem*, cap. IX: p. 145.

e, provável ameaça bárbara afigurava-se débil. Lúcio poderia dedicar-se aos pequenos problemas judiciais da cidade, com mais calma e atenção.

Entretanto, Iunia não deixava por mãos alheias as suas crenças. Qualquer decisão que Lúcio tomasse a filha de Máximo opor-se-ia, com convicção. Lúcio era resiliente, educado, face aos acometimentos da jovem que atentavam contra os seus valores; a dignidade, a gravidade, a romanidade, a humanidade. No entanto, Iunia tocava Lúcio de uma forma que, ele próprio tentava repudiar. Sentia “(...) por todo o corpo uma impressão de incomodidade, súbita, intensa, quase dolorosa.”⁴⁰ Pressionado e desafiado vai cedendo aos pedidos da jovem mulher. Como se não bastassem as preocupações com os cristãos, Lúcio é informado da aproximação dos bárbaros. Airhan informa Lúcio que estes já teriam passado o Estreito, entrando na Lusitânia, e estando próximos de *Gades* e *Ossonoba* e, por conseguinte, de Tarcisis, mais a Norte. Estalara a ameaça dentro e fora de muralhas.

Os cidadãos pedem o julgamento de Mílquion, o *Episkopos*, e dos seus seguidores. Lúcio tenta manter a paz entre o seu povo, pedindo a Mílquion que se abstivesse de comportamentos que inflammassem os habitantes de Tarcisis. Para agravar a situação, Rufo Cardílio enceta uma perseguição a Mílquion e à “(...) pérfida seita, apostada em minar confianças, apodrecer os costumes e lançar os cidadãos em práticas aberrantes, impróprias da humanidade.”⁴¹ É nesta sequência de acontecimentos, que a mansão de Máximo Cantaber é assaltada e todos os seus cães são mortos. Lúcio acorre à casa do seu amigo. A presença de Iunia e as suas discussões religiosas incomodam-no. Cada encontro com a jovem revela-se um problema, e estava convicto “(...) que não seria a última vez que um impulso qualquer, inesperado, irresistível, havia de arrastar-me até junto daquela mulher (...).”⁴²

Entre todos estes acontecimentos e a propósito de um encontro com Calpúrnio, Lúcio recorda a sua passagem por Roma, dez anos antes. As palavras do Imperador Marco Aurélio ecoavam na sua memória. A comitiva de Tarcisis fora recebida pelo Imperador, e Lúcio Quíncio, para espanto de todos, fora convocado por Marco Aurélio, para uma conversa, a título particular. Marco Aurélio tinha reparado, durante os jogos que se celebraram no Circo Máximo, que o duúnviro de Tarcisis fora o único homem

⁴⁰ *Ibidem*, cap. IX: p. 150.

⁴¹ *Ibidem*, cap. IX: p. 161.

⁴² *Ibidem*, cap. X: p. 170.

presente, que não apostara. Os jogos não eram, definitivamente, algo por que partilhasse interesse. Lúcio repudiava a carnificina humana e animal. Do seu encontro privado com Marco Aurélio, o magistrado reteve os seus conselhos, quanto ao procedimento de governação. Lúcio foi aconselhado a actuar como um líder e não como um filósofo. As suas “(...) convicções interviriam como um mero capricho pessoal, alheio e perturbador.”⁴³ Esse tipo de conduta poria em causa a governação da urbe. Prosseguindo, o Imperador adverte Lúcio, enunciando-lhe outro dos seus deveres: o homem público deve “(...) saber tudo o que se passa à sua volta.”⁴⁴ Estas palavras, compreendidas apenas uma década depois, despontam num momento fulcral na magistratura de Lúcio. Os sentimentos que nutre por Iunia impedem-no de tomar decisões, face às obrigações que a legislatura do Império impunha. O próprio sentia-se pouco à vontade com o desconhecimento que tinha perante a sua cidade. Lúcio não conhecia as ruas, os bairros, o povo que por lá habitava, que ameaças estavam iminentes. Esse isolamento é-lhe lembrado por Calpúrnio:

“Dizem-me que estás a isolar-te dos nossos concidadãos. Não recebes os clientes, incompatibilizas-te com a cúria, não frequentas as termas, nem o triclinio dos outros...”⁴⁵

À medida que os dias correm, as preocupações de Lúcio adensam-se com a ofensiva bárbara, não dispondo de tempo e disposição para o ócio e o lazer, contrariamente a todos os outros representantes máximos da urbe. Tarcisio teria de aceitar Lúcio, tal como era. A todo o custo, Calpúrnio tenta demover Lúcio a entregar o salteador Arsenna à ira popular. O magistrado, demovido pela sua conduta anticarnificina, recusa-se.

“Sou um magistrado, dependo da lei, do Senado e do Povo de Roma. Não sou um sátrapa!”⁴⁶

Calpúrnio enfurece-se com as palavras do seu duúviro e resolve defrontá-lo, expondo aquilo a que Lúcio tanto se tinha renegado.

“ – Eu sei! Tu, Lúcio Valério Quíncio, estás enfeitiçado por Iunia Cantaber e é daí que derivam as tuas evasivas. Não do entendimento, mas do coração. Estas seitas maléficas têm artes e encantamentos capazes de destruir o discernimento de um homem.”⁴⁷

⁴³ *Ibidem*, cap. XI: p. 193.

⁴⁴ *Ibidem*, *idem*.

⁴⁵ *Ibidem*, cap. XII: p. 196.

⁴⁶ *Ibidem*, cap. XII: p. 200.

⁴⁷ *Ibidem*, cap. XII: p. 201.

O confronto com a realidade enfurece Lúcio. Calpúrnio tenta exaltar a sua romanidade, mas o duúnviro sente-se diminuído na sua dignidade. Dado que o senador não consegue dissuadir Lúcio, informa-o que irá apoiar a candidatura de Rufo Cardílio a edil de Tarcisis.

Um turbilhão emocional apoderara-se de Lúcio. Afinal, não conseguira omitir os seus sentimentos por Iunia.

No decurso normal da cidade, outro facto veio abalar Tarcisis. Cornélio Lúculo, poeta e mendigo, teria sido assassinado sob o signo do peixe. Lúcio necessitava de se isolar e por isso recolheu ao seu pretório e ao seu tribunal. A cidade vivia momentos de tensão, que a qualquer momento poderiam levar à desordem pública. E, uma vez mais, a dignidade e a romanidade de Lúcio será posta em causa. Rufo Glicínio Cardílio “(...) denunciava formalmente Máximo e Iunia Cantaber e outros por actos indiciadores de impiedade, com incitamento à rebeldia contra o Senado e o Povo de Roma (...).”⁴⁸ Estes actos eram perpetrados “(...) por sacrilégio com os deuses da república, através de factos e omissões; pela prática de ritos obscenos e repugnantes, com celebrações ocultas; por associação ilícita e não autorizada, com violação dos éditos imperiais; por traição à cidade, com prestação de honras fúnebres aos seus inimigos; por promiscuidade social, com a celebração de mistérios em que participavam escravos; por feitiçaria, com expulsão de demónios e predições do futuro, matéria reservada aos áugures; por desacatos e violações da paz, com lesão da liberdade política dos cidadãos.”⁴⁹ Face ao ambiente social criado, não restava a esta família senão a condenação à morte. E com Calpúrnio a apoiar Rufo, a situação de Lúcio era deveras delicada. Ao anoitecer, Lúcio pretende auxiliar a família e acorre à mansão dos Cantaber para alertar Máximo da acusação, de que estavam a ser alvo. No entanto, logo se apercebe que “(...) uma vez mais, não era Máximo que eu queria ver. Tinha-me enganado a mim próprio...”⁵⁰ Perante tais desconcertos emocionais, Lúcio sente a necessidade, urgente, de repensar os seus valores, decidindo fazer um “exame de consciência”.

Entretanto Tarcisis continuava sob a ameaça dos mouros, preparando-se para a sua chegada, tendo até recuperado um ónagro, dos escombros. É então que se dá o

⁴⁸ *Ibidem*, cap. XII: p. 208.

⁴⁹ *Ibidem*, *idem*.

⁵⁰ *Ibidem*, cap. XII: p. 210.

desaparecimento de Clélia, a filha mais nova de Máximo Cantaber. As primeiras desconfianças recaem sobre Rufo Cardílio, dada a sua animosidade para com esta família. Lúcio confronta-o e, após ouvir os relatos de um vagabundo, apercebe-se que Clélia terá saído de Tarcisis em direcção ao santuário dedicado a Endovélico. É nesta busca por Clélia que, pela primeira vez, são avistados os bárbaros.

“A partir de cinco ou seis estádios de distância, a planície estava coberta de homens e animais em movimento. Milhares de figuras progrediam devagar e desordenadamente (...). Nada que se parecesse com uma ordem de batalha ou uma legião em marcha. (...). Arrastavam-se indivíduos e grupos dispersos, uns carregando fardos, outros eriçados de armas rudimentares, outros trazendo o seu jumento, alguns a cavalo, a grande maioria a pé, pouquíssimos de carro. Não havia ali vanguarda nem rearguarda, nem vélites nem impedimenta. Era uma massa, dispersa, à toa, pela charneca fora.”⁵¹

Aparentemente, e apesar de numerosos, os bárbaros não se mostravam equipados e organizados para a batalha. Mesmo assim, convinha manter a cidade sob alerta. Afinal, uma cidadã já teria sido raptada. Urgia tentar salvá-la. O primeiro contacto com eles foi no intuito de resgatar Clélia. Estavam dispostos a negociar a sua libertação em troca de todo o ouro e prata dos santuários de Tarcisis. Lúcio negou-lhes tal pedido, oferecendo somente alimentos. Não tendo alcançado um acordo, e sentindo-se ameaçados pelos homens de Tarcisis, matam Clélia. É com este episódio que os bárbaros tentam tomar de assalto Tarcisis. Entre o alvoroço do confronto alguns árabes conseguem entrar na cidade.

“Nesse momento, quando as catapultas suspenderam a sua azáfama e os sinais sonoros que nos vinham de outros pontos da muralha indicaram o recuo dos mouros, eu admirei-me e estou certo de que todos tínhamos o mesmo pensamento, da relativa facilidade com que uma guarnição tão diminuta e impreparada havia rechaçado a leva compacta dos atacantes.”⁵²

Máximo Cantaber perde a vida na batalha. Após o término desta eis que surge Calpúrnio, distribuindo algum dinheiro pelos seus combatentes. Rufo, apenas ele, é aclamado herói, pelo decênviro, devido ao acto heróico de ter, com a ajuda dos seus seguidores, “(...) interceptado um magote de mouros, acossado pelos defensores, já a caminho do fórum e que, quase sem luta, os trespassaram com os dardos.”⁵³ Tarcisis,

⁵¹ *Ibidem*, cap. XIII: p. 227.

⁵² *Ibidem*, cap. XIV: p. 239.

⁵³ *Ibidem*, *idem*.

progressivamente, reerguia-se, sem descurar a sua situação de cerco, se bem que longe dos seus limites.

“Os turnos de vigilância às muralhas sucediam-se conformes à escala e sem novidades. A vida, entremuros, retomou o seu curso dos dias simples. O próprio mercado reabriu. Os templos encheram-se. Prosseguiu o despacho no pretório. Houve até um litigante que veio protestar, em forma, por encontrar o tribunal encerrado.”⁵⁴

Apesar da acalmia, os problemas iam despontando. Tumultos iam surgindo na mansão de Máximo Cantaber. Um grupo de mulheres insurgia-se contra Iunia Cantaber. Aos poucos, a multidão foi aumentando, contando com a presença de Rufo e de Lúcio. Face à crescente ira, e para proteger os cristãos, Lúcio ordena a prisão destes, excepto a de Iunia. Mas contrariada Iunia pede para ser encarcerada com os seus. Com paciência, o magistrado tenta dissuadir Iunia da sua própria decisão, alegando a sua condição social. No entanto, para a jovem nada a poderia separar dos seus “irmãos”, nem mesmo a autoridade judicial de Tarcisis. Distraídos com os tumultos de Tarcisis, muitos habitantes, Lúcio inclusive só mais tarde, são informados das investidas fracassadas dos mouros à cidade. Para gaudío dos habitantes de Tarcisis, os cristãos estavam por fim presos. Sem que nada o previsse, a “(...) bela mansão dourada dos Cantaber, as suas preciosidades, estavam agora calcinadas e derretidas.”⁵⁵ De propósito ou não, a memória dos Cantaber ia sendo extinta, tal como convinha a Tarcisis e à sua romanidade.

Com passividade, os mouros iam-se acomodando, para lá das fronteiras de Tarcisis. A verdadeira perseguição estava a ser realizada entre portas. O povo tomado pela ira enceta uma “caça” a todos os cristãos de Tarcisis, até que todos estejam presos, a aguardar o derradeiro julgamento. Já diante do tribunal, uns mais aterrorizados que outros tentam escapar à condenação à morte. Lúcio incansável tenta apaziguar as sessões de inquérito. A alguns presos, manda-os libertar. Sem nada o prever, pela noite, os mouros partiram. Tarcisis celebra! Juntam-se no pretório, os decênviros e o duúnviro. É declarado que os presos devem manter-se nos ergástulos, incluindo Iunia Cantaber, apesar da sua descendência. Os decênviros não queriam, de forma alguma, que os ritos festivos sofressem qualquer atropelo. Querendo com insistência ajudar Iunia, o

⁵⁴ *Ibidem*, cap. XVI: p. 246.

⁵⁵ *Ibidem*, cap. XVI: p. 259.

duúnviro planeia a sua fuga do ergástulo. Mas a jovem recusa. Queria ser condenada, tal como o seu divino Mestre o fora injustamente.

Após a partida dos mouros, a delegação de Tarcisis parte em direcção ao acampamento da *VII Legião Gémina*. Ao contrário do que fora solicitado por Lúcio, Calpúrnio integra na comitiva Rufo Cardílio. Seguem a acompanhá-los Ápito e Aulo, este último outrora fiel a Lúcio. Calpúrnio e a sua comitiva, sem dar a conhecer ao duúnviro, partem sem a sua presença. Já no acampamento, Lúcio é apresentado a Marco Agneio Scauro, “(...) comandante da força militar em campanha, constituía agora a autoridade máxima na região.”⁵⁶ Pelas palavras do comandante, o magistrado apercebe-se que foi traído pela comitiva de Tarcisis. De propósito, Calpúrnio ordenou a antecipação da partida da delegação, sem o conhecimento do duúnviro. Aproveitara a ausência de Lúcio para denegrir a imagem deste perante Marco Scauro.

De volta a Tarcisis e ao seu tribunal, Lúcio recebe uma cópia de um édito do Imperador, tendo como intermediário Scauro. Não era o original. Esse estava reservado na tenda pretorial!

“O extracto era categórico, minucioso e não deixava margem a dúvidas: qualquer nova religião estava proibida; recomendava-se a todos os magistrados especial atenção aos partidários da seita chamada cristã, contumazes em lançar a sedição no Império, em confundir a lealdade dos cidadãos, e em dedicar-se a práticas atentatórias da paz, da saúde e do bem-estar do povo. (...). Seriam libertados apenas os que jurassem, face a um objecto sacro, renunciar à sua superstição, conformando-se aos ritos próprios da romanidade.”⁵⁷

Lúcio não se conforma com as palavras de Marco Aurélio.

“Como podia um homem tão clemente, tão ciente da relatividade das coisas e das opiniões, publicar normas assim inflexíveis e arbitrárias? Por que perseguir os cristãos, mais que os mitraicos, os de Cibele, os de Ísis, os de Sótrato, os judeus? (...) Que mal fazia o concurso daquele deus na multidão de divindades que pululam no Império, ou acima dele?”⁵⁸

Decepcionado e revoltado, Lúcio pondera, pela primeira vez, em demitir-se do seu cargo de magistrado. Mas essa não seria a solução mais acertada. Ao fazê-lo, estaria a contrariar as leis do Império. Com coragem, decidira suportar todas as consequências que decorressem da sua continuidade como duúnviro de Tarcisis. Lúcio decide anunciar

⁵⁶ *Ibidem*, cap. XVII: p. 282.

⁵⁷ *Ibidem*, cap. XVIII: pp. 292-293.

⁵⁸ *Ibidem*, cap. XVIII: p. 293.

o julgamento aos cristãos, inclusive a Iunia. No dia anterior ao julgamento, Lúcio ocupou-se com tarefas fúteis. Estava a preparar-se para o derradeiro julgamento. Apesar de não suportar sacrifícios, o magistrado consagrou “(...) um pequeno bezerro branco, coberto de flores, ao deus que tomava a brisa da tarde, para que não abandonasse os seus fiéis e, em especial, para que intercedesse por Iunia.”⁵⁹ Para assistir ao julgamento, surge Scauro, seguido por Rufo e Calpúrnio. A multidão juntara-se às portas da basílica, como se de um espectáculo se tratasse. Lúcio inicia o interrogatório aos cristãos. Um por um, querendo salvar-se, renunciavam à religião cristã, incluindo Mílquion.

“Todos, de roldão, correram para a estátua [de Júpiter], numa pressa quase histérica (...).”⁶⁰

No entanto, Iunia, não renega.

“– Sim duúnviro, escolho o martírio! Quero morrer pela minha fé, como morreu por nós o Salvador, e ofereço o meu sacrifício a estes que me apupam!”⁶¹

Proserpino, representante da acusação, para espanto geral, tenta desculpar Iunia pela sua crença religiosa. Para tal, alega a sua fragilidade emocional, enquanto viúva e órfã de mãe. Ao pressentir a assistência a agitar-se perante as palavras de Proserpino, Lúcio anuncia que o tribunal iria retirar-se para deliberar. Perante o que sucedeu no tribunal, Lúcio, Scauro, Ápito, Cósimo e Calpúrnio tentam tomar uma decisão, pelos “interesses da República”. Aliás, a ser declarada a culpa a Iunia Cantaber, “(...) seguirá para Roma e a sentença será ou não confirmada pelo pretor. O sangue de Iunia nunca recairá sobre nós...(...)”,⁶² refere Ápito. O tribunal decide pela absolvição dos escravos. Iunia seguiria para Roma, no dia seguinte.

Para surpresa geral, Énio Calpúrnio adopta Rufo Cardílio. Antes da sua partida, Scauro interpela Lúcio Valério. Era sua determinação deixar Tarcisis pacificada. Aos outros a sua actuação não parecia adequada aos costumes e práticas comumente aceites entre os Romanos. O suicídio de Pôncio e a sua condescendência para com os cristãos, irritaram muitos notáveis.

“Ele, Scauro, pressentia alguma ingratidão e, mesmo, injustiça, nestes rumores.”⁶³

⁵⁹ *Ibidem*, cap. XIX: p. 304.

⁶⁰ *Ibidem*, cap. XIX: p. 310.

⁶¹ *Ibidem*, cap. XIX: p. 315.

⁶² *Ibidem*, cap. XIX: p. 321.

⁶³ *Ibidem*, cap. XX: p. 324.

Então Scauro, com amabilidade, pede a Lúcio que se retire para a sua *villa*, por algum tempo. Lúcio não comungava dos valores que o decadente Império impunha. Sentia-se um homem desajustado. O seu modo de estar, de ser não se integrava com as práticas que a comunidade respeitava. Precisava, urgentemente, de se afastar da “inconstância humana”. O magistrado Lúcio Valério Quíncio abandona Tarcis com Mara, a sua esposa dedicada.

“Quando, no dia seguinte, saímos da cidade, ninguém nos acompanhou. (...). Perto já do acampamento militar (...), uma voz chamou, atrás de nós. Era Proserpino que corria no nosso encalço. Chegou perto do meu carro e continuou a correr ao lado:

- Lúcio Valério! Boa viagem! Que os deuses te sejam propícios e te façam regressar em breve! Lágrimas sinceras escorriam-lhe pelas faces. Arfava de cansaço. Eu, de súbito, senti-me estranhamente comovido mas não consegui dizer nada. A alta figura de Proserpino foi ficando para trás, sozinha, no meio da charneca.”⁶⁴

Lúcio e Mara ocuparam, muito do seu tempo, na reconstrução da *villa*. Poucas notícias iam chegando de Tarcis. Énio Calpúrnio morrera. Rufo Cardílio, seu filho adoptivo, ascendeu ao duunvirato. De Iunia, nunca mais teve notícias.

“Se tivesse que escolher uma personagem talvez escolhesse o Lúcio Valério de *Um Deus Passeando Pela Brisa da Tarde*, que me parece o exemplo de um homem recto e digno, mas que falha também porque não se conseguiu adaptar a um mundo que não é feito só dessas coisas e desses princípios.”⁶⁵

Mário de Carvalho

Decorria o ano de 1994 quando Mário de Carvalho publica *Um deus passeando pela brisa da tarde*. A sua obra contava já com várias publicações e prémios literários. Mas *Um deus passeando pela brisa da tarde* reúne consenso. São-lhe atribuídos quatro prémios: o Grande Prémio de Romance e Novela APE/IPLB (1995), Prémio Fernando Namora (1996), Prémio Pégaso internacional de Literatura (1996) e Prémio Literário Giuseppe Acerbi - Itália (2007).

⁶⁴ *Ibidem*, cap. XX: p. 326.

⁶⁵ DIAS, Ana Sousa (2014), “A vida secreta das palavras”, in *Revista Ler*, número 132, p. 31.

“Para *Um Deus Passeando...*, eu li tudo o que tinha à mão sobre aquela época. Muitos dos pequenos episódios que aparecem no livro são tirados de livros clássicos. Há várias ideias que são do Marco Aurélio, algumas delas, de tão contemporâneas, até parecem anacrônicas: «Não me cesarises», por exemplo. Depois, tive o cuidado de verificar as datas, os acontecimentos, com a preocupação de, no caso de transgredir ou de cometer algum anacronismo ou erro histórico, que fosse por opção narrativa e não por ignorância. Sei que antecipei o cristianismo em cem anos, o que não é inverosímil. Tive também a preocupação de usar o vocabulário adequado, às vezes com a necessidade de importar palavras directamente do latim. Estou a lembrar-me da palavra «pomério», que é o espaço sagrado em volta da cidade, que separa as últimas casas das muralhas. Não há palavra portuguesa para isso. E há a palavra «janitor», o homem que guarda as portas. Preferi não usar «guarda-portão» e importei do Latim, porque quis usar o vocabulário preciso. Também tive que ter muito cuidado com certos vocábulos que designam qualidades abstractas, pois há um desvio semântico muito grande em relação à forma latina. Por exemplo, quando falamos de piedade, não falamos da «pietas» latina. Crueldade também não é a mesma coisa que a «crudelitas» romana. Tudo isto foi ponderado. Quando aparecia um étimo árabe muito evidente, eu hesitava. Praticamente todas as palavras e frases desse livro foram passadas por uma peneira, ou para serem rejeitadas, ou para serem alteradas, ou para serem assumidas.”⁶⁶

A leitura deste romance transporta o seu leitor para uma total experiência do mundo romano. Todos os detalhes foram tidos em conta. A questão da romanidade é vivida profundamente. Tarcisis e a sua população são o espelho da cultura Romana. Esta aculturação está patente no quotidiano destes Lusitanos. Tal como os Romanos, o povo de Tarcisis é devoto aos mesmos deuses, obedecendo ao mesmo sistema judicial e compartilhando dos mesmos costumes e tradições. A própria construção da cidade de Tarcisis, apesar dos vestígios da presença de povos anteriores,⁶⁷ reflecte os princípios arquitectónicos das cidades romanas. Contudo, Lúcio é um desajustado à romanidade. Os augúrios dos deuses não o convencem. Os jogos e os sacrifícios repugnam-no. O ócio desenfreado não se coaduna com a sua postura de trabalho e de serviço à urbe e à população. O princípio “Em Roma sê romano!” não se adapta à sua personalidade. Aquando da visita da delegação de Tarcisis ao Imperador, Lúcio não foi romano. Não

⁶⁶ COTRIM, João Paulo (1996), “*Alguma coisa me perturba*”, in *Revista Ler*, número 34, p. 48. (<http://www.mariodecarvalho.com/media/imprensa>)

⁶⁷ Estes são alguns dos vestígios da presença de povos em Tarcisis antes da conquista romana “(...) a sobrevivência indígena de casas redondas de traça antiga e telhados de colmo (...). Aproximávamo-nos da colina chamada «Tumultuária», uma das elevações da cidade, outrora o castro que lhe deu origem, segundo contam, e que sustentava, numa das suas vertentes, a mansão dos Cantaber”, in CARVALHO (1994), cap. IV: p. 63. Deve-se também considerar “(...) o santuário a Endovélico, perdido no meio de um azinhal, muito distante, onde havia uma nascente, quase sempre seca no Verão, que brotava dentro dum templete rústico.” *Ibidem*, cap. XIII p. 225.

foi capaz de compartilhar da euforia desenfreada dos seus pares, ao assistirem ao sacrifício de jovens na arena.

“Chego a pensar que há algo em mim de estranho, por não conseguir aderir ao senso comum dos meus concidadãos.”⁶⁸

Desenquadrado desta realidade social e cultural só resta a Lúcio isolar-se na sua *villa*. Neste lugar renovado, iria conquistar o seu espaço individual, à imagem dos seus valores e das suas crenças sem, no entanto, esquecer os mais recentes reptos que os cristãos, e em especial Iunia, lhe haviam dirigido. A Cristandade não lhe havia ficado indiferente.

Capítulo após capítulo, Mário de Carvalho não descuidou qualquer pormenor, nem foi abrandando. Apesar de *Um deus passeando pela brisa da tarde* se centrar em Lúcio Valério Quíncio é, de todo, imprescindível fazer valer outros aspectos da narrativa. Seria impossível criar um Lúcio Valério Quíncio se não existisse Tarcisis. E esta pequena cidade da Lusitânia é um dos espelhos da mensagem deste romance. A sua arquitectura, pormenorizadamente descrita por Mário de Carvalho, é a previsão da ruína do Império Romano. Perante a ausência de Lúcio, está livre o caminho para colocar em prática tudo o que o magistrado abominava na romanidade. Num ápice Rufo Cardílio, após ser adoptado pelo edil Calpúrnio, é nomeado novo duúnviro de Tarcisis, acompanhado de Ápito. Assim sendo, e aproveitando esta nomeação, faz regressar a Tarcisis as tradições que Lúcio tanto evitou, como por exemplo, os jogos “(...) em que a principal atracção fora o esquartejamento de Arsenna por mastins da Caledónia.”⁶⁹ Ausente, Lúcio recorda a outrora Tarcisis que tentou humanizar e organizar, mas que falhou, não por sua vontade, mas por vontade do povo.

⁶⁸ *Ibidem*, cap. XI: p. 183.

⁶⁹ *Ibidem*, cap. XX: p. 327.

III. Breve análise da génese do romance em *Um deus passeando pela brisa da tarde*

As raízes do romance surgem em plena antiguidade clássica. Carlos García Gual situa um dos primeiros romances no século II a.C., *Histórias milésias* de Aristides de Mileto.

“O romance ocidental nasceu num contorno histórico bem definido e num ambiente espiritual de ampla tradição literária, o próximo oriente helenizado, saturado pela cultura grega. (...) Neste mundo surgiu o romance como género da literatura grega. Desde o século I a.C. ao século IV d.C. temos uma série de romances, resto de uma produção muito mais ampla, como testemunham alusões de outros escritores e fragmentos de papiros descobertos por acaso.”⁷⁰

Em *Um deus passeando pela brisa da tarde* há uma alusão a um dos primeiros romances da antiguidade clássica redigido no século I d.C., *O Satíricon* de Petrónio. A citação desta obra de Petrónio é feita por Mara, esposa de Lúcio, tentando elucidá-lo para a realidade, que só ele não conseguia compreender.

“...«o mestre da eloquência que não fizer como o pescador e não puser na ponta dos seus anzóis o engodo que sabe ser apreciado pelos peixinhos, ficará longas horas no seu rochedo, desesperado de pescar alguma coisa...»”⁷¹

As palavras do prosador não poderiam ser mais elucidativas. Lúcio nunca conquistaria o povo se não soubesse persuadi-lo, dizendo o que gostariam de ouvir.

A temática do romance vai-se alterando ao longo das épocas literárias ampliando, desta forma, os cenários diegéticos, à preferência de cada escritor, e mesmo até do leitor, e da própria realidade social de cada fase em questão.

“Alargando continuamente novas técnicas narrativas e estilísticas, o romance transformou-se, no decorrer dos últimos séculos, mas sobretudo a partir do século XIX, na mais importante e mais complexa forma de expressão literária dos tempos modernos.”⁷²

Em pleno domínio contemporâneo, Mário de Carvalho irrompe até ao século II d.C. para escrever as memórias de Lúcio Valério Quíncio prevenindo:

⁷⁰ GARCÍA GUAL, Carlos (1972), *Los orígenes de la novela*, Madrid: Ediciones ISTMO, pp. 18-20. (As traduções são da minha responsabilidade)

⁷¹ CARVALHO (1994), cap. XIX: p. 304.

⁷² AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel (1996), *Teoria da Literatura*, Coimbra: Livraria Almedina. 8ª Edição, volume I: p. 671.

“Este não é um romance histórico.”⁷³

É com esta nota de abertura que Mário de Carvalho adverte os seus leitores. Em entrevista o autor esclarece:

“Fiz questão de dizer isso, porque não queria de forma alguma confundir-me com uma linha que vem desde o Garret, o Herculano, passando por Rebelo da Silva, em que me parece haver a pretensão de reconstituir as situações históricas como se o autor lá estivesse.”⁷⁴

Apesar desta afirmação, é impossível ficar indiferente ao realismo histórico que Mário Carvalho imprimiu, em *Um deus passeando pela brisa da tarde*. O próprio atesta esta necessidade de dar aos seus leitores um conjunto de relatos fiéis e fidedignos, não se tendo poupado em estudos e análises históricos e linguísticos.

“Para *Um Deus Passenado*..., eu li tudo o que tinha à mão sobre aquela época. Muitos dos pequenos episódios que aparecem no livro são tirados de livros clássicos. (...) Depois, tive o cuidado de verificar as datas, os acontecimentos, com a preocupação de, no caso de transgredir ou de cometer algum anacronismo ou erro histórico, que fosse por opção narrativa e não por ignorância. Sei que antecipei o cristianismo em cem anos, o que não é inverosímil. Tive também a preocupação de usar o vocabulário adequado, às vezes com a necessidade de importar palavras directamente do latim. (...)”⁷⁵

Para corroborar a classificação de romance histórico, Mário de carvalho ressalva na sua nota de abertura a inexistência do município de Tarcisis.

“Tarcisis, ou, mais propriamente, o município de Fortunata Ara Tulia Tarcisis, nunca existiu.”⁷⁶

Esta obra romanesca foi organizada sob uma base de relatos históricos fidedignos⁷⁷, à qual o autor acrescentou duas componentes fictícias: as personagens e a cidade de Tarcisis. Natália Constâncio a propósito deste mesmo romance, e citando Maria de Fátima Marinho sobre a sua obra dedicada ao romance histórico, menciona que “(...) as ligações entre a História e a narrativa revelam-se, neste romance, paradoxais: por um lado, a ficção histórica afirma-se como ficção, por outro, atesta a sua veracidade (mesmo que ironicamente).”⁷⁸ Em boa verdade, os factos ficcionados foram irrepreensivelmente assentes em factos reais. A leitura de *Um deus passeando pela*

⁷³ CARVALHO (1994), nota introdutória.

⁷⁴ HORTA, Maria Teresa (1995), “A nossa romanidade”, in *Diário de Notícias / Artes*. Edição de 4 de Fevereiro, p.31.

⁷⁵ COTRIM (1996), p. 48.

⁷⁶ CARVALHO (1994), nota introdutória.

⁷⁷ COTRIM (1996), *idem*.

⁷⁸ CONSTÂNCIO, Natália (2007), *Ruínas e incertezas em Um Deus passeando pela brisa da tarde, de Mário de Carvalho*, Lisboa: Edições Colibri / Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, p. 41.

brisa da tarde transporta o leitor para um cenário histórico-cultural, de total plausibilidade. É nesta configuração romanesca literária que, para além de outros elementos, se deseja “(...) todavia a verosimilhança, a realidade, mesmo a «certificação» do que é narrado.”⁷⁹ A veracidade histórica é marcada e atestada na abertura do capítulo II.

“Aos 213 anos da era de Augusto, 928 da fundação da Urbe, sob o império de Marco Aurélio Antonino (...).”⁸⁰

Contudo, ainda nesta citação, o autor dá-nos conta dos factos históricos não reais. Este parágrafo inicial é um exemplo, para além de muitos mais ao longo da narrativa, da configuração romanesca.

“(...) era eu duúnviro em Tarcisis, pela segunda vez, e exercia a magistratura juntamente com Gaio Cecílio Trifeno, cidadão sobremaneira estimado, que deixou de viver subitamente e em circunstâncias extravagantes.”⁸¹

A diegese deste romance espelha “(...) um realismo moderno, que desde então [século XIX] tem vindo a implementar-se em formas cada vez mais ricas, em concordância com a realidade da nossa vida em constante mutação e expansão.”⁸²

Um deus passeando pela brisa da tarde gira em torno de Lúcio Valério Quíncio, enquanto duúnviro de Tarcisis. Atento à sua cidade e aos desafios que se avizinham, o duúnviro vai dirigindo os assuntos judiciais e urbanísticos de forma irrepreensível, a seus olhos. A arquitectura e o planeamento urbanístico são um desafio para Lúcio. A cidade de Tarcisis é, pois, o grande centro de movimentação da acção do romance. É a reconstrução da muralha que efectiva os primeiros ódios públicos declarados ao duúnviro. A representação da cidade, em decadência, funciona como um dupla metáfora: por um lado, representa a queda do Império e, por outro configura o desfecho da personagem principal. Dada esta configuração espacial à obra, é plausível classificá-la como um *romance de espaço*. Na sua obra, *Teoria da Literatura*, Aguiar e Silva teoriza desta forma acerca do romance de espaço:

⁷⁹ KAYSER, Wolfgang (1976), *Análise e interpretação da obra literária. Introdução à ciência da literatura*, Coimbra: Arménio Amado, Editor, Sucessor, p. 400.

⁸⁰ CARVALHO (1994), Cap. II: p. 29

⁸¹ *Ibidem, idem.*

⁸² AUERBACH, Erich (1942), *Mimesis. La representación de la realidad en la literatura occidental*, México: Fondo de Cultura Económica, p. 524. (As traduções são da minha responsabilidade)

“Romance que se caracteriza pela primazia que concede à pintura do meio histórico e dos ambientes sociais nos quais decorre a intriga. (...). O meio ainda pode ser geográfico ou telúrico, (...), embora este meio telúrico seja indissociável, na visão do romancista, do homem que nele se integra.”⁸³

O espaço em que se move Lúcio é uma tela rica em descrições e pormenores, sendo fundamentalmente imagético. Para tal, atentemos à memória de Lúcio, quando relembra uma das suas visitas a um bairro de Tarcisis.

“O escravo empurrou os batentes e os ecos do bronze ecoaram pela travessa estreita. (...) A lua, correndo entre nuvens escuras, vincava, de quando em quando, as linhas dos muros, os contornos das fontes, o rendilhado das telhas, ainda gotejantes. (...). Sobrepondo-se ao crepitar da resina e ao gemido do vento nas tabuletas das lojas, ressoavam no lajedo as pancadas do pau ferrado que o homem trazia na mão direita. Depois, ao longe, um cão ladrou.

(...). Estava impaciente por chegar rapidamente à muralha (...). Por uma escada de pedra, já muito erodida, apoiada na parede escalavrada duma ilha, subimos ao aqueduto, para evitarmos os tropeços da calçada (...).

(...). A Decumana deserta, por cima da qual íamos passando; o fórum, com a monotonia rígida das suas colunatas e a imponência do templo de Júpiter; o espaço côncavo do teatro inacabado branqueando À distância; a confusão das ruas estreitas, com a sobrevivência indígena de casas redondas de traça antiga e telhados de colmo, contrastando com as ilhas de tijolo (...). A basílica, que eu era capaz de descrever por dentro, até aos recantos mais escusos, (...), parecia-me, naquele momento, na sua longínqua frieza de pedra, uma edificação de outro mundo, alheio, parado, morto, de alma inacessível...”⁸⁴

Esta primazia descritiva permite ao leitor uma concepção detalhada do espaço em que o narrador se move. É evidente em *Um deus passeando pela brisa da tarde* um exaustivo enquadramento espacial, sendo assim criada uma autêntica *pintura* de cada espaço enunciado. Através da riqueza dos detalhes, o narrador vai dando a conhecer a sua cidade e os seus cidadãos. Este rigor descritivo estende-se, igualmente, aos espaços interiores das edificações, nas festividades.

“A mansão da família Cantaber havia sido tão sumptuosa, em tempos, que os jardins eram gabados em todo o Sul pela frescura dos relvados, pela espantosa engenharia dos jogos de água e pela vegetação exótica, importada de países distantes, que aí vicejava. Então cirandavam aves estranhas, muito coloridas, pagas a peso de ouro que, não raro, se sacrificavam fantasiosamente,

⁸³ AGUIAR E SILVA (1996), p. 685.

⁸⁴ CARVALHO (1994), cap. II: pp. 62-63.

que o avô de Máximo, de origem turdetana, mandava espalhar pó de ouro nos hipocaustos (...).”⁸⁵

Este espaço urbano é tão importante do ponto de vista arquitectónico como o é do ponto de vista social. Aquando do julgamento dos cristãos, o narrador faz-nos chegar esta informação:

“Eis que todos se precipitaram em tropel e num instante a basílica ficou repleta. Disputavam-se lugares, rompiam alterações. A multidão cavalgou pelas escadas e as galerias superiores fervilharam de gente colorida. Não parecia dar-se grande atenção às prioridades resultantes da consideração social. Confundiam-se, em sequências agitadas, homens e mulheres, decuriões e plebeus, artesãos e escravos e, até, rústicos vindos de longe, habitualmente tão desafectos da coisa pública. O ruído de vozes, risos e passos preencheu o amplo espaço.”⁸⁶

É esta confluência de espaços públicos e privados que dá credibilidade histórica à concepção narrativa de Mário de Carvalho. E é nesta acção, neste foco urbano, de pequena dimensão, “(...) em que vivem indivíduos e se fazem experiências pessoais; no melhor dos casos, um espaço portador e talvez gerador de grandes acontecimentos.”⁸⁷ As personagens precisam desta construção espacial para crescerem a nível emocional, para serem motores geradores dos grandes acontecimentos, como sucede com Lúcio e Iunia. De referir ainda que, ao trazer para a acção um alicerce de factos históricos reais (sociais, culturais e arquitectónicos), este mesmo fundamento tenha a capacidade de credibilizar as próprias personagens (ficcionalizadas).

Os espaços são, de igual modo, importantes na concepção da personagem de Lúcio. Como afirma Reis e Lopes, referindo-se ao espaço na narrativa de viagens, “(...) é a novidade do espaço (ou a sua redescoberta) que rege toda a construção do relato, numa abertura de horizontes que acaba por se projectar sobre o sujeito da viagem, ele próprio uma entidade em mudança. Assim se estabelece uma tensa relação de interacção entre três categorias fundamentais da narrativa, espaço, personagem, e acção (...).”⁸⁸ O personagem principal deste espaço, Lúcio, apesar de não ser um sujeito de viagem, está intimamente afecto ao seu espaço físico, à cidade de Tarcisus. Esta cidade e o que dela brotará (ameaças bélicas e ideológicas) levarão Lúcio a protagonizar uma viagem emocional derivada da sua inadaptação ao espaço físico e social.

⁸⁵ *Ibidem*, cap. VIII: p. 129.

⁸⁶ *Ibidem*, cap. XIX: pp. 306-307.

⁸⁷ KAYSER (1976), p. 399.

⁸⁸ REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina (1996), *Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Livraria Almedina. 5ª Edição, p. 138.

Ao determo-nos no título da obra, *Um deus passeando pela brisa da tarde*, conseguimos compreender a importância que o espaço confere à obra. A utilização do gerúndio *passeando* vem conferir a importância que o espaço preconiza na obra. No próprio tempo verbal, está implícito o conceito da necessidade da existência de um espaço, neste caso, do *jardim*.

“Do lugar onde passava [jardim dos Cantaber] vi, ao longe num relance, por entre sombras, uma mulher nua de pé, sobre uma tina.”⁸⁹

Na abertura do romance, como citação introdutória, Mário de Carvalho enuncia a passagem dos *Génesis* 3.8:

“Aperceberam-se de que o Senhor Deus percorria o jardim pela frescura do entardecer...”⁹⁰

A importância do *jardim* toma outras proporções quando criamos uma intertextualidade com o espaço físico de Tarcisís. A cidade começa a ser palco da divulgação da palavra de Deus. Nos bairros da urbe vão surgindo seguidores deste Deus. O Cristianismo prolifera. Deus espalha assim a sua Palavra, pelo *jardim* romano, ao anoitecer.

Tarcisís é uma cidade romana fidedigna do ponto de vista da recriação da arquitectura. Este espaço idealizado por Mário de Carvalho parece não omitir a arquitectura característica das áreas urbanas implementadas no Império Romano. Tal, e como já foi referido (nas notas introdutórias), deveu-se ao estudo incansável do autor para não forjar os factos históricos e culturais. A edificação de Tarcisís é de tal ordem importante do ponto de vista do espaço, que seria contraproducente não a analisar. A projecção de uma cidade assente numa arquitectura marcante, como a romana, vem enaltecer e iluminar uma história que, por sua vez, transparece a queda do Império.

O romance urbano não possa resplandecer sem o recurso à arquitectura e *Um deus passeando pela brisa da tarde*, não é excepção. Como refere Aguiar e Silva, os “(...) romances urbanos, isto é, romances em que uma cidade não é apenas o quadro em que decorre a intriga, mas constitui, com o seu pitoresco, os seus contrastes, os seus segredos, etc. o próprio assunto romanesco”,⁹¹ tela sobre a qual se vai pintar a “história”.

⁸⁹ CARVALHO (1994), cap. VIII: p. 130.

⁹⁰ *Ibidem*, citação introdutória.

⁹¹ AGUIAR E SILVA (1996), p. 703.

IV. A arquitectura civil em *Um Deus Passeando Pela Brisa da Tarde*

É no decorrer do ano 213 da era de Augusto que nos é apresentada Tarcisus, uma cidade romana da Lusitânia. É impossível falar da arquitectura civil de *Um deus passeando pela brisa da tarde* sem referir o Imperador Augusto (63 a.C – 14 d.C).

“No ano 13 a.C., o Senado romano decidiu erigir um altar em sinal de agradecimento pelo sucesso das campanhas do imperador Augusto na Hispânia e na Gália, que tiveram como resultado a submissão definitiva de ambos os territórios a Roma.”⁹²

O *Saeculum Augustum* trouxera ao Império a *Pax Romana* “(...) que se estende até aos Severos, em 193 depois de Cristo.”⁹³ É com Augusto que se dá a conquista do actual território que é a Península Ibérica:

“Foi então [16 e 13 a.C.] (e não no ano 27, como tradicionalmente se acreditava) quando Augusto estabeleceu uma nova divisão territorial da Hispânia baseada em três províncias: Tarraconense, Lusitânia e Bética. Novas cidades, estradas e construções monumentais alteraram, nuns anos, a face da Península, que ficou por completo integrada no crescente Império Romano.”⁹⁴

Por toda a extensão do território imperial, em especial em Roma, Augusto ordenou “(...) o restauro a larga escala de muitos edifícios sagrados (...). Restaurou determinadas instituições republicanas e restabeleceu práticas religiosas que caíram em desuso. (...) Todavia, a maior contribuição de Augusto foi a reorganização administrativa da cidade (...).”⁹⁵ Esta organização administrativa pressupôs um planeamento cuidadoso a nível da construção civil, quer no que concerne à organização e distribuição do espaço urbano, quer ao nível da inovação. Ainda na cidade de Roma, o Imperador executa o seguinte:

“Exemplos importantes são o restauro de oitenta e dois templos (entre os quais o de Júpiter Tonante, de César, de Apolo Palatino, os do Palatino, do Quirinal e do Aventino). No domínio da

⁹² GARCÍA JURADO, Francisco (2015), “El triunfo de Augusto. Ara Pacis”, in *National Geographic Historia*, número 135, p. 58. (As traduções são da minha responsabilidade)

⁹³ ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (2009), *Estudos de História da Cultura Clássica II Volume – Cultura Romana*, 4ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 230.

⁹⁴ REDONET, Fernando (2009), “Augusto. La paz de Roma llega a Hispania”, in *National Geographic Historia*, número 70, p. 58. (As traduções são da minha responsabilidade)

⁹⁵ GABUCCI, Ada (2006), *Rome. Dictionaries of Civilization*, Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, p. 16. (As traduções são da minha responsabilidade)

arquitectura civil, reconstrói o teatro de Pompeu, erige o de Marcelo, ergue uma nova cúria e *rostra* e abre o terceiro Forum, repara vias, pontes, aquedutos, por toda a parte.”⁹⁶

No entanto, as cidades enfrentavam alguns problemas, em concreto o da falta de espaço para construção. Apesar de grande parte da população viver nas áreas rurais, os afluxos de pessoas aos centros urbanos não parava de aumentar. Este problema também se verificava em Roma. Perante esta questão o imperador decide tomar medidas, e uma delas é a adopção da construção em altura, as denominadas *insulae*. Parece que o mesmo terá acontecido em Tarcisus, e tal como em Roma, estas e outras construções acabaram por destruir o perímetro da muralha.

Mas havia ainda a necessidade de aproximar de Roma estes vastos territórios Lusitano e Hispânico. Neste sentido, “Augusto traçou o esqueleto de uma rede de comunicações que uniria as cidades mais importantes da Península.”⁹⁷ Augusto expandia o seu poder pelo imenso território conquistado, através da construção de vias de comunicação, à edificação de cidades e à difusão do culto aos deuses romanos. Pierre Grimal na sua obra *As Cidades Romanas* é peremptório em afirmar:

“(…) a noção de cidade é de índole essencialmente religiosa e espiritual. As considerações materiais, autárquicas, estratégicas e económicas só vêm depois. Ainda antes de ser um local de refúgio ou de prazer, a cidade romana é um centro sagrado e um centro jurídico, o que é bastante semelhante. (...) O seu objectivo é dar um corpo material a esta realidade essencialmente abstracta e espiritual que é a cidade.”⁹⁸

As cidades de tipologia romana obedeciam a determinados precedentes, muito à imagem da capital do Império, Roma. Em *The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome* são descritos, de forma muito clara, os trâmites do urbanismo romano. Por esta razão, iremos servir-nos desta abordagem para darmos início ao nosso estudo de caso. Assim sendo, as cidades romanas deveriam estar providas das seguintes estruturas:

“(…) estruturas religiosas – de grandes santuários a pequenas alminhas nas ruas, a topografia sagrada da cidade era uma particularidade marcante, e muitas características das cidades, como por exemplo os cruzamentos, poderiam ter valor religioso. Conveniências como banhos, circos, teatros e anfiteatros eram conhecidos por todo o Império, tal como os edifícios administrativos incluindo a *basilica* (grandes edifícios usados como locais para reuniões públicas), e áreas de multiuso como os *fora* (espaços abertos muitas vezes ladeados por edifícios públicos).

⁹⁶ ROCHA PEREIRA (2009), p. 232.

⁹⁷ REDONET (2009), p. 58.

⁹⁸ GRIMAL (2003), pp. 12-13.

Estruturas temporárias e em espaço aberto também eram características nas cidades. Edifícios comerciais encontrados nas cidades incluíam os *horrea* (armazéns) para armazenamento, mercados, lojas, estalagens, e estabelecimentos de comidas e bebidas. Os lupanares são igualmente conhecidos nas cidades (...). Outro aspecto importante das cidades romanas eram as infra-estruturas, não só no que concerne às estradas mas também ao fornecimento de água, portos e sistemas de resíduos urbanos.

As fortificações formavam parte de muitas cidades (...). Outras fronteiras urbanas podiam ser demarcadas com limites construídos com pedra ou, noutro sentido, poderiam aportar algum simbolismo e mesmo simbolismo religioso. Roma, por exemplo, tinha *pomerium* (...), e este detinha funções legais e religiosas, muito antes da construção de outras estruturas idênticas. (...) de facto, o único tipo de construção que ocorria em qualquer cidade era a habitacional, que poderia incluir um leque variado de construções, desde grandes palácios, a casas e a apartamentos.

(...) Fora dos limites das cidades, mas associados a elas, estavam os cemitérios e territórios extra urbanos que pertenciam à cidade, incluindo apropriação que nem era completamente urbana nem rural.”⁹⁹

São centenas as referências que se podem encontrar em *Um Deus Passeando Pela Brisa da Tarde* que reportam à questão do espaço urbano. Após pormenorizado levantamento destas referências foram recuperados os seguintes elementos arquitectónicos:¹⁰⁰

- a. Basílica, cúria e pretório;
- b. Templos e edifícios sagrados;
- c. *Domus et Insulae*;
- d. *Villae*;
- e. Jardins;
- f. Termas / Banhos Públicos;
- g. Teatro;
- h. Mercados e tabernas;
- i. Ruas;
- j. Aqueduto;
- k. Muralha e Portas da cidade;
- l. Fórum;
- m. Biblioteca;
- n. *Et Alia*.

Por esta ordem iremos proceder de seguida ao início do nosso estudo.

⁹⁹ GAGARIN, Michael (2010), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome*, Oxford: Oxford University Press: Volume 2: p. 162. (As traduções são da minha responsabilidade)

¹⁰⁰ Estas referências podem ser consultadas neste trabalho, em anexo.

a. Basílica, cúria e pretório

A basílica é um dos pontos centrais do espaço existencial de Lúcio Quíncio. Na actualidade servimo-nos da basílica como local de culto religioso. Em pleno Império Romano, a basílica era a sede do poder judicial.

“(…) as basílicas foram introduzidas em Roma no início do século II a.C. para aumentar, por assim dizer, o forum e proporcionar aos cidadãos um local abrigado onde tratar dos seus assuntos durante o mau tempo. Essencialmente, uma basílica, (assim chamada por derivar de um termo grego que significa «Pórtico Real») é uma espécie de mercado coberto cujo tecto pode ser sustentado por uma, por duas ou mesmo quatro fiadas de colunas segundo as suas dimensões.

(…)

A entrada das basílicas ora era uma só, aberta sobre o eixo longitudinal, a meio de um dos lados, ora eram várias, dispostas literalmente. Nas cidades provinciais, a basílica ocupa geralmente um dos lados do *fórum* (…).

Como a basílica servia para acolher não só as actividades comerciais privadas mas também as actividades oficiais, era usual edificar aí um *tribunal*, ou seja, um estrado onde tomavam lugar os magistrados no exercício das suas funções e como, no Império, astas tendiam cada vez mais a ter um carácter judicial, as basílicas tornaram-se por excelência, o lugar onde se fazia justiça.”¹⁰¹

A basílica de Tarcisus consiste na conjugação de vários e diversos serviços públicos. Efectivamente, a basílica da cidade de Lúcio desempenhava o papel de tribunal. Este era o espaço primordial de Lúcio Quíncio. O magistrado, não raras vezes, tratava este local como “*meu tribunal*”, num “*ramerrão costumeiro do despacho*”.¹⁰² A dimensão da basílica é atestada quando Lúcio afirma que da “(…) da janela da basílica podia distinguir, ao longe, por sobre os telhados do casario, os prumos da grande grua que já estava a ser montada junto às muralhas”.¹⁰³ Sabemos também que a *grande nave da basílica*¹⁰⁴ albergava os transeuntes e impunha-lhes a *solenidade do tribunal*.¹⁰⁵

Apesar de Pierre Grimal na sua obra *As Cidades Romanas* apresentar a cúria e o pretório como edifícios diferentes, em *Um deus passeando pela brisa da tarde* estes espaços surgem no piso superior da basílica. Todavia, não foi desconsiderada a importância simbólica destes espaços.

¹⁰¹ GRIMAL (2003): pp. 57-58.

¹⁰² CARVALHO (1994), cap. V: p. 73.

¹⁰³ *Ibidem*, cap. V: p. 77.

¹⁰⁴ *Ibidem*, cap. XII: p. 207.

¹⁰⁵ *Ibidem*, cap. XIX: p. 308.

“(...) a cúria, ou seja, a sala que servia para as reuniões do Senado local (...). A cúria romana era composta essencialmente por uma grande sala rectangular mas mais pequena e menos comprida do que uma basílica. Proporcionalmente, a sala das cúrias é mais considerável do que a das basílicas. Vitróvio explica-nos que tinha de ser assim para dar uma impressão de majestade digna da importância das assembleias para aí convocadas.

(...)

É a cúria que simboliza o espírito oligárquico da cidade romana.”¹⁰⁶

Lúcio convocava os *decênviros da cúria para o pretório*,¹⁰⁷ aguardando numa das janelas do andar superior da basílica.¹⁰⁸ O *duúnviro* passava o seu dia entre o pretório e a cúria a tratar dos assuntos da urbe. Quando se ausentava era para tomar conhecimento das obras que decorriam na muralha e para resolver outros assuntos que o obrigavam a deslocar-se a outros pontos da cidade. Era no pretório que Lúcio aguardava as *ordens do Governador*,¹⁰⁹ e que dava seguimento aos despachos dos seus superiores. A cúria de Lúcio ocupava o tal espaço de *majestade* que Vitróvio¹¹⁰ já havia assinalado. Do ponto mais alto da basílica, *na sala de reuniões do pretório, junto à janela que dava para o fórum*,¹¹¹ Lúcio tinha uma vista privilegiada sobre Tarcisís.

Talvez por uma questão prática, os serviços judiciais estivessem concentrados num único edifício, a basílica. Num andar inferior e subterrâneo desciam-se as *escadas que davam para as funduras das prisões* e avistava-se *uma porta de grades que dava para o ergástulo*.¹¹² Em termos de salubridade este espaço deixava a desejar. A luz era tão ténue que os presos *mantinham-se encafuados nas sombras bafiantes do ergástulo*¹¹³ *imundo e fedorento*.¹¹⁴

A basílica de Tarcisís e a forma como está delimitada sugere uma estratificação social. No andar subterrâneo estão todos os homens e mulheres que cometeram crimes, salientando que nenhum deles pertencia às famílias mais poderosas de Tarcisís. A própria Iunia Cantaber, apesar de estar presa, pertencia a uma família que deixara de exercer qualquer influência em Tarcisís, pois há muito que tinham deixado a cidade. No andar intermédio, ao nível do chão ficava a basílica e o tribunal acessíveis a qualquer pessoa. De salientar que para demarcar a diferença entre a população e os magistrados

¹⁰⁶ GRIMAL (2003): pp. 58-59.

¹⁰⁷ CARVALHO (1994), cap. II: p. 37.

¹⁰⁸ *Ibidem*, *idem*.

¹⁰⁹ *Ibidem*, cap. XII: p. 202.

¹¹⁰ VITRÚVIO (2009), *Tratado de Arquitectura*. Tradução do Latim, introdução e notas por M. Justino Maciel. Lisboa: IST Press.

¹¹¹ CARVALHO (1994), cap. XVII: p. 273.

¹¹² *Ibidem*, cap. XVI: p. 265.

¹¹³ *Ibidem*, cap. XVI: p. 269.

¹¹⁴ *Ibidem*, cap. XVIII: p. 289.

era construída uma tribuna para estes. No andar superior, situava-se o pretório e a cúria apenas destinados aos mais influentes magistrados e governadores da cidade, aludindo ao poder superior destes cidadãos.

b. Templos e edifícios sagrados

O culto imperial era uma das vertentes primordiais da romanidade.¹¹⁵ O povo romano e os seus líderes consagravam aos deuses os seus gloriosos feitos. Estes eram venerados com a maior consideração. Pelo vasto território romano foram construídos templos em honra dos mais variados deuses. Tarcisis não era excepção.

“O culto imperial não existia apenas nas capitais de província. No interior de cada província, várias cidades tinham o seu templo ou altar: aqui, era a cidade que adorava o imperador.

(...)

Vários deuses maiores romanos foram adorados no actual território português: Júpiter, Juno, Marte, Mercúrio, Vénus, Minerva, Apolo, Neptuno, Diana, Líber, Líbera e Prosérpina.”¹¹⁶

“Um templo é um espaço «inaugurado», isto é, convertido em sagrado e reservado aos deuses para que se manifestem. Tudo o que acontece nesse lugar é importante, significativo, e carrega o símbolo da divindade. (...) Das suas antigas práticas subsiste o facto de que os templos continuam a ser erigidos num local elevado. Mas esta não é a única razão para que os santuários dos deuses, incluindo os que se erigem numa planície ou no fundo de um vale, sejam construídos sobre uma plataforma (...).

Este terraço, chamado *podium*, eleva o deus acima dos homens, situando assim os mortais abaixo do seu olhar/existência. (...) Esta disposição dos templos pressupõe uma outra consequência, a entrada neste local só é permitida por um lado, o da fachada, onde se encontra um escadório pelo qual se acede à morada dos deuses. Todo aquele que ao deus se dirige fá-lo debaixo do seu olhar, e não pelas suas costas. Desse modo, os pensamentos que lhe ocorrem nesse momento têm muitas possibilidades de serem inspirados pelo deus.”¹¹⁷

Vários são os templos existentes em Tarcisis, cada um em consagração a diferentes deuses. É-nos mencionado que o templo de Júpiter Ótimo Máximo sofrera

¹¹⁵ “Só a partir do século II antes de Cristo é que se começa a manifestar uma arte romana. (...) Tal como sucede com os acontecimentos políticos, distinguem-se-lhe dois grandes períodos: o republicano, que vai desde o século II antes de Cristo, e o imperial, do principado de Augusto até ao declínio do colosso romano, oficialmente concluído em 476 depois de Cristo.” Cf. TARELLA, Alda (1978), *Como Reconhecer a Arte Romana*, Lisboa: Edições 70, pp. 3-4.

¹¹⁶ ALARCÃO, Jorge (1974), *Portugal Romano*, Lisboa: Editorial Verbo, pp. 158-159.

¹¹⁷ GRIMAL, Pierre (1997), *El Alma Romana*, Tradução do francês por Mercedes Corral Corral. Madrid: Espasa, pp. 79-80. (As traduções são da minha responsabilidade)

obras de remodelação.¹¹⁸ Ainda temos como referências ao templo de Júpiter Ótimo Máximo / Júpiter,¹¹⁹ Jove (Júpiter)¹²⁰ e Marte.¹²¹ Há ainda referência à estátua de Minerva.¹²² Estando localizada no fórum, iremos abordá-la nesse mesmo contexto. O culto a *Júpiter Ótimo Máximo* é assim descrito por Jorge Alarcão:

“Nas províncias ocidentais do Império Romano as aras consagradas a Júpiter Ótimo Máximo são mais frequentes nas áreas militarizadas. Os fortes tinham muitas vezes, nos arredores, um campo destinado a paradas e certamente também a exercícios. Aí se reuniam as guarnições para formularem, no início do ano ou no aniversário da criação do destacamento, os votos pela prosperidade do Império e a saúde do imperador. Nessa ocasião erigia-se um altar a Júpiter Ótimo Máximo.”¹²³

Podemos associar este culto à questão de Tarcisus ser uma cidade fortificada e pedir a protecção de *Jupiter Optimus Maximus*.

Lúcio Quíncio não partilhava do culto aos deuses, daí não frequentar com regularidade estes espaços. Este era um dos pontos fracos da sua tão afamada romanidade. Como o próprio indica relativamente aos templos, estes são *quatro paredes geladas, colunas, escuridão, algumas estátuas*.¹²⁴ Lúcio, aliás, vai mais longe nesta sua afirmação questionando-se:

¹¹⁸ CARVALHO (1994), cap. II: p. 42.

¹¹⁹ *Ibidem*, cap. II: p. 42; cap. IV: p. 62; cap. X: p. 176; cap. XV: p. 254; cap. XIX: pp. 305-307.

Como assinala GRIMAL, Pierre (2009), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, 5ª Edição. Lisboa: Difel: pp. 261-262: “Júpiter é o deus romano assimilado a Zeus. É por excelência o grande deus do panteão romano. Surge como a divindade do céu, da luz divina, das condições climáticas, e também do raio e do trovão.

(...)

No Capitólio romano, Júpiter tinha vários cultos: o mais célebre, aquele que acabou por fazer desaparecer os outros, o culto de *Júpiter Optimus Maximus*, não é o mais antigo. Foi transportado, em data relativamente tardia, do Quirinal para o Capitólio, simultaneamente com as duas outras divindades da Tríade, Juno e Minerva.

(...)

Com o Império, os imperadores colocam-se de bom grado sob a protecção de Júpiter, e alguns querem mesmo passar por ser uma incarnação do deus.

(...)

Em cada cidade de província, o primeiro cuidado dos arquitectos romanos era erigir um Capitólio semelhante ao de Roma, onde instalavam a Tríade, no centro da qual imperava Júpiter. Assim, o deus representava o laço político entre a cidade-mãe, Roma, e as cidades-filhas, que eram a sua imagem em ponto pequeno.” Cf. GRIMAL, Pierre (2009), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, 5ª Edição. Lisboa: Difel: pp. 261-262.

¹²⁰ CARVALHO (1994), cap. IX: p. 147.

¹²¹ *Ibidem*, cap. IX: p. 157 e cap. X: p. 163.

Ainda GRIMAL (2009), pp. 291-292, refere: “Marte é o deus romano identificado ao Ares helénico. Mas é muito antigo nas religiões itálicas, e já existia antes da introdução de Ares.

(...)

Na época clássica, Marte surge em Roma como o deus da Guerra. (...) Marte, deus guerreiro, é também o deus da Primavera, porque a época da guerra começa com o fim do Inverno. É o deus da Juventude, porque a guerra é actividade da juventude.

¹²² Relativo a Minerva, GRIMAL (2009), pp. 311-312 sublinha que “(...) é a deusa romana identificada com a Atena helénica. (...) Preside à actividade intelectual, sobretudo escolar.”

¹²³ ALARCÃO (1974), p. 159.

¹²⁴ CARVALHO (1994), cap. VII: p. 109.

“E quem no íntimo, acreditava naqueles deuses, além dos escravos e da plebe lábil?”¹²⁵

Esta sua pergunta descredibiliza por completo a crença nos deuses, e o que estes têm para oferecer aos que a eles se subjugam, numa procura incessante pelo triunfo ou pela salvação de um iminente fracasso. Esta questão é fundamental quando analisamos as características dos templos. O duúnviro faz evidência às *cantarias escurecidas do templo*,¹²⁶ e nas paredes, *uma grossa mancha de humidade*¹²⁷. Estes espaços aparentavam uma frieza nada acolhedora. De entre os templos, apenas o de Júpiter demonstra alguma *imponência*,¹²⁸ e *junto à porta de honra da cidade*,¹²⁹ *situava-se o pequeno templo consagrado a Marte*.¹³⁰

Nos templos *são praticados sacrifícios com a assistência de todos os notáveis e muito povo no terreiro*,¹³¹ incluindo o magistrado, embora contrariado.

A determinada altura, Lúcio refere ter passado uma noite no santuário de Apolo, por volta dos seus treze anos.¹³² Este santuário fora erigido fora da cidade. Terá sido por esta ocasião que Lúcio perdera qualquer crença que tinha pelos deuses. O próprio refere que esperava *que o deus me inspirasse em sonhos*.¹³³ Lúcio sentia-se incomodado face à frialdade e ao desconforto do espaço.¹³⁴ É então que refere que *a estátua do deus não deixou de ser de pedra*.¹³⁵ A dado momento da magistratura de Lúcio, Mara aconselha o marido a pernoitar no templo, procurando apaziguamento junto de Apolo. Lúcio não o faz para *não ferir a sua consciência e não ludibriar os seus concidadãos*.¹³⁶

No decorrer dos desacatos entre os habitantes de Tarcis e os cristãos, os judeus decidiram falar com Lúcio. É neste enquadramento do romance que ficámos informados sobre a existência de uma sinagoga. Gagarin é peremptório em afirmar que existem ainda dúvidas quanto a estes edifícios. No entanto, refere o seguinte sobre as sinagogas datadas entre os séculos I e III d.C.:

¹²⁵ *Ibidem*, cap. VII: pp. 109-110.

¹²⁶ *Ibidem*, cap. III: p. 45.

¹²⁷ *Ibidem*, cap. III: p. 46.

¹²⁸ *Ibidem*, cap. IV: p. 62.

¹²⁹ *Ibidem*, cap. X: p. 163.

¹³⁰ *Ibidem*, *idem*.

¹³¹ *Ibidem*, cap. X: p. 171-172.

¹³² *Ibidem*, cap. VII: p. 110.

¹³³ *Ibidem*, *idem*.

¹³⁴ *Ibidem*, *idem*.

¹³⁵ *Ibidem*, *idem*.

¹³⁶ *Ibidem*, cap. III: p. 112.

“(…) a maioria das comunidades de diáspora Judaica adaptaram como locais de culto estruturas já existentes, tal como uma casa ou um ginásio da cidade.”¹³⁷

Algo muito semelhante é-nos indicado por Lúcio acerca da comunidade hebraica instalada em Tarcisis:

“Praticavam os seus ritos numa casa a isso destinada, para a qual aceitavam o nome grego de sinagoga (...).”¹³⁸

Resta a dúvida quanto à estrutura que albergava este espaço de culto hebraico.

Iunia tinha-se convertido ao Cristianismo. Quanto à sua irmã Clélia, apenas sabemos que, por uma vez, se ausentou de Tarcisis em direcção ao santuário de Endovéllico, situado fora da cidade.

“Era sítio pouco frequentado fora das romarias, de tal modo temido, pela presença de inquietantes vibrações, que poucos homens se atreviam a passar ao perto, sozinhos. O que ela queria pedir ao deus não o soube o moço explicar, mas, ao que parece, teria que ver com um sinal mágico para escolher um de entre vários amigos.”¹³⁹

Constatamos assim a presença de um culto indígena ainda presente na população, embora com pouca expressão popular. Em relação a Endovéllico, Jorge Alarcão escreve:

“Sobretudo em inscrições do século II d.C. encontram-se numerosos deuses indígenas, adorados já na Lusitânia antes da chegada dos Romanos. (...) Talvez, simplesmente, por uma considerável romanização, no século II, das divindades indígenas, que terão passado a ser adoradas à romana: ter-se-ão erguido templos ou pelo menos consagrado aras a divindades que anteriormente eram adoradas em lugares da Natureza, fontes ou rios, cerros ou bosques, e às quais não se dedicavam inscrições.”¹⁴⁰

É também com esta exactidão que Lúcio nos descreve o local que envolve este santuário.

“Clélia tinha caprichado em seguirem para o santuário de Endovéllico, perdido no meio de um azinhal, muito distante, onde havia uma nascente, quase sempre seca no Verão, que brotava dentro dum templete rústico.”¹⁴¹

Recorrendo, uma vez mais, à obra de Jorge Alarcão, ficámos a saber:

¹³⁷ GAGARIN (2010), Volume 6: p. 412.

¹³⁸ CARVALHO (1994), cap. VII: p. 116.

¹³⁹ *Ibidem*, cap. XIII: p. 225.

¹⁴⁰ ALARCÃO (1974), p. 168.

¹⁴¹ CARVALHO (1994), cap. XIII: p. 225.

“Quanto às funções, os deuses indígenas eram certamente menos especializados que os do panteão romano. Do nome podemos às vezes deduzir a função: (...) Outras vezes, a função deduz-se da iconografia: nas aras dedicadas a Endovéllico, as numerosas palmas e pinhas, símbolos de vida eterna, ou os génios candelários sugerem que se trata de um deus que conduz as almas ao outro mundo.”¹⁴²

Coincidência ou não a questão é que Clélia é sequestrada pelos bárbaros aquando da sua visita ao santuário de Endovéllico e, posteriormente, é morta por estes.

Ainda a reter sobre a citação de Lúcio em consideração a este santuário, é a questão da possível localização geográfica de Tarcisis e o testemunho de Jorge Alarcão quanto à adoração deste deus.

“A divindade indígena com maior número de inscrições é Endovéllico. Foi adorado em S. Miguel da Mota, perto de Terena, no concelho do Alandroal. Houve aqui um templo principal e talvez em redor templetes (*aedola*) erguidos por alguns fiéis mais ricos.”¹⁴³

Como foi referido no capítulo I, Tarcisis tem uma localização geográfica muito próxima de Évora, em concreto, dista desta cidade 10 quilómetros para sul. Jorge Alarcão refere que Endovéllico foi adorado na zona do Alandroal, ficando este concelho a uns 50 quilómetros de distância para Este de Évora. Este conjunto de informação geográfica vem comprovar o rigor que Mário de Carvalho atestou a este romance. Esta pequena posição geográfica de Tarcisis, foi documentada não só com recurso aos factos histórico-literários da época romana, mas também com os que a precederam, relativos a outras culturas.

A pouca informação que nos é dada sobre os templos em Tarcisis advém do cepticismo de Lúcio para com as divindades romanas. Sabemos que existem à volta de três templos em Tarcisis. Os habitantes sentindo-se afastados de Roma e debatendo-se com a degradação arquitectónica da cidade, sentem que provavelmente não haveria necessidade de se construírem mais templos. Por outro lado, é possível considerar que não havendo uma efectiva ligação aos deuses romanos, e existindo em Tarcisis uma pequena comunidade Hebraica e outra Cristã, uma pequena parte da população comece a identificar-se com uma ou com outra, abandonando o culto imperial. Sendo o próprio duúnviro um céptico em relação aos deuses, esta questão poderia mesmo levar a um desinteresse total pela construção de novos templos.

¹⁴² ALARCÃO (1974), p. 169.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 171.

c. *Domus et insulae*

O aglomerado habitacional de Tarcisis congregava a *domus*, a *villa* e a *insula*. Sujeita a uma construção desenfreada, a cidade foi crescendo desorganizadamente, acabando por sofrer vários problemas, entre eles a defesa da própria cidade.

“Na época imperial, o aumento da população limitou a *domus*, a morada unifamiliar, às classes privilegiadas. A resposta dos especuladores à necessidade de casas foram as altíssimas *insulae*, edifícios com numerosíssimos apartamentos, frequentemente construídos – e não por acaso, utilizando péssimos materiais. A *insula* tem (...) sete, oito andares de habitações independentes, atrás de fachadas com numerosas janelas rasgadas. As divisões dos pisos térreos serviam para lojas, oficinas de artesãos e tabernas; o pátio servia de traço de união entre os diversos corpos da edificação. As escadas eram muitíssimo íngremes. (...) E o valor artístico, sem o recurso ao mármore ou a outras ajudas, está na feliz sobreposição de janelas e cornijas, pilares e arcos de descarga: mais uma vez, ainda, um calculado emprego dos elementos construtivos.”¹⁴⁴

Lúcio Quíncio vivia confortavelmente na sua *domus*, desconhecendo a realidade dos bairros mais populosos. A construção da muralha e as insurgências contra os cristãos fazem-no atravessar estes recantos de Tarcisis. Decepcionado, o duúnviro apercebe-se que não conhece a sua cidade e os seus cidadãos. Confinara-se à sua zona de conforto, afastada da pobreza e do caos dos bairros mais pobres. Foi talvez este afastamento da realidade urbana que permitiu ao narrador explorar, com mais detalhe, o estado de degradação das *insulae*.

“Tínhamos entrado num bairro caótico, de becos estreitos e encurvados. Pelo chão descalçetado as lamas misturavam-se a detritos pútridos. O estuque das ilhas, que quase se tocavam junto aos céus enlurados, esboroava-se, escalavrado, e deixava ver as úlceras de tijolos enegrecidos e já muito erodidos. Inúmeros grafitos, os mais obscenos, indiscerníveis àquela luz, tornavam as paredes ainda mais encardidas e miseráveis. (...) Exalava-se do chão e das paredes um cheiro húmido, malsão.”¹⁴⁵

As condições de habitabilidade e salubridade eram deploráveis, contrastando com aqueles que *viviam enclausurados no luxo das suas mansões e nas malhas dos seus preconceitos*.¹⁴⁶ Lúcio descreve a *confusão das ruas estreitas, com a sobrevivência de casas redondas de traça antiga e telhados de colmo, contrastando com as ilhas de tijolo*

¹⁴⁴ TARELLA, Alda (1978), *Como Reconhecer a Arte Romana*, Lisboa: Edições 70: pp. 24-25.

¹⁴⁵ CARVALHO (1994), cap. IV: p. 67.

¹⁴⁶ *Ibidem*, cap. IV: p. 64.

*inseguro que quase oscilavam por cima...*¹⁴⁷ A falta de segurança preocupava Lúcio. Não se afigurava um futuro favorável para aqueles bairros e respectiva população. A qualquer momento poderiam dar-se derrocadas ou incêndios de grandes proporções.

O desordenamento urbano era fruto da condescendência dos que governavam Tarcisis. Énio Calpúrnio, o edil, “(...) habitava longe do fórum, num casarão que se entremeava num dos bairros mais pobres e mais antigos da cidade, onde coexistiam as antigas cabanas redondas dos rústicos e as ilhas escalavradas dos miseráveis.”¹⁴⁸ Ao representante máximo de Tarcisis, que vivendo lado a lado com um dos bairros mais pobres da cidade, não lhe incomodava toda esta miséria. Nunca se interessou pelo ordenamento e pela salubridade de Tarcisis, tendo sido negligente no que concerne ao próprio bem-estar dos mais pobres. Pior ainda ao permitir a construção de todo o tipo de casas *que já extravasavam o pomério e os próprios muros*.¹⁴⁹

É muito simples equiparar esta desordem urbanística à realidade dos bairros actuais bairros mais pobres das nossas cidades. A questão central não mudou, embora tenha já passado cerca de dezoito séculos.

As famílias abastadas viviam protegidas nas suas mansões, tendo tentado imitar, na cidade, as *villae*. Um dos exemplos era a mansão do pai de Iunia Cantaber.

“Desmesurados jardins, pavilhões de fantasia, lagoas artificiais, ninfas de pedra a espreitar por detrás de arbustos exóticos, assim fora a casa urbana de Máximo Cantaber erigida por um seu antepassado e muitas vezes remodelada depois.”¹⁵⁰

“A mansão da família Cantaber havia sido tão sumptuosa, em tempos, que os jardins eram gabados em todo o Sul pela frescura dos relvados, pela espantosa engenharia dos jogos de água e pela vegetação exótica, importada de países distantes, que aí vicejava. Então cirandavam aves estranhas, muito coloridas, pagas a peso de ouro que, não raro, se sacrificavam, com pompa, nas festividades.”¹⁵¹

Devido à mudança de Máximo Cantaber e da sua família para uma *villa* próxima de Tarcisis, a mansão foi, aos poucos, deteriorando-se devido à falta de manutenção.

“Se a casa não estava hoje em escombros e se os jardins ainda deixavam entrever o antigo fausto pelo recorte dos canteiros, pelos esconderijos das rochas, sabiamente dispostas, pelos caminhos

¹⁴⁷ *Ibidem*, cap. IV: p. 63.

¹⁴⁸ *Ibidem*, cap. X: p. 178.

¹⁴⁹ *Ibidem*, cap. V: p. 77.

¹⁵⁰ *Ibidem*, cap. VIII: p. 127.

¹⁵¹ *Ibidem*, cap. VIII: p. 129.

sombreados que os cruzavam, já as ervas daninhas, a secura amarela de talhões inteiros, o encardido dos muros e das falsas ruínas, mostravam o relativo desleixo a que o terreno havia sido votado.”¹⁵²

Calpúrnio também não se poupou a sumptuosidades, tendo introduzido algumas alterações à normal configuração da *domus* romana, e até cometendo algumas “profanações”.

“A casa não seguia a traça habitual da domus, antes se multiplicava num labirinto de peristilos, salas e corredores construídos em várias épocas, aproveitando, não raro, a pedra rugosa de construções ancestrais. Não havia vestíbulo e entrava-se directamente para uma espécie de átrio coberto, dominado por uma enorme piscina rectangular que pouco espaço deixava para a passagem. Aquela piscina não servia para nada. As águas, raramente renovadas, exalavam um cheiro bafiento, e a escuridão da quadra não permitia que sequer aí se cultivassem peixes, como dizem que é costume nas casas de África.

(...)

Percorrido este estranho átrio, decorado com pinturas de pássaros, enfileirados sobre linhas dobradas, alinhando-se as aves de presa, diurnas e nocturnas junto ao tecto, e os pardais e gaios antes do debrum que marcava o limite para um rodapé esverdeado, coberto de plantas vagas ou imaginárias, já muito carcomidas da idade, chagava-se a um peristilo com um tanque seco e raras ervas crestadas. Depois, um escravo acompanhante, que não um nomenclador, antecedia-nos cortando à direita, e passando por um enfiamento de salas em que jaziam expostas, cobertas de pó, várias estátuas, de todos os tamanhos, algumas de regiões muito longínquas. Seguia-se um novo peristilo, mais largo e cuidado, com peixinhos dourados nadando no tanque e colunas caneladas rebrilhantes de vermelho, por onde ressoava um rumor ciciado de vozes. Para lá deste peristilo, encastoado na parede, desproporcionava-se uma espécie de arco do triunfo, baixo, de mármore rosa que, sabia eu, dava para um outro átrio que ligava directamente a uma rua transversal.”¹⁵³

Esta construção labiríntica e decadente só vinha realçar a personalidade de Calpúrnio. Como edil apenas lhe interessava perseguir a dimensão material em detrimento da espiritual, pressupondo que a sua grandeza enquanto Homem se reflectia na monumentalidade da sua mansão.

Pelos exemplos que aqui foram expostos, conclui-se que o aglomerado habitacional de Tarcisis contava com várias realidades. Os bairros pobres e as *insulae* apresentavam um elevado grau de decadência. Algumas mansões foram abandonadas pelos seus proprietários, e outras foram alvo de obras monstruosas que desvirtuaram os

¹⁵² *Ibidem, idem.*

¹⁵³ *Ibidem, cap. X: p. 178.*

princípios da *domus* romana. Para agravar a situação, algumas casas foram construídas sob o pomério e a muralha, havendo a necessidade de as demolir, obrigando as famílias a abandonarem-nas. É desta pesadosa realidade que Lúcio tem de resgatar Tarcisís, diminuída a um poder local e a um povo desinteressado e corrupto.

d. *Villae*

As *villae* representam as grandes propriedades rústicas que se erguiam nas zonas rurais. Após o período republicano, estas casas sofreram uma alteração conceptual.

“As vilas luxuosas projectadas em exclusivo para lazer e entretenimento surgiram nos últimos anos do período republicano; (...) Tendo sido abandonada por completo a actividade agrícola, estas residências tornaram-se cada vez mais sumptuosas e refinadas, oferecendo um refúgio e um local para entretenimento para as pessoas, sob o olhar público.”¹⁵⁴

É claro em *Um deus passeando pela brisa da tarde* a ausência destas construções no centro da cidade. O que existe são algumas mansões e casas sobradadas ocupadas pelas famílias mais abastadas.

Voltando à questão das *villae*, Gagarin esclarece que:

“A prática moderna, contudo, delineou uma distinção entre a “quinta” e a “villa”: a quinta é dedicada à agricultura e como quarteirão residencial de baixo *status*, enquanto que a *villa* manifesta pretensão arquitectónica, por norma dotada de colunas e adornos decorativos como pavimento em mosaico, mármore, esculturas, e afins.

(...)

Com as suas sumptuosas e elegantes pinturas de parede, ainda que simples, pavimentos em mosaico e mármore, as suas grandes piscinas e a sua luxuosa matriz decorativa com esculturas em mármore ou em bronze, estas vilas eram o epítome de um estilo de vida confortável da classe política no poder e da elite social da época, entre o fim da República e o início do Império (...).”¹⁵⁵

Os elementos que nos são fornecidos relativos às *villae* referem-se, em boa parte, à localização geográfica. Em primeira instância, é-nos relatado por Lúcio Quíncio os dias que passa na sua *villa*. Após abandonar Tarcisís, o magistrado e a sua esposa refugiam-

¹⁵⁴ GABUCCI (2006), p. 262.

¹⁵⁵ GAGARIN (2010), Volume 7: p. 179.

se na *villa*. Lúcio descreve-a como *pasmada villa*.¹⁵⁶ Foi arrasada pelos bárbaros durante a invasão da Lusitânia:

“Nesta villa trucidaram animais e escravos que ficaram a inchar pelos campos; quebraram as colunas, arrancaram as telhas, desfeitearam os lares; raspam as velhas pinturas dos interiores; serviram-se de móveis e estofos como lenha; as mesmas mós, de duríssima rocha, britaram. Desenraizaram as árvores, devastaram as vinhas, pisaram as flores. Todos os livros foram esfarrapados ou queimados. Até nesta inofensiva mesa de mármore apuseram as suas marcas bestiais.”¹⁵⁷

Ficámos ainda a saber que a *villa* de Lúcio tinha *cavaleriça* e *balneário*.¹⁵⁸ Quando recebiam visitas, o que acontecia com raridade, Lúcio e Mara mantinham-se fiéis aos princípios da cordialidade e da simplicidade.

“À mesa vieram apenas coelhos, cogumelos, pardelhas do rio, pão e garum de peixe. Vinho, do nosso. A servir-nos, o velho escravo que já servira a meu pai. Uma lucerna tripla, não mais. Apenas ordenei que a cratera e os talheres fossem de prata, e que dispusessem paus de canela numa taça, a condizer exoticamente com as sedas de Proserpino, para que ele não tomasse a nossa simplicidade por exibição de avareza.”¹⁵⁹

Ao contrário do que é descrito tanto por Gabucci como por Gagarin, na *villa* de Lúcio mantinha-se a discrição, distanciando-se o casal dos luxos desmesurados que se vinham impondo nas elites. Ainda atentos às descrições de Lúcio é de notar que a sua *villa* se identifica mais com as típicas *villae* da República, dedicadas à prática agrícola e nada providas de grandes luxos.

A família Cantaber era também possuidora de uma *villa*. Desta pouco ou nada nos é dito.

“Quando, após a morte do pai, Máximo Sálvio tomou posse da herança, decidiu retirar-se para a villa da família, a umas boas vinte milhas de distância, raramente comparecendo em Tarcisís.”¹⁶⁰

É notório o desapego de Lúcio pelos espaços mais privados, como a *villa*. O magistrado, apesar dos momentos de narração mais intimistas, encontra-se mais focalizado nos espaços públicos da cidade. São determinantes na sua acção e no seu espaço enquanto personagem os bairros caóticos, as *insulae*, o fórum, a basílica, as

¹⁵⁶ CARVALHO (1994), cap. I: p. 14.

¹⁵⁷ *Ibidem*, cap. I: p. 16.

¹⁵⁸ *Ibidem*, cap. I: p. 21.

¹⁵⁹ *Ibidem*, cap. I: p. 23.

¹⁶⁰ *Ibidem*, cap. VIII: p. 129.

termas, as ruas, entre outros. É nestes espaços que Lúcio vai construindo a sua personalidade e, em paralelo, apercebe-se que, se não se afastar de lá, vai acabar por tombar. Sendo ele o inadaptado, por mais que fizesse por Tarcisis, nunca seria compreendido pelos seus pares, sendo a solução mais plausível ausentar-se para a sua *pasmada villa*.

e. Jardins (privados)

Poucos são os jardins que encontramos em Tarcisis. Entre estes há relato dos das casas mais abastadas: o de Máximo Cantaber e o de Énio Calpúrnio. Não há referência a qualquer jardim público.

“Desmesurados jardins, pavilhões de fantasia, lagoas artificiais, ninfas de pedra a espreitar por detrás de arbustos exóticos, assim fora a casa urbana de Máximo Cantaber erigida por um seu antepassado e muitas vezes remodelada depois.”¹⁶¹

“A mansão da família Cantaber havia sido tão sumptuosa, em tempos, que os jardins eram gabados em todo o Sul pela frescura dos relvados, pela espantosa engenharia dos jogos de água e pela vegetação exótica, importada de países distantes, que aí vicejava. Então cirandavam aves estranhas, muito coloridas, pagas a peso de ouro que, não raro, se sacrificavam, com pompa, nas festividades.

(...)

Por ali, pelas areias daquelas áleas, tinha eu feito rodar o meu arco de brincar; atrás daqueles rochedos tinha parado o feroz salteador Coreolo; nas lagoas, agora secas, tinha apanhado carpas à mão, na alegre companhia de Pôncio (...). Era-me ainda familiar a secular azinheira que sombreava, enorme, uma curva do caminho e que, diziam, já existia nos tempos de Décimo Júnio Bruto.”¹⁶²

Os jardins dos Cantaber primaram pela sumptuosidade e rigor estético. Devido ao abandono da mansão pelos Cantaber, a casa e os seus jardins foram praticamente esquecidos.

“(...) pelo início do Império, *horti* podiam referir-se aos jardins prazerosos mais dedicados ao luxo e à ostentação. Estas parcelas de terrenos tardias estavam usualmente situadas fora da cidade e estavam normalmente associadas às vilas. Por isso, estas *horti* não são meros jardins, mas são propriedades em que a terra era, no mínimo parcialmente, cultivada por prazer.

¹⁶¹ *Ibidem*, cap. VIII: p. 127.

¹⁶² *Ibidem*, cap. VIII: p. 129.

(...)

Virtualmente, em nenhuma despesa se poupava quando a questão era os jardins, não só com as plantas e o seu tratamento, mas também no sistema de rega que tais jardins exigiam.

(...)

O acréscimo de esculturas a um jardim transformava este ambiente natural (apesar de forjado) num mundo povoado por criaturas dos bosques, divindades e pessoas famosas.

(...)

O que poderia oscilar entre o bom e o mau gosto era o conceito de *decor*, significado de estilo, lugar, propósito ou tradição – para que, por exemplo, estátuas de políticos no ginásio e de atletas na assembleia eram ambas consideradas inapropriadas.”¹⁶³

Apesar de não se localizar fora da cidade, os jardins dos Cantaber obedeciam aos procedimentos que Gagarin acima menciona. É curiosa a afirmação de Lúcio quando se refere às mansões urbanas. O magistrado refere-se a estas como *o campo na cidade*.¹⁶⁴ Os Cantaber recriaram em Tarcisis um belo exemplar arquitectónico, também ao nível dos jardins, o tal *bom gosto*. Por seu turno Énio Calpúrnio é apontado como detentor de mau gosto. Como já foi acima citado, a mansão do edil não obedecia aos requisitos das *villae*, e os jardins deveriam padecer do mesmo equívoco. Para descrever a mansão de Énio, Lúcio utiliza termos como *labirinto de peristilos*, *cheiro bafiento das águas*, *estranho átrio*, *escuridão*, *plantas carcomidas*, *tanque seco*, *ervas crestadas*, *salas cobertas de pó*, *arco do triunfo desproporcionado*.¹⁶⁵ Além desta alusão ao mau gosto do edil, é também possível identificar uma metáfora entre a mansão decadente e desproporcionada com a personagem de Calpúrnio. Aquando da visita de Lúcio a Roma, integrado na comitiva de Tarcisis, é-nos relatado o seguinte:

“Tomando muito a peito a sua aura de protector de Tarcisis, Calpúrnio esmerou-se nas atenções e nos requintes. Fez sentir a todos e a cada um em particular as influências que tinha movido para captar a munificência de Marco Aurélio. Tudo era falso, como vim a apurar depois. Apesar do fausto com que vivia, do seu laticlávio e do seu anel de ouro, Calpúrnio não exercia qualquer influência no Palácio ou Senado. Contraíra dívidas enormes, empenhara-se em negócios malvistos, dava-se com libertos riquíssimos, estrangeiros e outra gente de baixo quilate.

Mas se Énio Digídio Calpúrnio, em Roma, representava a escória da Ordem Senatorial, esplendia entre as nuvens e Jove, aos olhos dos modestos delegados duma cidade perdida da Hispânia. Todos nos sentíamos esmagados pelo sumpto brilhantíssimo de Roma. O luxo dos

¹⁶³ GAGARIN (2010), volume 3: pp. 272-273.

¹⁶⁴ CARVALHO (1994), cap. VIII: p. 127.

¹⁶⁵ *Ibidem*, cap. X: pp. 178-179.

notáveis de Tarcisis, as suas prosápias e fatuidades, apequenavam-se e faziam-se rasteiros, naquele mundo de púrpura, incenso e prata.”¹⁶⁶

Para Lúcio o luxo de Tarcisis não era mais do que uma neblina que pairava sobre aqueles que não queriam, ou não ousavam, enfrentar os embustes elitistas que dirigiam a cidade. Mas não era diferente em Roma, como iria mais tarde constatar.

f. Termas / banhos públicos

As termas eram o local, por excelência, da vida social romana, uma das vertentes do *otium*.

“Todos os Romanos frequentavam os banhos, homens e mulheres, novos e velhos, pobres e ricos. De facto, os ricos que facilmente poderiam ter banhos privados, estavam entre os frequentadores mais assíduos dos banhos públicos, onde iam acompanhados de escravos e clientes que assistiam, enquanto eram cobertos com óleos e massajados.”¹⁶⁷

Em Tarcisis assim acontecia. Apesar de termos visto, e como continuaremos a ver, a cidade apresentava-se com vários problemas no que concerne à conservação urbana. Das termas já não se podia afirmar o mesmo.

“As grandes termas tinham sido remodeladas sob Cláudio, muito acrescentadas nos tempos dos Flávios e restauradas e enriquecidas graças a um generoso donativo de Marco Aurélio, nos tempos em que o palácio ainda podia esbanjar.”¹⁶⁸

Dado o avultado donativo e as remodelações executadas, o complexo termal era, na opinião de Lúcio, *totalmente desproporcionado à importância duma pequena cidade como Tarcisis*.¹⁶⁹

“Em todas as salas, o revestimento era de mármore róseo que reflectia as luzes e os reflexos da água, criando com os vapores do caldário e os odores perfumados do untuário uma atmosfera de um luxo quase etéreo, desligada das asperezas do quotidiano (...). Logo no vestiário, um rapazito de mármore cavalgava um golfinho que, de boca como sorridente, revirada ao alto expelia um repuxo que tomava várias cores, conforme as substâncias que acrescentavam à água num reservatório oculto. Em cada sala, um grupo escultórico de mármore branco, em proporções

¹⁶⁶ *Ibidem*, cap. XI: pp. 181-182.

¹⁶⁷ GABUCCI (2007), p. 275.

¹⁶⁸ CARVALHO (1994), cap. V: p. 84.

¹⁶⁹ *Ibidem*, *idem*.

naturais, trazia a convivência de deuses e ninfas aos homens. Alguns nichos, forrados de conchas nacaradas, estavam ainda vazios, privados das suas figuras. Era o sítio mais aprazível da cidade, o refúgio, o repouso, o bem-estar propício ao descompromisso e ao enlevo. Não se ouviam ali as apóstrofes grosseiras do fórum. Se bem que falassem alto e jovialmente, os cidadãos continham-se nas palavras, como se frequentassem um lugar sagrado, o santo dos santos do grande templo que era a urbe. A exiguidade do espaço havia reduzido a palestra exterior a uma colunata que corria sobre um estreito arrelvado. A biblioteca, no piso superior, continuava vazia, desde a fundação, porque nenhum benemérito tinha considerado prioritário fornecê-la de livros.”¹⁷⁰

Esta breve descrição é clarificadora quanto ao ambiente que emanava das grandes termas. O próprio Lúcio admite que este era o local mais agradável de toda a cidade, apesar do magistrado não conseguir usufruir do mesmo. Considerava-o o grande templo da urbe. Esta descrição remete-nos, na sua grande maioria, para a de Grimal acerca da caracterização das termas romanas.

“O «banho dos homens» é mais completo. Já apresenta as quatro partes essenciais de qualquer edifício termal: um *apodyterium*, amplo vestiário em que os banhistas tiravam e colocavam as suas roupas, uma sala fria, o *frigidarium*; a seguir uma sala morna, o *tepidarium*; e por fim uma estufa, o *caldarium*. (...) Nas termas mais complexas e luxuosas construídas durante a época imperial, outras salas serviam para as massagens, as unções de óleo, e tinham-se multiplicado as salas de conversa e as galerias destinadas a passeios.”¹⁷¹

“Os banhos de Trajano são o primeiro exemplo completo deste género: uma estrutura monumental complexa com um vasto jardim como cenário, com instalações para banhos com elaboradas decorações rodeados por bibliotecas, corredores para leitura, e espaços para outras funções sociais e culturais.”¹⁷²

Lúcio sabia que ao dirigir-se aos banhos públicos iria *encontrar uma leviandade alegre e despreocupada*.¹⁷³ Não é que fosse desfavorável a estes momentos de relaxamento. O que o preocupava era outra questão:

“Era capaz de apostar que a maioria dos da minha cúria, tão ocupados, achacados e indisponíveis quando se tratava da coisa pública, se encontravam a tagarelar à borda das piscinas.”¹⁷⁴

Está comprovada a ligeireza com que a classe política e judicial tratava as questões da cidade. Por ser um espaço em que Lúcio não se enquadrava, devido à extrema exposição

¹⁷⁰ *Ibidem*, cap. V: pp. 84-85.

¹⁷¹ GRIMAL (2003), p. 82.

¹⁷² GAGARIN (2010), volume 1: p. 376.

¹⁷³ CARVALHO (1994), cap. V: p. 84.

¹⁷⁴ *Ibidem*, *idem*.

social, e também por falta de tempo (mesmo assim preferiria os banhos privados) o magistrado não o frequentava, ressalvando:

“Apenas meia dúzia de casas em Tarcisus dispunham de balneários privativos: a minha própria, a de Calpúrnio, a de Máximo Cantaber e poucas mais. Havia quem, possuindo balneário, nunca aquecesse as fornalhas do hipocausto e preferisse a promiscuidade das termas públicas, ou por uma questão de avareza ou por apego à convivência.”¹⁷⁵

Os banhos públicos são um dos locais a que Lúcio confere maior espaço descritivo na narrativa. Esta questão prende-se com o facto desta zona colectiva permitir, de forma muito hábil, descrever as pessoas e, em particular uma ou outra, como Calpúrnio. O edil apesar de ser uma das poucas pessoas em Tarcisus a usufruir de banhos privados, preferia deleitar-se nas águas dos banhos públicos.

“Lá estava a cabeça de Calpúrnio, emergindo do segundo tanque, entre os ombros de dois servos que, de pulsos cruzados, o sustinham sentado, debaixo de água. Pelos bancos pertos, junto da esteira do senador, mexericavam alguns decênviros. Um escultor, alheado de tudo, trabalhava num busto de gesso, afeiçoando-o com uma espátula.”¹⁷⁶

“É que na vida quotidiana dos Romanos, tanto habitantes das províncias como habitantes da capital, as termas ocupam um papel considerável. É nas termas que pelas 4 horas da tarde, uma vez terminado o dia “oficial” se vai calmamente esperar a hora do jantar. Faz-se um pouco de exercício, relaxa-se sob as mãos do massagista, conversa-se, petiscam-se algumas guloseimas fornecidas por vendedores ambulantes. É também aí que se promovem os encontros de negócio ou de amizade, como anteriormente no fórum. Já se disse que no tempo do Império as termas eram os cafés e os clubes das cidades romanas.”¹⁷⁷

Lúcio era o único a trabalhar em prol do bem público. Enquanto isso, os seus colegas passavam parte do dia nas termas, sobrecarregando o duúnviro com mais trabalho. Assim feito, ao magistrado não restava tempo para usufruir dos banhos públicos, e mesmo dos privados.

Devido aos comportamentos de Iunia junto às termas, ficamos a saber que as mulheres já as frequentavam, e por falta de espaço tinham uma hora determinada para usufruírem das águas.

¹⁷⁵ *Ibidem, idem.*

¹⁷⁶ *Ibidem*, cap. V: p. 86.

¹⁷⁷ GRIMAL (2003), p. 84.

“Mas, desde esse dia em diante, todas as tardes, mal tocava a sineta para o banho das mulheres, lá estava Iunia, à porta das termas.”¹⁷⁸

A partilha do espaço termal entre homens e mulheres é referido por Gagarin, dando conta que:

“No início do século II d.C. as mulheres ganharam o acesso aos banhos públicos de Roma, usando zonas separadas das dos homens ou, quando isso não era possível, iam a horas diferentes; no entanto, o uso promíscuo dos banhos públicos parece ter sido um costume bastante enraizado (...).”¹⁷⁹

Os banhos públicos de Tarcisus, tendo em conta as bases bibliográficas utilizadas – Gabucci, Gagarin e Grimal, vão ao encontro das especificidades que caracterizam os espaços termais que datam do período imperial. Uma vez mais Mário de Carvalho fornece-nos um conjunto de evidências claras e precisas deste complexo de lazer, que os Romanos tanto apreciavam, e que nos deixaram como legado de lazer e de bem-estar.

g. Teatro

Lúcio era um homem das letras e das artes. Na sua anterior magistratura, mandou *construir um teatro que não chegou a ficar concluído, (...), porque todas as pedras e mesmo as estátuas e lápides haveriam de ser desviadas um dia para a reconstrução da muralha*.¹⁸⁰ O que sabemos é que caiu em esquecimento *o espaço côncavo do teatro inacabado*.¹⁸¹ Para Lúcio esta situação representava um *inconfessado desgosto*,¹⁸² não se conformando com tal apatia perante um dos ícones da cultura romana. Talvez por isso, e com algum sentimento de fracasso por não ter conseguido dar continuidade ao teatro, Lúcio esclarece:

“Mas, desta vez, numa padiola, coberta com um pano de púrpura, traziam-me uma oferta. Entre as pedras do novo teatro iniciado no meu anterior mandato e ainda inacabado, que eu, com inconfessado desgosto, mandara demolir a fim de aproveitar materiais para a muralha, tinham descoberto um baixo-relevo com o meu perfil e o meu nome. (...) ordenei, apesar dos protestos,

¹⁷⁸ CARVALHO (1994), cap. IX: p. 153.

¹⁷⁹ GABUCCI (2007), p. 275.

¹⁸⁰ CARVALHO (1994), cap. II: p. 30.

¹⁸¹ *Ibidem*, cap. IV: pp. 62-63.

¹⁸² *Ibidem*, cap. VII: p. 113.

que aquela pedra fosse juntar-se às outras, na muralha, no renque que lhe competisse, com a efígie para dentro.”¹⁸³

Do mesmo modo, a biblioteca de Tarcisis nunca seria uma realidade. O facto de estas duas estruturas nunca terem sido terminadas pode evidenciar o grande desapego da população de Tarcisis pela cultura, em geral. Pelo contrário, e como é evidenciado na obra, as tabernas e afins eram espaços de grande afluência de pessoas. Dado não existirem mais elementos, a nossa pesquisa acerca do teatro resumir-se-á a constatar a sua inexistência.

h. Mercados e tabernas

Tarcisis é uma cidade com elevada concentração de bairros e ilhas. “As divisões dos pisos térreos serviam para lojas, oficinas de artesãos e tabernas (...).”¹⁸⁴ É nestes locais onde encontramos um grande número de pequenas lojas e tabernas, estas últimas *local de noitadas e comícios até altas horas*.¹⁸⁵ Era também nestes estabelecimentos que muitas pessoas ceavam, *inclusive alguns dos decênviros*.¹⁸⁶

“Existiam numerosas lojas onde eram vendidos alimentos já confeccionados, nalguns casos verdadeiros restaurantes com uma ou mais salas interiores ou com um largo balcão em mármore (...).”¹⁸⁷

Espaços de convívio, as pessoas conversavam sobre o que ia acontecendo em Tarcisis, sobretudo sobre os Cristãos, sendo a taberna de Rufo Cardílio o local mais frequentado. Rufo detinha também o serviço de padaria de Tarcisis.

“É o Rufo quem fornece o pão para tua casa, senhor...”¹⁸⁸

Era comum em plena época imperial já existirem padarias para servir a população. Estes estabelecimentos comerciais localizados no andar térreo das *insulae* eram já dotados de um processo de fabrico organizado.

¹⁸³ *Ibidem*, cap. VII: pp. 112-113.

¹⁸⁴ TARELLA (1978), *Como Reconhecer a Arte Romana*, Lisboa: Edições 70: p. 25.

¹⁸⁵ CARVALHO (1994), cap. IV: p. 68.

¹⁸⁶ *Ibidem*, cap. VII, p. 114.

¹⁸⁷ GABUCCI (2003), p. 297.

¹⁸⁸ CARVALHO (1994), cap. IV: p. 64.

“Lojas como as padarias, com fornos para pão e pastelaria, normalmente integravam todo o processo de fabrico, desde a moagem dos cereais até à venda dos bens, quer a retalho quer a grossista.”¹⁸⁹

Para além desta concentração de lojas e tabernas nos bairros, Tarcisis tinha um mercado que se destinava “à distribuição de alimentos, comercialização de produtos artesanais e aos armazéns.”¹⁹⁰ Do pretório, Lúcio ia ouvindo, “no fórum, o ruído das tendas a armarem-se, os pregões, o estrondeio dos carros, o rumorejo de escabelos vazios e um lictor encostado a uma coluna, bocejando.”¹⁹¹

Por entre as ruas dos bairros caóticos também proliferavam os *lupanares*. Lúcio relembra nas suas memórias a existência de estalagem, na estrada que liga Tarcisis a *Ébora*. Era apelidada de “(...) «Três Irmãs» por causa das três megeras que aí praticavam o proxenetismo, as artes de adivinhação e o acolhimento de gente desqualificada.”¹⁹²

Não existem mais referências ao comércio em Tarcisis. Tal como nas cidades do Império, o comércio difundia-se pelos bairros, onde havia uma maior concentração de população que, por consequência, promovia uma maior efectivação de transacções comerciais. No entanto, para aqueles habitantes que viviam afastados destes bairros, Tarcisis contava com o mercado, realizado em pleno fórum. Aí era possível adquirir os mesmo produtos que nas outras lojas, havendo ainda uma mais-valia: as trocas comerciais feitas com os camponeses que vinham vender os seus produtos à cidade.

i. Ruas

Tarcisis devido à sua configuração urbanística está dotada de muitas ruas e vielas, e claro, da Decumana. Pierre Grimal explica o sentido geográfico implícito na Decumana.

¹⁸⁹ GABUCCI (2003), p. 297.

¹⁹⁰ *Ibidem, idem.*

¹⁹¹ CARVALHO (1994), cap. V: p. 78.

¹⁹² *Ibidem*, cap. VIII: p. 122.

“O eixo este-oeste é o *decumanos*, termo de significado obscuro, provavelmente relacionado com o número dez (*),¹⁹³ sem que possamos discernir claramente qual a razão.”¹⁹⁴

No entanto, não descarta a questão religiosa que a construção desta via principal possa ter:

“Há, na fundação de uma cidade, um elemento que a disciplina militar não saberia ter em conta: nenhuma consideração prática justificaria a *orientação* do *decumanus*. Esta só pode resultar de uma intenção religiosa e é bem verdade que a fundação de uma cidade é um acto sagrado.”¹⁹⁵

Em *Um deus passeando pela brisa da tarde* há referências muito vagas à Decumana. De facto, ficamos a saber da sua existência, sem mais nenhum apontamento de relativa importância.

“A Decumana deserta, por cima da qual íamos passando (...).”¹⁹⁶

“(...) doravante, se promovessem jogos e sacrifícios; que se enfeitassem todos os portais com rosas e louros e se erigisse um arco de madeira pintada na rua decumana (...).”¹⁹⁷

Quanto às ruas as referências são muitas. Lúcio quando decide visitar os bairros mais caóticos e pobres de Tarcisis, dá conta de algum desordenamento urbanístico. A *confusão das ruas estreitas*¹⁹⁸ é uma realidade, os *becos são estreitos e encurvados*.¹⁹⁹ É esta realidade que choca Lúcio. Estava longe de imaginar que estes bairros tivessem acessos tão maus e perigosos.

“Com o crescimento da cidade e o pulular das ilhas de habitação, o enorme recinto ficara com os muros confinados, a todo o rodado, por edificações populares, com acesso por calçadas estreitas, enegrecidas e acidentadas, dominadas pela sombra do aqueduto.”²⁰⁰

É de todo visível esta construção pouco hábil, até mesmo muito próxima de uma grande estrutura, como o aqueduto. Não havia qualquer planeamento.

¹⁹³ (*) Linha que vai de oriente para ocidente (falando do trajecto aparente do Sol, cuja trajectória com o eixo norte-sul forma um X – o dez romano) (N. do R.)

GRIMAL (2003), p. 18.

¹⁹⁴ *Ibidem, idem.*

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 19.

¹⁹⁶ CARVALHO (1994), cap. IV: p. 62.

¹⁹⁷ *Ibidem*, cap. XVII: p. 271.

¹⁹⁸ *Ibidem*, cap. IV: p. 63.

¹⁹⁹ *Ibidem*, cap. IV: p. 67.

²⁰⁰ *Ibidem*, cap. VIII: p. 127.

Por entre as ruas da cidade, já sabemos que existiam tabernas e mercados que funcionavam no piso térreo. Lúcio dá-nos ainda a indicação da existência *rua das prostitutas*,²⁰¹ que se localizava muito próximo da rua da taberna de Rufo. Sendo os bairros caóticos, as ruas não tinham como não o ser.

“Tínhamos entrado num bairro caótico, de becos estreitos e encurvados. Pelo chão descalçado as lamas misturavam-se a detritos pútridos.”²⁰²

Segundo Gabucci, “(...) o cuidado das ruas da cidade, como também as dos subúrbios (...), era da responsabilidade dos edis, mas a manutenção destas estava a cargo dos proprietários dos edifícios que se localizavam face às ruas.”²⁰³ Aparentemente, tanto o edil como os proprietários não demonstravam qualquer interesse pela preservação e manutenção das ruas. Como já confirmámos, as ruas de Tarcis, em particular as dos bairros caóticos, não eram calçadas, assim como não havia um plano para evacuar os detritos. Isto seria da competência da edilidade que, uma vez mais, demonstra desatenção para com as questões de ordenamento urbanístico e protecção civil.

Não obstante, os proprietários dos prédios localizados face às ruas, também não demonstravam qualquer interesse em melhorar estas condições, limitando-se a viver neste contexto, ou por desinteresse ou por desconhecerem os seus direitos civis.

Saindo dos bairros e aproximando-nos do fórum as ruas já apresentam outras configurações. Eram ruas largas que permitiam a passagem dos carros, e já tinham sido calçadas.

“Ouvíamos os carros que iam passando na rua, atroando as lajes e as paredes.”²⁰⁴

“Descemos a calçada até ao fórum com as mulheres de Tarcis em tropeada, atrás de nós, a insultar-nos, qual mais grosseira e exuberante.”²⁰⁵

Estes melhoramentos prendiam-se com alguns aspectos práticos, tais como:

“As ruas tinham de ser suficientemente largas para facilitar a passagem de carrinhos e tinham de estar providas de superfície ligeiramente convexa para facilitar o escoamento da água. As ruas eram com frequência ladeadas por calçadas, construídas um pouco acima do nível da rua, e eram

²⁰¹ *Ibidem*, cap. XII: p. 203.

²⁰² *Ibidem*, cap. IV: p. 67.

²⁰³ GABUCCI (2007), p. 301.

²⁰⁴ CARVALHO (1994), cap. V: p. 89.

²⁰⁵ *Ibidem*, cap. XV: p. 252.

colocadas na rua pedras ovais para indicar um cruzamento pedonal, na sua maioria servindo de entradas para casas ou edifícios públicos.”²⁰⁶

Tarcisis possuía de ruas com passeios, mas apenas na zona junto ao fórum. Nos subúrbios imperavam as ruas sem qualquer ordenamento, fruto do crescimento rápido e descontrolado dos bairros e das *insulae*. Para agravar a situação o interesse da edilidade nestas questões era nulo. Como não visitavam estes bairros também não havia qualquer preocupação com quem lá vivia. Tal como hoje, a cidade de Tarcisis, em pleno século II d.C. padecia de alguns dos grandes problemas de urbanismo: o desordenamento, a construção ilegal, a inexistência de um sistema de saneamento e esgotos, os bairros problemáticos a nível social, entre outros. Mas não é possível omitir que esta situação permanece, em parte por culpa dos edis que continuam a demarcar-se destes bairros indesejados.

j. **Aqueduto**

Os aquedutos são uma das obras-primas centrais da arquitectura e engenharia romanas. Construídos para facilitar o acesso das cidades às águas, estes passaram de simples projectos de engenharia a estruturas arquitectónicas sublimes.

“Entre os feitos mais impressionantes da antiga Roma encontra-se o desenvolvimento de técnicas de engenharia altamente sofisticadas, que permitiam que o abastecimento de água fresca e potável fosse levado para as cidades. Embora apenas os muito ricos pudessem dar-se ao luxo de ter água corrente nas suas próprias casas – a maioria dos cidadãos tinha de ir buscar a água de que precisava à fonte mais próxima ou então comprava-a a um aguadeiro –, os mais recentes feitos de engenharia transformaram a vida quotidiana das pessoas, contribuindo imenso para melhorar as suas condições de saúde e o seu conforto.”²⁰⁷

O fornecimento de água através dos aquedutos veio ampliar o leque de utilizações deste bem primário, desde o abastecimento das casas privadas, até à utilização pública, como as fontes e as termas.

²⁰⁶ GABUCCI (2007), p. 301.

²⁰⁷ ALLAN, Tony (2006), *A Antiga Roma*, Madrid: Círculo de Leitores, p. 62.

“Não há nenhuma povoação romana que não tenha tido, por pequena que fosse, o seu aqueduto. (...) o aqueduto limitava-se a ser um canal em alvenaria, assentado no solo ou enterrado, e que seguia o declive natural do terreno a custo de intermináveis sinuosidades.

(...)

Quando no início do Império os banhos privados se multiplicaram, e também as concessões aos particulares, foi necessário aumentar o volume das aduções.

(...)

A abundância das águas correntes foi sempre um luxo romano: a cidade moderna não perdeu essa tradição.”²⁰⁸

Em Tarcisis a configuração era exactamente a mesma. Acontece que devido ao crescimento da cidade *a linha do aqueduto rasava já o casario para entroncar, mais além, numa mãe-d'água que lançava três derivações que, por sua vez, se subdividiriam pelos diversos bairros.*²⁰⁹ O abastecimento privado era uma realidade e todos os bairros eram contemplados por esta mais-valia. O magistrado refere ainda:

“As águas das termas provinham do aqueduto que também servia os balneários dos particulares, as fontes das ruas, os depósitos das casas.”²¹⁰

É visível um vínculo muito estreito entre a cidade ficcionada de Tarcisis e as cidades romanas, no que concerne ao aqueduto e às suas funções. Ficamos ainda a saber que *quem, possuindo balneário, nunca aquecesse as fornalhas do hipocausto e preferisse a promiscuidade das termas públicas.*²¹¹ Uma vez mais Mário de Carvalho, como tem sido habitual ao longo da obra, manteve Tarcisis em conformidade com os princípios urbanísticos da cidade romana, tendo particular atenção aos detalhes do período imperial.

k. Muralha e portas da cidade

As linhas defensivas de Tarcisis estavam em completa ruína. Só perante a ameaça de uma invasão bárbara é que se achou essencial recuperá-las. E Lúcio *tinha*

²⁰⁸ GRIMAL (2003), pp. 87-88.

²⁰⁹ CARVALHO (1994), cap. IV: p. 63.

²¹⁰ *Ibidem*, cap. V: p. 87.

²¹¹ *Ibidem*, cap. V: p. 84.

*bem presente que as muralhas da cidade, erigidas no tempo de Augusto, nunca mais haviam sido reparadas.*²¹² E a situação não era deveras a melhor:

“Não foi preciso caminhar muito para verificarmos, debaixo dos nossos próprios passos, a degradação das muralhas, um dos sinais do desmazelo e da incapacidade, mais que reconhecida, de gerações sucessivas de edis. Nestes tempos, considerava-se que as muralhas para nada serviam e eram, até, um estorvo ao crescimento da cidade.”²¹³

Recorrendo às invasões bárbaras Pierre Grimal esclarece:

“Frequentemente a cidade, fundada em período de conquista, no meio de uma província ainda turbulenta, está rodeada de muralhas. E mesmo quando, mais tarde, estas defesas, tratadas com pouco cuidado, foram submetidas a toda a espécie de vandalismos por parte de construtores privados chega sempre um momento em que é necessário restaurá-las: quando a paz romana se viu ameaçada e as invasões bárbaras reintroduziram a insegurança no Império.”²¹⁴

Perante tal cenário de irresponsabilidade Lúcio decide dar início à reconstrução da muralha. Algumas decisões necessitavam de ser aprovadas, mas Lúcio vendo a necessidade premente de executar a obra, começa a delinear uma estratégia de trabalho.

“As novas defesas da cidade, projectadas à medida da fraqueza da guarnição, implicavam o imprevisto de panos de muralha, num perímetro mais estreitado. Alguns proprietários haviam de ser lesados pela edificação e os prejuízos não se afiguravam pequenos.”²¹⁵

Mas era necessário implementar um rigoroso plano de recuperação das muralhas, que iria tornar-se uma das grandes lutas de Lúcio. Como homem recto e digno, Lúcio decide arrasar todas as construções que lesaram a linha defensiva.

“No meu tablínio do pretório, desenhada a negro numa pele de cabra esticada num cavalete, patenteava-se a planta de Tarcisis, tal como figurava na lápide junto à porta principal. A azul, as novas casas construídas poucos anos antes, que já extravasavam o pomério²¹⁶ e os próprios muros. Uma linha vermelha, bem extensa, cortava um dos cantos ao quadrilátero da cidade, figurando o traçado da nova cerca que deixava de fora meia dúzia de prédios.

(...)

Depois, arrasar as casas excedentárias e construir um pano de muralha aproveitando os materiais das demolições. Não foi uma decisão de ânimo leve. Tomámos devidamente em conta os nossos

²¹² *Ibidem*, cap. III: p. 47.

²¹³ *Ibidem*, *idem*.

²¹⁴ GRIMAL (2003), pp. 14-15.

²¹⁵ CARVALHO (1994), cap. V: p. 74.

²¹⁶ “Roma encontra-se no interior de uma fronteira sagrada – ao qual se dá o nome de *pomerium* – e o seu território está protegido por divindades e ritos que lhe são característicos. Mesmo no tempo em que o crescimento contínuo da população já havia feito a própria povoação ultrapassar em muito o *pomerium* original, a Cidade não tinha o mesmo estatuto religioso e administrativo do território envolvente.” Cf. GRIMAL (2003), p. 11.

efectivos, presentes e eventuais, os acidentes do terreno, o estado das velhas fortificações, no seu conjunto, os prejuízos que a população deveria suportar. Tudo ponderado, em vez de sacrificar ilhas populosas, atrair sobre mim a ira da plebe e lançar a desmoralização da cidade, optei por sacrificar as mansões ajardinadas de Pôncio e os terrenos de dois ou três notáveis, além de construções semiabandonadas, de pouco préstimo.”²¹⁷

Todos os materiais serviam para a reconstrução da muralha, desde as pedras que dela foram desviadas para a construção de casas, até às do teatro inacabado. Mesmo sabendo da reprovação do seu projecto por parte dos decênviros, Lúcio não alterou os seus planos. A recuperação de materiais para a reconstrução de muralhas é uma realidade em grandes cidades do Império:

“Em todo o lado aparecem as mesmas características: materiais reutilizados, retirados de monumentos de épocas anteriores, sobretudo a túmulos, lajes com inscrições (que desta maneira foram conservadas), capitéis esculpidos, fragmentos de frisos ou de colunas, tudo serve aos engenheiros que não perdem tempo.”²¹⁸

Apesar dos protestos e das consequências, a muralha acaba por ganhar forma. Lúcio acompanha as obras dia após dia, mentalizando-se que as suas decisões foram as mais correctas, e que mais nada poderia ser feito para assegurar a defesa de Tarcisís.

Da muralha de Tarcisís ficamos ainda a saber que a *porta* principal²¹⁹ era provida de *torreões*,²²⁰ e que em alguns pontos da muralha foram colocados *sinos*,²²¹ como forma de alertar para qualquer acontecimento suspeito. Na muralha *cumpriam-se os rituais de fecho e vigília das portas*,²²² salientando-se a existência da *porta principal*²²³ e das *portas secundárias*.²²⁴ *As escadas da muralha*²²⁵ davam acesso ao *caminho da ronda que descia abruptamente, até ao nível do chão, entre montes de pedras negligentemente espalhadas pelo pomério*.²²⁶

²¹⁷ CARVALHO (1994), cap. V: pp. 76-77.

²¹⁸ GRIMAL (2003), p. 92.

²¹⁹ CARVALHO (1994), cap. IX: p. 150.

²²⁰ *Ibidem, idem.*

²²¹ *Ibidem*, cap. XIII: p. 229; cap. XIV: p. 232; cap. XIV: p. 239.

²²² *Ibidem*, cap. IV: p. 70.

²²³ *Ibidem*, cap. IV: pp. 69-70; cap. V: p. 89; cap. VI: p. 96; cap. IX: p. 150; cap. X: p. 172; cap. XIII: p. 227; cap. XIV: pp. 232-234.

²²⁴ *Ibidem*, cap. VII: p. 122.

²²⁵ *Ibidem*, cap. XIV: p. 241.

²²⁶ *Ibidem*, cap. IV: p. 70.

Esta breve compilação de citações apresenta um conjunto de características que foram utilizadas na narrativa. Organizadas desta forma, é possível imaginarmos como seria a configuração da malha defensiva. Vejamos:

“A utilização de torres só se generalizou a partir do segundo século a.C..

(...)

Por cima das câmaras, havia o caminho da ronda.

(...)

Em muitos casos, a porta fica compreendida entre duas torres que completam a sua defesa.”²²⁷

Tal como previra Lúcio a reconstrução da muralha foi a melhor solução que podia ter tomado. Os bárbaros fracassaram na sua investida a Tarcisis tendo, passados alguns dias, abandonado as cercanias da cidade.

As características da muralha de Tarcisis e os factos históricos associados são similares às descrições de Pierre Grimal. Apesar de Mário de Carvalho não aprofundar nos detalhes, o essencial é descrito de forma credível, não induzindo em erro o leitor.

1. Fórum

As cidades romanas eram dominadas pelo fórum. Local de grande importância na vida pública de qualquer romano, este era um espaço polivalente.

“A velha cidade orientada, totalmente orlada, continua a ser o centro da cidade. É lá que fica o *Forum* – a praça pública – onde são convocadas periodicamente as assembleias populares que se realizam no recinto do *Comitium*, especialmente dedicado à Assembleia eleitoral do povo romano. Não muito longe está a *Curia*, o local habitual de reunião do Senado. O resto da praça está cheio de lojas: uma fiada, a norte, as *Tabernae Novae* (ou Lojas Novas), uma outra, a sul, as *Tabernae Veteres* (as Lojas Antigas).”²²⁸

Em Tarcisis o fórum era o “palco principal” para variadíssimas situações. Tal como esclarece Lúcio, o fórum minúsculo de Tarcisis, *não no tamanho, mas no esplendor*²²⁹ era local aprazível para arrastar um mouro morto,²³⁰ até mesmo para fazer intervenções políticas triunfais.²³¹ No fórum *a multidão deambulava*,²³² recuperando o garrido das

²²⁷ GRIMAL (2003), p. 90-92.

²²⁸ GRIMAL (2003), p. 41.

²²⁹ CARVALHO (1994), cap. XI: p. 182.

²³⁰ *Ibidem*, cap. IX: p. 148.

²³¹ *Ibidem*, cap. XIII: p. 222.

cores.²³³ Aos poucos *o ruído das tendas a armarem-se*²³⁴ ecoava pela cidade. Após a azáfama do comércio abrandar *o fórum com a monotonia rígida das suas colunatas*²³⁵ ficou deserto, *as tendas desarmadas, as lojas entaipadas*.²³⁶

Era neste espaço que algumas estátuas haviam sido colocadas, nomeadamente a de Marte e Minerva.

“Este [Pôncio] tinha mandado pavimentar o fórum e erguer as estátuas a Marte e Minerva (...).”²³⁷

Ao contrário dos outros cidadãos, Lúcio não perdia tempo *junto dos pedestais e dos nichos do fórum a interpelar as estátuas*.²³⁸

Pouco mais há a esclarecer sobre o fórum. A sua importância prende-se com o facto de ser um dos locais mais centrais da cidade, onde a população se reúne durante o dia por questões comerciais, políticas, entre outras. A matriz do fórum foi mantida em *Um deus passeando pela brisa da tarde*, tal como aconteceu em todos os elementos até agora aqui especificados. Lúcio não era frequentador do fórum. Esta é também uma razão plausível para não existirem mais dados concretos sobre este espaço.

m. Biblioteca

Tarcisis, como já foi esclarecido no ponto *f. Termas / Banhos Públicos*, não possuía biblioteca. O espaço físico para esta já existia mas, como no caso do teatro, as obras nunca tinham sido, de facto, concluídas.

“A biblioteca, no piso superior [dos banhos públicos], continuava vazia, desde a fundação, porque nenhum benemérito tinha considerado prioritário fornecê-la de livros.”²³⁹

À falta de elementos descritivos não serão feitas análises no que reporta a esta alínea. No entanto, é importante sublinhar que, tal como o teatro, os elementos difusores

²³² *Ibidem*, cap. II: p. 38.

²³³ *Ibidem*, *idem*.

²³⁴ *Ibidem*, cap. V: p. 178.

²³⁵ *Ibidem*, cap. II: p.38.

²³⁶ *Ibidem*, cap. VII: p.108-109.

²³⁷ *Ibidem*, cap. II: p. 42.

²³⁸ *Ibidem*, cap. X: p. 175.

²³⁹ *Ibidem*, cap. V: p. 85.

de cultura não vingaram na cidade. A população de Tarcisis vivia muito centrada nos banhos públicos, nas tabernas e no fórum.

n. *Et alia*

Existem alguns elementos, que apesar de não encaixarem em nenhuma alínea anterior, não devem ser omitidos. Iremos abordá-los de forma sucinta no decorrer desta alínea.

O primeiro está relacionado com a fundação da cidade de Tarcisis. Este elemento é importante para nos esclarecer que a cidade já existia antes da ocupação romana.

“Aproximávamo-nos da colina chamada «Tumultuária», uma das elevações da cidade, outrora o castro que lhe deu origem, segundo contam (...).”²⁴⁰

Em Tarcisis *à falta de circo mandou-se construir um redondel de madeira.*²⁴¹

Entre os comerciantes havia um oleiro *que arrastava os taipais, ruidosamente, e começava a dispor a mercadoria na calçada.*²⁴² Os ferreiros também existiam em Tarcisis, *apesar de não mostrarem perícia ou oficina para lavra*²⁴³ muito complexa. Existia também um marceneiro.²⁴⁴

Os mortos eram cremados, *com o cerimonial mínimo,*²⁴⁵ e as sepulturas estavam fora da cidade.²⁴⁶

²⁴⁰ *Ibidem*, cap. IV: p. 63.

²⁴¹ *Ibidem*, cap. II: p. 30.

²⁴² *Ibidem*, cap. V: p. 75.

²⁴³ *Ibidem*, cap. IX: p. 149.

²⁴⁴ *Ibidem*, cap. XVI: p. 264.

²⁴⁵ *Ibidem*, cap. XIV: pp. 240-241.

²⁴⁶ *Ibidem*, cap. XVII: p. 278.

V. O espaço arquitectónico enquanto matriz de Lúcio Valério Quíncio.

Notas conclusivas

A criação da cidade de Tarcisis é inerente à personalidade de Lúcio Valério Quíncio. Não poderia estar noutra época senão na que antecede os anos centrais da queda do Império Romano (por volta de 476 d.C.). Tarcisis é o espelho de Roma, tanto nos valores morais, como sociais. E são estes valores que Lúcio especifica na abertura da sua narrativa que fazem dele um homem e um magistrado romano: dignidade, gravidade, romanidade e humanidade.²⁴⁷ Mas a sua certeza acerca destes valores vai sendo abalada, tal como o Império estava a ser, pelo advento de outras formas de olhar o mundo e, em particular, o ser humano.

Lúcio move-se numa cidade que sofre com o total desinteresse pela causa pública. Os seus valores romanos não são postos em prática pelos seus pares. E Lúcio, só, rema contra a maré. À chegada dos Cristãos, o magistrado, a pouco e pouco, vai tentando perceber os fundamentos desta nova religião, a de um deus que passeia pela brisa da tarde, cansado e desacreditado das *estátuas de gestos intemporais, de faces silenciosas, de olhares vazios*.²⁴⁸

Este deus, que podemos associar a Lúcio, deambula por Tarcisis à procura de uma resposta para as suas próprias questões filosófico-existenciais. É nesta alegoria que o espaço urbano adquire contornos fundamentais na personagem do magistrado. Lúcio dedica-se a várias causas na sua magistratura: a reconstrução da muralha, a eliminação (de forma gradual e discreta) dos sacrifícios humanos e a integração pacífica dos Cristãos em Tarcisis.

O seu espaço de eleição fica estabelecido fundamentalmente entre a basílica (cúria e o pretório), a sua casa, a mansão do seu amigo Máximo Cantaber, a muralha e os bairros caóticos de Tarcisis. Afastado do culto imperial, Lúcio não frequenta os templos. A sua crença perdera-se ainda ele era um adolescente, admirando-se, inclusive, com os intelectuais que viam nos deuses os grandes construtores dos feitos humanos. A azáfama desenfreada do fórum afastava Lúcio que preferia espaços serenos que

²⁴⁷ *Ibidem*, cap. I: p. 16.

²⁴⁸ *Ibidem*, cap. X: p.174.

permitissem momentos de reflexão. Não era homem de confusões e privilegiava o espaço privado ao público, ao contrário de Iunia, por quem se sentia atraído. Lúcio não compartilhava da sua afirmação pública, preferindo que Iunia fosse mais recatada nas suas convicções. O tempo dedicado ao *negotium* não lhe permitia grandes momentos de descontração. Por este motivo, não era frequentador das termas. Preferia dedicar-se à *res publica*, pois considerava que os seus cidadãos precisavam de alguém ponderado que comandasse os destinos da cidade.

Preocupado com as questões urbanas Lúcio, no decorrer da sua segunda magistratura, vai recuperar as linhas defensivas da cidade. As muralhas tornar-se-ão um espaço urbano determinante, sinónimo do crescimento psicológico e social de Lúcio. O próprio magistrado inicia a sua “reconstrução” interior, para se defender e estar preparado para responder às suas questões existenciais. Mas, enquanto estivesse preso à romanidade, não conseguiria manifestar-se, isto é, ser ele próprio. Só o afastamento iria permitir a reflexão necessária para a sua busca interior.

Os bairros caóticos são outra das preocupações de Lúcio. Era lá que se concentrava a “máquina” que construía o seu adversário político. Nunca imaginara que este opositor viesse directamente das tabernas e dos lupanares, desprovido de qualquer sentido de rectidão, um iletrado e ignorante. Mas Lúcio fica ainda mais chocado quando confirma que este homem é apoiado por alguns dos seus decênviros e por Énio Calpúrnio, o edil. O magistrado estava a ser traído pelos seus, por aqueles que presidiam ao seu tribunal e à sua cúria.

Isolado no seu pretório, o magistrado executa o seu trabalho em prol da cidade e dos cidadãos. Os decênviros e o edil, em raras ocasiões, comparecem à cúria ou ao tribunal. É aqui que Lúcio toma as suas decisões mais importantes, que pondera sobre o que fazer perante o alarido social relativo à conduta dos Cristãos, ao próprio futuro de Iunia. Todas as suas decisões são pesadas pela mão do tribunal e apesar de apelar à coerência e ao bom senso, sai vencido. Perante tais factos, a única situação plausível era mudar-se para a sua *villa*, acompanhado de Mara, sua esposa.

São estes os principais aglomerados urbanos que recriam o espaço privilegiado de Lúcio. Apesar de públicos, em cada um transparece a personalidade deste homem em constante mudança. Lúcio não é um homem preso ao seu passado, e por isso mesmo é

um inadaptado. Tarcisis vivia ainda dependente de Roma. Demoraria a aceitar novas realidades, e Lúcio adiantou-se ao assentir um deus que passeava pela brisa da tarde.

Bibliografia

Fontes

CARVALHO, Mário de (1994), *Um deus passeando pela Brisa da tarde*, 12ª edição. Lisboa: Editorial Caminho.

PETRÓNIO (2005), *Satyricon*. Versão portuguesa de Delfim F. Leão. Lisboa: Livros Cotovia.

VITRÚVIO (2009), *Tratado de Architectura*. Tradução do Latim, introdução e notas por M. Justino Maciel. Lisboa: IST Press.

Referências

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel (1996), *Teoria da Literatura*, Coimbra: Livraria Almedina. 8ª Edição, volume I.

ALARCÃO, Jorge (1974), *Portugal Romano*, Lisboa: Editorial Verbo.

ALLAN, Tony (2006), *A Antiga Roma*, Madrid: Círculo de Leitores.

AUERBACH, Erich (1942), *Mimesis. La representación de la realidad en la literatura occidental*, México: Fondo de Cultura Económica.

BIEDERMANN, Hans (1992), *Dictionary of Symbolism*. Translated by James Hulbert. New York and Oxford: Facts on File.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANDT, Alain (1982), *Dicionário de Símbolos – Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Lisboa: Editorial Teorema.

CONSTÂNCIO, Natália (2007), *Ruínas e incertezas em Um Deus passeando pela brisa da tarde, de Mário de Carvalho*, Lisboa: Edições Colibri / Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.

COTRIM, João Paulo (1996), “*Alguma coisa me perturba*”, in *Revista Ler*, número 34, pp. 38-49. (<http://www.mariodecarvalho.com/media/imprensa>)

DIAS, Ana Sousa (2014), “*A vida secreta das palavras*”, in *Revista Ler*, número 132, pp. 26-37.

GABUCCI, Ada (2006), *Rome. Dictionaries of Civilization*, Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

GAGARIN, Michael (2010), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome*, Oxford: Oxford University Press.

GRIMAL, Pierre (2003), *As Cidades Romanas*, Lisboa: Edições 70.

GRIMAL, Pierre (2009), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, 5ª Edição. Lisboa: Difel.

GRIMAL, Pierre (1999), *El Alma Romana*, Madrid: Espasa.

GUAL, Carlos García (1972), *Los orígenes de la novela*, Madrid: Ediciones ISTMO.

HORTA, Maria Teresa (1995), “*A nossa romanidade*”, in *Diário de Notícias / Artes*. Edição de 4 de Fevereiro.

GARCÍA JURADO, Francisco (2015), “*El triunfo de Augusto. Ara Pacis*”, in *National Geographic Historia*, número 135, pp. 58-65.

KAYSER, Prof. Wolfgang (1976), *Análise e interpretação da obra literária. Introdução à ciência da literatura*, Coimbra: Arménio Amado, Editor, Sucessor.

PEREIRA, Virgínia Soares (2012), “*Como dizia o outro*”: a presença dos Clássicos em *Mário de Carvalho*”, in *Ensaio sobre Mário de Carvalho*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

REDONET, Fernando (2009), “*Augusto. La paz de Roma llega a Hispania*”, in *National Geographic Historia*, número 70, pp. 52-63.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina (1996), *Dicionário de Narratologia*, 5ª Edição. Coimbra: Livraria Almedina.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da (2009), *Estudos de História da Cultura Clássica, II Volume – Cultura Romana*, 4ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SETTIS, Salvatore (2006), *El futuro de lo «clássico»*, Madrid: Abada Editores.

SILVA, Rodrigues da (1995), “*Mário de Carvalho. Um estóico dos dias de hoje*”, in *Jornal de Letras*, edição de 2 de Agosto de 1995, pp. 14-18.

(<http://mariodecarvalho.com/uploads/pdfs/8b2406fdc1e4ac91c7cb593a103a3b383ecde1d0.pdf>)

SILVESTRE, Osvaldo (1997), “*Mário de Carvalho: revolução e contra-revolução ou um passo atrás e dois à frente*”, in *Revista Colóquio / Letras*. Ensaio n.º 147, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 209-229.

TALBERT, Richard (2000), *Barrington Atlas of the Greek and Roman World*, Princeton and Oxford: Princeton University Press. Part 2: Hispania – Líbia, cartas: 26, 28.

TARELLA, Alda (1978), *Como Reconhecer a Arte Romana*, Lisboa: Edições 70.

Anexos

Levantamento das referências ao espaço urbano de Tarcis em *Um deus passeando pela brisa da tarde*

Elemento	Ordem	Referência	Citação	Página	Capítulo
----------	-------	------------	---------	--------	----------

Basílica

a	11	pretório	... para não mencionar o pretório...	29	II
a	18	pretório	... no meu tablínio do pretório...	33	II
a	23	pretório	... convocava os decênviros da cúria para o pretório	37	II
a	24	pretório	Que viessem todos ao pretório...	37	II
a	25	basílica	... das janelas do andar superior da basílica	37	II
a	28	pretório	... às ordens do pretório...	37	II
a	31	basílica	... para as escadas da basílica.	37	II
a	35	cúria	... entraram na sala da cúria...	38	II
a	36	basílica	Esta basílica quem é que a reconstruiu...	42	II
a	44	pretório	... nunca tinham sequer pisado o pretório.	46	III
a	47	pretório	Regressado ao pretório...	48	III
a	55	pretório	... conversar sobre isso no pretório.	54	III
a	72	basílica	A basílica que eu era capaz de descrever por dentro...	63	IV
a	89	pretório	... na minha loja e não no pretório!	66	IV
a	104	tribunal	... frequentador do meu tribunal...	69	IV
a	115	pretório	... passei quase todo o tempo no pretório.	73	V
a	116	tribunal	... o ramerrão costumeiro do despacho, do tribunal e das cerimônias religiosas,...	73	V
a	117	basílica	Os decênviros raramente se prestavam a comparecer na basílica, ...	73	V
a	119	pretório	Deslocava-me até ao pretório logo pelo nascer do sol,...	74	V
a	120	basílica	Saía da basílica. Quase não via Mara.	74	V
a	122	pretório	... haviam-no escorraçado, quer do pretório, quer de minha própria casa.	75	V
a	124	tribunal	Não tinha ousado abordar-me no fórum ou no tribunal por causa dos lictores e da escolta.	75	V
a	133	basílica	... creio que me seguiu de longe até à basílica,...	77	V
a	134	pretório	No meu tablínio do pretório,...	77	V
a	152	basílica	Da janela da basílica podia distinguir, ao longe, por sobre os telhados do casario, ...	82	V
a	161	pretório	... num ambiente menos austero e mais neutro que o do pretório.	84	V
a	185	ergástulo	... dois pisos acima do ergástulo.	95	VI
a	186	basílica	... à entrada da basílica.	96	VI

a	189	pretório	Não regressei nesse dia ao pretório.	99	VI
a	190	pretório	... pouco depois, no pretório.	103	VI
a	193	basílica	... numa janela discreta da basílica, semioculto por uma cortina?	107	VII
a	198	cúria	... passei durante algum tempo entre o meu tablínio e a sala de reuniões da cúria.	109	VII
a	199	pretório	Um escravo do pretório apareceu à porta com tábulas para despacho.	109	VII
a	211	pretório	Digam a Rufo Glicínio Cardílio que, se quiser, apareça amanhã no pretório, trazendo os culpados para julgamento.	114	VII
a	213	pretório	Rufo Cardílio não compareceu no pretório, ...	114	VII
a	214	basílica	... me veio trazer uma carta, acabada de entregar à porta da basílica	114	VII
a	216	tribunal	... e nunca compareciam perante o meu tribunal.	116	VII
a	218	pretório	... por que me tinham procurado na minha casa e não no pretório, ...	117	VII
a	225	pretório	Voámos para o pretório, ...	120	VII
a	226	basílica	Quando subíamos as escadas da basílica, com os guardas a removerem a multidão com os contos das lanças, ...	120	VII
a	227	ergástulo	... acorrentado, a um canto do ergástulo.	120	VII
a	228	masmorra	Quando entrei na masmorra, coberta de palha apodrecida, ...	120	VII
a	229	masmorra	Ordenei a Aulo que o levasse para um outro canto da masmorra menos exposto às chufas da população.	121	VII
a	232	basílica	A multidão ..., conduzida por Rufo Cardílio, e chegara a ameaçar as portas da basílica.	123	VII
a	233	basílica	Quando saí da basílica, ainda se alvoroçaram grupos dispersos pelo fórum.	124	VII
a	246	tribunal	Quase nunca perco uma das sessões do teu tribunal.	137	VIII
a	247	tribunal	Nessa tarde, presidi ao tribunal, na nave tumultuosa da basílica.	144	VIII
a	248	basílica	Nessa tarde, presidi ao tribunal, na nave tumultuosa da basílica.	144	VIII
a	250	basílica	Rufo passeava na basílica, entre dois cidadãos.	144	VIII
a	257	tribunal	... as provocações dos cristãos, cada vez mais activos, os casos correntes do tribunal, sempre animadores da calhandrice.	148	IX
a	280	ergástulo	... prenderia Mílquion no ergástulo.	160	IX
a	282	basílica	Rufo, ..., subira a um pedestal desocupado e arengava, de costas para a basílica...	161	IX
a	341	pretório	No pretório, enfim, esperavam-me ordens do Governador.	202	XII
a	351	tribunal	Cheguei tarde ao tribunal.	207	XII
a	352	basílica	A presença na cidade de gente desocupada enchia a grande nave da basílica de agitação e rumores.	207	XII

a	353	tribunal	... não deixei de estranhar que o espaço do meu tribunal estivesse tão apinhado de gente.	207	XII
a	355	tribunal	Não, eu vou ao teu tribunal, duúnviro!	209	XII
a	356	tribunal	Tu não mandas no meu tribunal, Iunia.	210	XII
a	359	basílica	... foi pendurado um cartaz à porta da basílica.	213	XIII
a	368	pretório	Ele aparecia pouco depois no pretório, a comunicar ...	224	XIII
a	423	pretório	Prosseguiu o despacho no pretório.	246	XV
a	424	tribunal	... por encontrar o tribunal encerrado.	246	XV
a	436	ergástulo	Prende-os no ergástulo do pretório.	252	XV
a	437	pretório	Prende-os no ergástulo do pretório.	252	XV
a	438	ergástulo	Então irei para o ergástulo também.	252	XV
a	439	masmorra	Não prendo numa masmorra a filha de Máximo Cantaber.	252	XV
a	442	pretório	Chegados à entrada do pretório, ...	253	XV
a	443	ergástulos	... abrindo-se a porta que dá para o corredor dos ergástulos,...	253	XV
a	444	masmorra	Não te deixo na masmorra.	253	XV
a	447	ergástulo	Quero entrar no ergástulo!	254	XV
a	455	basílica	Sob o propileu do templo de Júpiter, escondido na sombra, não resisti a espreitar a basílica.	255	XV
a	456	pretório	... com a filha de Máximo Cantaber, a tiritar, sentada num portal do pretório...	256	XV
a	459	cubículo	... suspirou e dirigiu-se para o seu cubículo.	257	XV
a	460	ergástulos	Nem olhei para Iunia Cantaber quando ordenei que abrissem a porta dos ergástulos e a deixassem entrar.	257	XV
a	464	ergástulo	Viera sozinha do ergástulo...	261	XVI
a	465	ergástulo	Volto para o ergástulo.	261	XVI
a	466	ergástulo	... mais de uma dezena de homens e mulheres foram recolhidos ao ergástulo.	262	XVI
a	468	pretório	Vários grupos tagarelavam no fórum e pareciam não ter qualquer intenção de avançar novamente para o pretório.	262	XVI
a	469	ergástulo	... que agora haviam entrado no ergástulo me deviam a vida...	262	XVI
a	470	ergástulo	Com os cabecilhas no ergástulo, a população optou pelo exemplo do duúnviro.	262	XVI
a	472	pretório	Percorri o pretório à procura de mobília que lhe servisse.	264	XVI
a	473	ergástulo	... acarretassem para o ergástulo um armário, ...	264	XVI
a	476	masmorra	... por que Iunia, então, se confinava à masmorra e não aparecia?	265	XVI
a	477	prisões	... davam para as funduras das prisões...	265	XVI
a	478	ergástulo	... cheguei à porta de grades que dava para o ergástulo.	265	XVI
a	479	ergástulo	O que afiguraria ao carcereiro como a ordem ideal no ergástulo...	265	XVI
a	480	masmorra	... transferir Arsenna para a outra masmorra.	265	XVI

a	487	pretório	... dirigi-me ao pretório e mandei que libertassem Iunia...	269	XVI
a	488	pretório	... que os escravos do pretório me transmitiam, ...	269	XVI
a	489	ergástulo	... mantinham-se encafuados nas sombras bafientas do ergástulo, ...	269	XVI
a	490	ergástulo	Deveria eu falar agora com Iunia? Descer ao ergástulo?	269	XVI
a	491	basílica	... para expulsar os cristãos da basílica, a poder de vergasta?	269	XVI
a	492	pretório	... vieram-me dizer que os decênviros da cidade estavam todos à minha espera, no pretório, ...	270	XVI
a	497	tribunal	... se impunha reabrir as termas, o tribunal e retomar o ordinário dos negócios públicos,...	272	XVII
a	498	cúria	No que respeitava aos desentendimentos na cúria, ...	272	XVII
a	499	ergástulos	Havia cidadãos e escravos nos ergástulos,...	272	XVII
a	500	ergástulo	Sugerem-me que prenda a filha de Máximo no ergástulo?	273	XVII
a	501	pretório	Estávamos, todos, de pé, na sala de reuniões do pretório, junto à janela que dava para o fórum.	273	XVII
a	505	ergástulo	Não considero que tenha autoridade para manter Iunia Cantaber no ergástulo!	273	XVII
a	510	basílica	A basílica estava adormecida, ao som do silêncio abafado, espesso.	276	XVII
a	511	ergástulo	Espreitei para dentro do ergástulo.	276	XVII
a	517	pretório	... dava passos largos na sala de reuniões do pretório.	288	XVIII
a	518	ergástulo	Pensando em Iunia resistia, uma vez mais, à tentação de descer ao ergástulo e visitar Iunia.	288	XVIII
a	519	ergástulo	Bem não poderia ele estar, no ergástulo imundo e fedorento, ...	289	XVIII
a	520	pretório	No pretório não havia possibilidade de me concentrar.	290	XVIII
a	522	ergástulo	... deviam ser desde logo encarcerados em ergástulo público, ...	292	XVIII
a	523	pretório	Teria eu apagado mal as placas de cera no pretório?	293	XVIII
a	524	pretório	Aulo no pretório, na minha frente, ...	295	XVIII
a	525	ergástulo	... buscas em casa de todos os cristãos, livres ou libertos, que estivessem detidos no ergástulo.	295	XVIII
a	526	ergástulo	Depois, pedi escolta e desci, pesadamente, ao ergástulo.	299	XVIII
a	527	ergástulo	Mandei que abrissem o ergástulo e chamassem todos os reclusos, ...	299	XVIII
a	528	ergástulo	Iunia, em voz clara, persistia em bradar frases, lá do ergástulo.	300	XVIII
a	529	ergástulo	Os homens da escolta e o carcereiro abriram o ergástulo, ...	301	XVIII
a	530	basílica	O corruptio da basílica. Gente normal.	302	XVIII
a	531	pretório	Do pretório, vieram a despacho logo pela alvorada.	303	XIX
a	537	basílica	Na basílica, à luz crepuscular, havia já algum movimento.	305	XIX
a	539	basílica	Meia Tarcisis já se aglomerava às portas da basílica.	306	XIX
a	540	basílica	... num instante a basílica ficou repleta.	306	XIX

a	543	basílica	Gargalhadas e chufas atroaram as paredes da basílica.	308	XIX
a	544	tribunal	... visivelmente abatidos pela solenidade do tribunal...	308	XIX
a	551	pretório	Aponte a estátua de Júpiter junto da qual se encontrava um servidor do pretório, ...	310	XIX
a	557	tribunal	Isto é um tribunal, não é um matadouro.	313	XIX
a	558	basílica	Uma revoada de aplausos estalou pela basílica.	313	XIX
a	559	tribunal	... virando as costas ao tribunal, Iunia dirigiu-se ao povo.	314	XIX
a	560	tribunal	Voltou-se de súbito para o tribunal e bradou...	314	XIX
a	562	basílica	Correu um murmúrio intrigado pela basílica.	316	XIX
a	563	tribunal	... anunciei que o tribunal ia retirar-se para decidir.	317	XIX
a	564	tribunal	Rufo, Iunia, deixemos o tribunal deliberar.	319	XIX
a	565	tribunal	Não temos o direito de perturbar o recolhimento do tribunal!	319	XIX
a	567	tribunal	O tribunal está a deliberar!	320	XIX
a	569	tribunal	... foi comedido e não trouxe factos ao tribunal	320	XIX
a	574	basílica	... corri para a muralha pelas traseiras da basílica.	323	XX
a	577	pretório	Vamos para o pretório?	324	XX

Templos e Edifícios Sagrados

b	15	estátuas e lápides	... e mesmo as estátuas e lápides...	30	II
b	17	templos	... nos templos...	32	II
b	19	templos e santuários	... deixava dinheiro aos templos e santuários...	35	II
b	39	templo de Júpiter Ótimo Máximo	... aquele tinha reparado o templo de Júpiter Ótimo Máximo...	42	II
b	42	templo	... cantarias escurecidas do templo:...	45	III
b	43	templo	Nas paredes do templo, uma grossa mancha de humidade...	46	III
b	49	estátua	... uma estátua que ri...	48	III
b	50	templo	... uma águia que pousa no templo...	48	III
b	67	templo de Júpiter	... a imponência do templo de Júpiter...	62	IV
b	177	templo	por que não passas uma destas noites num templo? Pode ser que um deus te apareça e te inspire.	88	V
b	201	templo	Por que não passar uma noite no templo?	109	VII
b	202	templo	O que era o templo? Quatro paredes geladas, colunas, escuridão, algumas estátuas.	109	VII
b	203	templo	Mas se uma noite no templo não apaziguaria os deuses,...	110	VII
b	204	templo	Dormir agora uma noite no templo poderia, talvez, constituir um acto político astuto, ...	111	VII
b	215	sinagoga	... seus ritos numa casa a isso destinada, para a qual aceitavam o	116	VII

			nome grego de sinagoga...		
b	254	templo de Jove	... fantasmas iluminados apareceram no telhado do templo de Jove ...	147	IX
b	271	templo de Marte	... apresentarem-se na madrugada seguinte no terreiro do templo de Marte junto à muralha.	157	IX
b	284	templo de Marte	Nesse momento, junto à porta de honra da cidade, frente ao pequeno templo consagrado a Marte, ...	163	X
b	296	templo	... eu presidira aos sacrifícios no templo, com a assistência de todos os notáveis e muito povo no terreiro.	171/172	X
b	312	templos	Cospem quando passam em frente dos templos, sabias?	175	X
b	314	templo de Júpiter	... em sacrilégio no terreiro do templo de Júpiter.	176	X
b	315	templo	Não estranhaste que Máximo Cantaber tivesse faltado à cerimónia, no templo?	176	X
b	323	templos	... agradecer ao Imperador um donativo de um milhão de sestércios destinado ao restauro do fórum, das termas e dos templos.	181	XI
b	336	templo	A tua intervenção, em frente do templo, ajudou a levantar os ânimos.	195	XII
b	337	templo	... não consegui comparecer no templo...	196	XII
b	340	templo	Mas esses cristãos impediram-no pela força de se dirigir ao templo.	201	XII
b	354	templo	Por não ter ido ao templo, ontem?	209	XII
b	357	templo	É para isso que ordenas sacrifícios grotescos no templo e molhas um dardo no sangue das vítimas?	210	XII
b	371	santuário de Endovélico	Clélia tina caprichado em seguirem para o santuário de Endovélico, perdido no meio do azinhal, muito distante...	225	XIII
b	372	templete rústico	... que brotava dentro dum templete rústico.	225	XIII
b	373	templete	... entravam no templete, à sombra duma fraga descomunal, coberta de antiquíssimas inscrições, ...	226	XIII
b	375	santuário	Junto ao santuário, após dez ou doze milhas de charnecas desertas e empoeiradas, jaziam os cadáveres descompostos de dois escravos, ...	227	XIII
b	390	templos	Entrega-lhes o que houver nos templos.	235	XIV
b	391	templos	Entregar o ouro dos templos era um sacrilégio e uma cobardia...	235	XIV
b	422	templos	Os templos encheram-se.	246	XV
b	446	estátuas	... os gestos de pedra das estátuas, suspenderam a sua marcha.	254	XV
b	454	templo de Júpiter	Sob o propileu do templo de Júpiter, escondido na sombra, não resisti a espreitar a basílica.	255	XV
b	532	estátua de Júpiter	... transportassem a estátua de Júpiter do templo para a basílica.	303	XIX

b	533	templo	... transportassem a estátua de Júpiter do templo para a basílica.	303	XIX
b	538	estátua de Júpiter	... lá estava a estátua de Júpiter que - diziam - reproduzia ... a figura de Zeus	305	XIX
b	542	estátua de Júpiter	... para lá da estátua de Júpiter...	307	XIX
b	550	estátua de Júpiter	Aponte a estátua de Júpiter junto da qual se encontrava um servidor do pretório, ...	310	XIX
b	552	estátua	Todos, de roldão, correram para a estátua, numa pressa quase histórica...	310	XIX
b	553	estátua	... à beira da estátua.	311	XIX
b	554	templo	... de presenciar os sacrifícios no templo.	311	XIX
b	555	templo	Negas que cuspias ao passar junto do templo?	312	XIX
b	556	templo	Talvez eu tenha tossido inadvertidamente, ao pé do templo.	312	XIX
b	566	estátua	Eu vi-os correr para a estátua...	319	XIX

Domus et Insulae

c	4	casas	... casas reconstruídas...	18	I
c	41	fazenda	... na fazenda, de gastos abundantes,...	42	II
c	62	ilha	... apoiada na parede escalavrada duma ilha...	62	IV
c	70	casas	... a sobrevivência indígena de casas redondas de traça antiga e telhados de colmo.	63	IV
c	71	ilhas	... as ilhas de tijolo inseguro...	63	IV
c	78	casario	... a linha do aqueduto rasava já o casario para entroncar...	63	IV
c	76	mansão	... numa das suas vertentes, a mansão dos Cantaber.	63	IV
c	79	bairros	... se subdividiram pelos diversos bairros.	63	IV
c	87	mansões	... enclausurados no luxo das suas mansões e nas malhas dos seus preconceitos.	64	IV
c	80	casas sobradadas	... casas sobradadas que se erguiam frente ao reservatório.	64	IV
c	83	prédio	Na loja desse prédio, completamente escancarada, de taipais arredados, havia luz.	64	IV
c	90	tugúrio	... eram atiradas de um canto ao outro do tugúrio.	66	IV
c	96	bairro	... bairro caótico...	67	IV
c	99	ilhas	O estuque das ilhas, que quase se tocavam junto aos céus...	67	IV
c	101	prédios	Entre dois prédios, em frente, surgiu um clarão ténue.	67	IV
c	114	casas	Algumas casas e os seus jardins teriam de sacrificadas a um novo traçado.	71	IV
c	129	tugúrio	Após deixar os restos da ceia a um canto do seu tugúrio,...	75	V
c	136	novas casas	A azul, as novas casas construídas poucos anos antes, que já extravasavam o pomério e os próprios muros.	77	V

c	139	prédios	... figurando o traçado da nova cerca que deixava de fora meia dúzia de prédios.	77	V
c	140	casas	... arrasar as casas excedentárias, e construir um pano de muralha, aproveitando os materiais das demolições.	77	V
c	143	ilhas	Tudo ponderado, em vez de sacrificar ilhas populosas, ...	77	V
c	145	construções semiabandonadas	... optei por sacrificar as mansões ajardinadas de Pôncio e os terrenos de dois ou três notáveis, além de construções semiabandonadas, ...	77	V
c	151	nova casa de Pôncio	A nova casa de Pôncio é o orgulho da cidade. O rural intramuros...	80	V
c	153	casario	Da janela da basílica podia distinguir, ao longe, por sobre os telhados do casario, ...	82	V
c	175	depósitos das casas	As águas das termas provinham do aqueduto que também servia os balneários dos particulares, as fontes das ruas, os depósitos das casas.	87	V
c	217	casas	... houve desacatos, as casas dos judeus foram apedrejadas e alguns apareceram mortos, ...	117	VII
c	219	casas	Acostumados às suas pequenas casas fechadas e trancadas, ...	117	VII
c	220	casa	Em casa de Máximo Cantaber?	118	VII
c	236	mansão	... soberba mansão... Desmesurados jardins, pavilhões de fantasia, lagoas artificiais, ninfas de pedra ... assim fora a casa urbana de Máximo Cantaber.	127	VIII
c	237	ilhas	Com o crescimento da cidade e o pulular das ilhas de habitação, o enorme recinto ficara com os muros confinados ... por edificações populares, ...	127	VIII
c	239	edificações populares	... por edificações populares, com acesso por calçadas estreitas, enegrecidas e acidentadas, dominadas pela sombra do aqueduto.	127	VIII
c	242	mansão	A mansão da família Cantaber havia sido tão sumptuosa, ...	129	VIII
c	318	bairros	... num dos bairros mais pobres e mais antigos da cidade,...	178	X
c	319	cabanas redondas	... onde coexistiam as cabanas redondas dos rústicos...	178	X
c	320	ilhas	... ilhas escalavradas dos miseráveis.	178	X
c	327	bairros	...comparados com a pobreza mesquinha dos nossos bairros de casebres nativos e ilhas atarracadas.	182	XI
c	328	casebres	... dos nossos bairros de casebres nativos...	182	XI
c	329	ilhas	dos nossos bairros de casebres nativos e ilhas atarracadas.	182	XI
c	333	prédios	As ruas, o fórum, os prédios altos, a azáfama do mercado, as termas, o luxo da minha própria casa, ...	184	XI
c	462	mansão	A bela mansão dourada dos Cantaber, as suas preciosidades, ...	259	XVI

Villae

d	1	villa	... pasmada villa...	14	I
d	181	villa	... que tropearam no pavimento os carros de Máximo Cantaber, fugido da sua villa, ...	89	V
d	243	villa	... Máximo Sálvio tomou posse da herança, decidiu retirar-se para a villa da família, a umas vinte milhas de distância, ...	129	VIII
d	330	villa	Uma vez trouxeram-me da villa um dos meus escravos rústicos, ...	184	XI
d	578	villa	Tu tens uma villa a alguma distância de Tarcisis, ...	324	XX
d	579	villa	Quando chegámos à villa encontrava-se no estado que já relatei.	324	XX

Jardins

e	427	jardins	Uma multidão ... agitava-se, ameaçadora, nos jardins.	247	XV
e	428	jardim	Sai do meu jardim, taberneiro!	248	XV
e	435	jardim	... se reuniam naquele jardim e porfiavam em insultar e agredir os cristãos.	251/252	XV
e	461	jardim	... evitar que as chamas propagassem ao jardim e às árvores...	259	XVI
e	545	jardins dos Cantaber	... nos jardins dos Cantaber...	308	XIX

Termas / Banhos Públicos

f	7	balneário	... restaurar-se no balneário...	21	I
f	10	termas	... que nas termas...	29	II
f	20	termas	... no seu triclinio, nas termas, no fórum...	35	II
f	157	termas	... enquanto me transportavam às termas.	84	V
f	159	banhos	Sabia que ia encontrar nos banhos uma leviandade alegre e despreocupada que fazia contraste com os trabalhos árduos...	84	V
f	164	termas do hipocausto	Havia quem, possuindo balneário, nunca aquecesse as fornhalhas do hipocausto e preferisse a promiscuidade das termas públicas...	84	V
f	165	termas públicas	Havia quem, possuindo balneário, nunca aquecesse as fornhalhas do hipocausto e preferisse a promiscuidade das termas públicas...	84	V
f	166	grandes termas	As grandes termas tinham sido remodeladas sob Cláudio, muito	84	V

			acrescentadas nos tempos dos Flávios e restauradas ... de Marco Aurélio...		
f	160	piscinas	... se encontravam a tagarelas à borda das piscinas.	84	V
f	162	balneários privativos	Apenas meia dúzia de casas em Tarcisis dispunham de balneários privativos.	84	V
f	163	balneário	Havia quem, possuindo balneário, nunca aquecesse as fornhalhas do hipocausto e preferisse a promiscuidade das termas públicas...	84	V
f	170	banhos públicos	Calpúrnio, então, nos banhos públicos?	85	V
j	171	termas públicas	Hás-de estranhar, ver-me nas termas públicas.	86	V
f	173	balneários dos particulares	As águas das termas provinham do aqueduto que também servia os balneários dos particulares, as fontes das ruas, os depósitos das casas.	87	V
f	176	termas	... estranho silêncio naquelas termas.	88	V
f	268	termas	Dias antes, Iunia tinha armado um escândalo à porta das termas, na hora das mulheres.	152	IX
f	269	termas	... lá estava Iunia, à porta das termas.	153	IX
f	286	termas	São um lugar maldito, as termas? - provoqueei eu.	165	X
f	287	termas	Quero saber: são malditas as termas?	165	X
f	288	termas	As termas... os espectáculos... os banquetes... os enfeites... artifícios dos demónios para desviarem as almas de Deus,...	165	X
f	289	termas	Havia termas no tempo dos meus avós, há termas e balneários desde que Roma é Roma... e sempre haverá.	165	X
f	290	balneários	Havia termas no tempo dos meus avós, há termas e balneários desde que Roma é Roma... e sempre haverá.	165	X
f	291	termas	As termas são uma aquisição da romanidade.	165	X
f	322	termas	... agradecer ao Imperador um donativo de um milhão de sestércios destinado ao restauro do fórum, das termas e dos templos.	181	XI
f	324	termas	As termas de Tarcisis, apertadas entre ruelas bisonhas e acanhadas, comparadas com as termas de Trajano?	182	XI
f	335	termas	As ruas, o fórum, os prédios altos, a azáfama do mercado, as termas, o luxo da minha própria casa, ...	184	XI
f	338	termas	... não frequentas as termas, nem o triclinio dos outros...	196	XII
f	358	termas	Continuas a dar espectáculo, à porta das termas?	211	XII
f	496	termas	... se impunha reabrir as termas, o tribunal e retomar o ordinário dos negócios públicos,...	272	XVII
f	503	termas	... como se nos tivéssemos casualmente encontrado nas termas, ou à sombra dum pórtico.	273	XVII

f	506	balneários	Não tinha água nos balneários, por decisão comunicada ao intendente, ...	275	XVII
----------	-----	------------	--	-----	------

Teatro

g	14	teatro	... mandei construir um teatro que não chegou a ficar concluído...	30	II
g	68	teatro	... o espaço côncavo do teatro inacabado	62/63	IV
g	155	teatro	... carregados de pedra do novo teatro, ...	83	V
g	206	novo teatro	Entre as pedras do novo teatro iniciado no meu anterior mandato e ainda inacabado, ... mandara demolir a fim de aproveitar materiais para a muralha	113	VII

Mercados e Tabernas

h	52	taberna	... na escuridão duma taberna.	48	III
h	59	lojas	... gemido do vento nas tabuletas das lojas...	62	IV
h	84	loja	... a entrada da loja...	64	IV
h	85	taberna	Taberna?	64	IV
h	86	padaria	Taberna e padaria	64	IV
h	88	loja	... na minha loja e não no pretório!	66	IV
h	92	taberna	... estava nesse momento entre o reservatório e a taberna.	66	IV
h	95	taberna	... ouvi ainda um rumorejo para os lados da taberna.	67	IV
h	103	taberna	... até altas horas na sua taberna,...	68	IV
h	105	taberna	... para a reunião da taberna?	69	IV
h	128	taberna	Era um dos que se encontrava na taberna de Rufo...	75	V
h	130	taberna	... correr para a taberna para devolver as vestes, emprestadas por Rufo.	75	V
h	131	taberna	... Cornélio jurava nunca mais pedir nada a Rufo nem frequentar a sua taberna.	76	V
h	132	tabernas	Afinal, passam-se tantas coisas interessantes, nas tabernas.	76	V
h	147	tendas	Fui ouvindo, no fórum, o ruído das tendas a armarem-se...	78	V
h	191	taberna	... se tinha dirigido à taberna de Rufo.	103	VI
h	192	loja	... o filho do liberto se preparava para fechar a loja e colocava os taipais.	104	VI
h	196	tendas	O fórum ficou deserto, as tendas desarmadas, as lojas entaipadas.	108/109	VII
h	197	lojas	O fórum ficou deserto, as tendas desarmadas, as lojas entaipadas.	108/109	VII
h	209	loja	Estava fechado na sua loja, ...	114	VII
h	210	taberna	... alguns dos decênviros andavam a frequentar discretamente a	114	VII

			taberna de Rufo, ...		
h	221	tabernas	Quanto às práticas, Cornélio apenas sabia o que se dizia nas tabernas e lupanares, odiavam a humanidade, ...	119	VII
h	222	lupanares	Quanto às práticas, Cornélio apenas sabia o que se dizia nas tabernas e lupanares, odiavam a humanidade, ...	119	VII
h	231	estalagem	No caminho que liga a Ébora havia uma estalagem chamada das «Três Irmãs» ...	122	VII
h	249	loja	... queria ver despejado o arrendatário numa loja, que fazia comparecer ali, ...	144	VIII
h	253	taberna	... os rústicos branquetearam na taberna de Rufo Cardílio...	147	IX
n	260	armazéns	Não havia sinal da casa de Pôncio, nem dos armazéns e pardieiros demolidos.	148	IX
h	277	taberna	Depois, em grande algazarra, arrastaram-nos para dentro da taberna, ...	159	IX
h	293	loja	As traseiras da loja de Rufo Cardílio.	171	X
h	334	mercado	As ruas, o fórum, os prédios altos, a azáfama do mercado, as termas, o luxo da minha própria casa, ...	184	XI
h	345	taberna	... depois de uma bebedeira na taberna de Rufo...	203	XII
h	347	taberna	Os frequentadores da taberna tinham-no visto sair...	203	XII
h	350	taberna	Não ia interrogar todos os frequentadores da taberna de Rufo, ...	204	XII
h	366	taberna	Na taberna, por essa hora, estanciavam apenas meia dúzia de bêbedos, absortos na sua sonolência.	222	XIII
h	367	taberna	A voz perdera as hesitações e já atroava a taberna.	223	XIII
h	417	tenda	... aquela gente a deslocar-se de uma para outra tenda, ...	245	XV
h	421	mercado	O próprio mercado reabriu.	246	XV
h	426	taberna	... penduravam folhas de loureiro à porta da sua taberna...	246	XV

Ruas

i	27	empedrado	... ritmando as botinas encarnadas no empedrado.	37	II
i	29	Decumana	... veio da Decumana	37	II
i	40	pavimento	... um ponto do pavimento em que o mosaico figurava Laocoonte.	42	II
i	45	via	... carros iam e vinham, pesadamente, pela via empedrada.	47	III
i	56	ruas	... pelas ruas de Tarcisis.	62	IV
i	58	fontes	... os contornos das fontes...	62	IV
i	64	calçada	... tropeços da calçada...	62	IV
i	65	Decumana	A Decumana deserta...	62	IV
i	69	ruas	... a confusão das ruas estreitas...	63	IV

i	97	becos	... becos estreitos e encurvados...	67	IV
i	98	chão	Pelo chão descalçado as lamas misturavam-se a detritos pútridos.	67	IV
i	100	viela	... uma viela que mal cabíamos os dois a par.	67	IV
i	102	betesga	... espreitei por uma betesga...	68	IV
i	113	carreteira	... franqueada pela carreteira que vinha airadamente dos campos e conduzia...	70	IV
i	125	ruela	Lá ao funda da ruela,...	75	V
i	127	calçada	... começava a dispor a mercadoria na calçada.	75	V
i	174	fontes	As águas das termas provinham do aqueduto que também servia os balneários dos particulares, as fontes das ruas, os depósitos das casas.	87	V
i	178	ruas	Ouvíamos os carros que iam passando na rua, atroando as lajes e as paredes.	89	V
i	180	pavimento	... que tropearam no pavimento os carros de Máximo Cantaber, fugido da sua villa, ...	89	V
i	183	caminho	Hoje dizem que poderia pavimentar com moedas o caminho entre as portas mais extremadas da cidade.	92	VI
i	187	calçada	... o estrépito dos cascos na calçada, ...	96	VI
i	212	rua	Depois, a rua voltou ao silêncio.	114	VII
i	240	calçadas	... por edificações populares, com acesso por calçadas estreitas, enegrecidas e acidentadas, dominadas pela sombra do aqueduto.	127	VIII
i	285	ruas	... como zoavam, ruidosas as ruas em volta...	164	X
i	325	ruelas	As termas de Tarcisis, apertadas entre ruelas bisonhas e acanhadas, comparadas com as termas de Trajano?	182	XI
i	331	ruas	As ruas, o fórum, os prédios altos, a azáfama do mercado, as termas, o luxo da minha própria casa, ...	184	XI
i	348	caminho	... se aventurasse a seguir pelo estreito caminho que, aliás, não conduzia a sua casa.	203	XII
i	349	rua das prostitutas	Talvez quisesse atalhar para a rua das prostitutas que era um dos seus destinos habituais.	203	XII
i	362	rua	De rua para rua, tornava-se mais nítido um guincho estridente, arrastado...	214	XIII
i	364	estradas	... uma dúzia de salafrários havia tornado inseguras as estradas de Tarcisis.	218	XIII
i	403	ruas	... e corriam agora, ao desamparo, pelas nossas ruas.	239	XIV
i	440	calçada	Descemos a calçada até ao fórum com as mulheres de Tarcisis...	252	XV
i	451	caminho de ronda	Dei a volta à cidade, ora pelo caminho de ronda, ora pelo pomério.	255	XV

i	457	rua	... enrolado no manto, acompanhada de um casal de escravos, descia a rua, em direcção ao fórum.	256	XV
i	494	Decumana	... se erigisse um arco de madeira pintada na rua decumana	271	XVII
i	535	rua	Na rua, esperava-me uma pequena multidão alvoraçada ...	305	XIX

Aqueduto

j	63	aqueduto	... subimos ao aqueduto...	62	IV
j	73	aqueduto	... a funambular pelo aqueduto?	63	IV
j	77	aqueduto	... a linha do aqueduto rasava já o casario para entroncar...	63	IV
j	81	reservatório	... frente ao reservatório.	64	IV
j	91	reservatório	... estava nesse momento entre o reservatório e a taberna	66	IV
j	93	aqueduto	... não prosseguir pelo aqueduto.	67	IV
j	167	reservatório	... conforme as substâncias que acrescentavam à água num reservatório oculto	85	V
j	172	aqueduto	As águas das termas provinham do aqueduto que também servia os balneários dos particulares, as fontes das ruas, os depósitos das casas.	87	V
j	241	aqueduto	... por edificações populares, com acesso por calçadas estreitas, enegrecidas e acidentadas, dominadas pela sombra do aqueduto.	127	VIII
j	344	aqueduto	Cornélio Lúculo havia sido encontrado morto, num quintal, debaixo do aqueduto, ...	203	XII
j	346	aqueduto	... aos bamboleios pelo aqueduto fora.	203	XII
j	402	aqueduto	... alguns tinham conseguido entrar na cidade por uma corda, pelo lado do aqueduto, ...	239	XIV
j	418	aqueduto	O aqueduto mantinha-se intacto, ...	245	XV
j	507	aqueduto	Ordenei que se reabrisse a ligação ao aqueduto e que se atearse o hipocausto.	275	XVII
j	508	hipocausto	Ordenei que se reabrisse a ligação ao aqueduto e que se atearse o hipocausto.	275	XVII
j	509	aqueduto	Aquele poeta que veio cá a casa... o que caiu do aqueduto...	276	XVII

Muralha e Portas da cidade

k	16	muralha	... reconstrução da muralha...	30	II
k	22	muralha	... que logo ali junto à muralha...	37	II
k	46	muralhas	... as muralhas da cidade, erigidas no tempo de Augusto, nunca mais haviam sido reparadas.	47	III
k	57	muros	... as linhas dos muros.	62	IV

k	60	muralha	... chegar rapidamente à muralha...	62	IV
k	106	porta principal	... Fui reconhecido pelos guardas da porta principal,...	69	IV
k	107	muralhas	... num impulso de inspeccionar as muralhas	70	IV
k	108	defesas	... a inspeccionar as defesas?	70	IV
k	109	muralhas	... a degradação das muralhas,...	70	IV
k	110	muralhas	... considerava-se que as muralhas para nada serviam...	70	IV
n	111	pomério	... pedras negligentemente espalhadas pelo pomério.	70	IV
k	112	portas	... rituais de fecho e vigília das portas...	70	IV
k	118	muralha	Coube-me negociar com empreiteiros ardilosos a reconstrução da muralha	73	V
k	121	muralha	... implicavam o imprevisto de panos de muralha,...	74	V
n	137	pomério	A azul, as novas casas construídas poucos anos antes, que já extravasavam o pomério e os próprios muros.	77	V
k	141	muralha	... arrasar as casas excedentárias, e construir um pano de muralha, aproveitando os materiais das demolições.	77	V
k	142	velhas fortificações	... o estado das velhas fortificações, ...	77	V
k	148	nova muralha	... a casa de que era proprietário fazer estorvo à nova muralha e ter, portanto, de ser demolida.	78	V
k	149	muralha	... Lúcio, por que não hás-de reconstruir a muralha tal como estava dantes?	79	V
k	150	muralha	Apenas recupero a pedra que foi desviada da muralha.	79	V
k	154	muralhas	... os prumos da grande grua que já estava a ser montada junto às muralhas.	82	V
k	156	muralha	... carregados de pedra do novo teatro, chegaram, rangendo, e quedaram-se junto à muralha.	83	V
k	158	muralha	... pela azáfama que presenciava junto à muralha.	84	V
k	179	portas	A guarda das portas tinha ordem de facultar-lhe a entrada,...	89	V
k	182	muralha	... para os lados da muralha nova,	91	VI
k	184	portas	Hoje dizem que poderia pavimentar com moedas o caminho entre as portas mais extremadas da cidade.	92	VI
k	188	porta maior	... junto à porta maior de Tarcisis.	96	VI
k	205	muralha	A nova muralha ia tomando forma, no meio da confusão dos estaleiros.	112	VII
k	207	muralha	Entre as pedras do novo teatro iniciado no meu anterior mandato e ainda inacabado, ... mandara demolir a fim de aproveitar materiais para a muralha	113	VII
k	208	muralha	... aquela pedra (baixo relevo de Lúcio) fosse juntar-se às outras, na muralha, no renque que lhe competisse, com a efígie para	113	VII

			dentro.		
k	230	portas secundárias	... dei pela sua falta, das portas secundárias da cidade.	122	VII
n	238	muros	Com o crescimento da cidade e o pulular das ilhas de habitação, o enorme recinto ficara com os muros confinados ... por edificações populares, ...	127	VIII
k	244	muralha	Expliquei-lhe que a morada nova não passava por ali, o que era mais que evidente.	135	VIII
k	259	muralha	A muralha, entretanto, estava praticamente reconstruída.	148	IX
k	262	muros	Apenas no aparelho dos muros recentes sobressaíam, aqui e além, embutidos, restos de colunas e pedras ornamentais...	148	IX
k	263	caserna	... do entulho que atafulhava uma caserna arruinada, junto a uma das portas.	148/149	IX
k	264	portas	... do entulho que atafulhava uma caserna arruinada, junto a uma das portas.	148/149	IX
k	265	muralhas	... a pacificação da zona havia tornado dispensável a solidez das muralhas.	149	IX
k	267	porta principal	Mal descemos, por um dos torreões da porta principal, ...	150	IX
k	270	muralhas	Comecei por uma longa exposição sobre as obras das muralhas, despesas, salários, e não poupei nenhum pormenor ...	155	IX
k	272	muralha	... apresentarem-se na madrugada seguinte no terreiro do templo de Marte junto à muralha.	157	IX
k	283	porta de honra	Nesse momento, junto à porta de honra da cidade, ..., decorriam as operações de recrutamento e treino da milícia de Tarcisís.	163	X
k	299	pomério	Perto, no pomério, instalava-se ruidosamente a enorme máquina de guerra, ...	172	X
k	300	muralhas	Os fundibulários haviam sido conduzidos para fora das muralhas e adestravam-se nos campos, ...	172	X
k	316	muralhas	A não ser que o requisitem para as muralhas...	177	X
k	342	muralhas	... reforçar as muralhas e a proceder a sacrifícios.	203	XII
k	361	muralha	... eu ia agora inspeccionar, junto à muralha.	214	XIII
k	363	muralhas	... em torno das muralhas, era agora substituída por um corrupio de gente que acarretava pedra...	215	XIII
k	369	muralhas	... ia dar uma volta às muralhas, em cumprimento de uma promessa a Apolo.	225	XIII
k	370	muralha	Nesse momento, a gente que se concentrava fora da muralha largou a correr...	225	XIII
k	374	porta	Do grupo que, junto à porta, nos viu sair, guardei o olhar angustiado de Iunia.	227	XIII
k	376	muralhas	... mandei tocar as tubas aos postos de observação das muralhas	228	XIII

			e organizar piquetes e turnos de vigilância.		
k	378	muralhas	Altas horas, num ponto das muralhas afastado das portas, um sino começou a tocar a rebate.	229	XIII
k	379	muralha	Atirado com força, um pequeno volume voou por cima da muralha e veio cair sobre um telhado.	229	XIII
k	380	muralha	... e de render Aulo, nas muralhas, ...	231	XIV
k	381	muralhas	Os meus servos distribuíram alimentos pelas muralhas...	231	XIV
k	382	muralhas	... alguns cidadãos desceram das muralhas, ...	231	XIV
k	383	portas da cidade	... iam-se aglomerando frente às portas da cidade, ...	232	XIV
k	385	muralhas	Repiques de sino, noutros pontos das muralhas, ...	232	XIV
k	386	muralhas	Parou a trinta ou quarenta passos da muralha	233	XIV
k	387	muralhas	Entreolhámo-nos nas muralhas.	233	XIV
k	388	portas	Garantem que, se abrires as portas e os deixares entrar na cidade, ...	234	XIV
k	389	muralhas	... enquanto se aproximava de novo das muralhas.	235	XIV
k	393	muralha	Do lado de dentro da muralha...	236	XIV
k	394	torre	Agora encostado à parede da torre, ...	237	XIV
k	395	muralhas	Era já impossível conter o clamor nas muralhas.	237	XIV
k	396	muralha	... e da muralha chegávamos a ouvir o crepitar do carro em chamas.	238	XIV
k	397	muralhas	... se precipitou para as muralhas e enegreceu o terreno em volta.	238	XIV
k	398	porémio	... gemiam agora pelos caminhos de ronda e pelo pomério.	238	XIV
k	399	muralhas	... corrido para junto das muralhas, ...	238	XIV
k	400	muralhas	Ao rés das muralhas amontoavam-se os corpos, ...	239	XIV
k	401	muralha	... os sinais sonoros que nos vinham de outros pontos da muralha indicavam o recuo dos mouros, ...	239	XIV
k	405	muralhas	... dos mouros que se chegavam por grupos às muralhas	240	XIV
k	406	muralha	... à deslocação dos nossos homens de um troço de muralha para outro, ...	240	XIV
k	407	muralhas	... todo o espaço entre as muralhas da cidade...	240	XIV
k	408	muralhas	Raras e desconvidas eram as investidas contra as muralhas.	240	XIV
k	410	muralhas	Ao segundo dia, ..., Calpúrnio veio visitar as muralhas, ...	241	XIV
k	411	escadas da muralha	Calpúrnio subiu pelas escadas da muralha ...	241	XIV
k	413	muralhas	... um homem que não havia abandonado as muralhas desde a primeira investida moura, ...	242	XIV
k	414	muralhas	... mas nunca me dei conta de que tivesse abandonado as muralhas para que o tratassem	243	XIV
k	415	muralha	... se apoiara na muralha, olhando para fora, ...	243	XIV

k	420	muralhas	Os turnos de vigilância às muralhas sucediam-se...	246	XV
k	425	muralhas	Afastavam-se com respeito quando ele subia às muralhas, ...	246	XV
k	429	muralhas	... liberto ou escravo, compareceu nas muralhas ou colaborou na defesa da cidade.	249	XV
k	430	muralhas	... valendo-se da desprevenção dos defensores das muralhas.	250	XV
k	431	muralhas	... ansioso por que tocasse nas muralhas o sino...	250	XV
k	432	muralhas	Como podemos estar a salvo nas muralhas, se, nas nossas costas, se trama a perdição da cidade?	250	XV
k	433	muralhas	... queriam-nos dependurados das muralhas.	251	XV
k	434	muralhas	Rufo ia continuar, mas a sineta retiniu, nas muralhas.	251	XV
k	449	muralhas	... encaminhei-me para as muralhas, ...	255	XV
k	450	muralhas	... tinham aparecido em grupos junto às muralhas e houvera algazarras, ...	255	XV
k	452	pomério	Dei a volta à cidade, ora pelo caminho de ronda, ora pelo pomério.	255	XV
k	463	muralhas	... era visto com facilidade de fora das muralhas.	260	XVI
k	471	muralhas	Estava nas muralhas, por tua ordem, senhor.	262	XVI
k	475	muralhas	... que tiveram de ir desencantar nas muralhas, ...	264	XVI
k	481	muralhas	Fazia agora a pé o caminho para as muralhas.	266	XVI
k	482	muralha	... começou a subir as escadas da muralha.	267	XVI
k	483	portas	... surgiram no terreiro em frente das portas.	267	XVI
k	484	muralhas	Ao clamor dos aplausos nas muralhas...	267	XVI
k	485	portas	Escancararam-se as portas, ...	268	XVI
k	486	portas	... para o acampamento a uma boa distância das portas, ...	268	XVI
k	495	portas	... Énio Calpúrnio ... esperaria junto às portas	271	XVII
k	512	portas da cidade	As portas da cidade estavam abertas, de par em par,	278	XVII
k	514	muralha	Mas... haveria necessidade de reduzir o perímetro da muralha, de arrasar casas?	282	XVII
k	515	muralha	Se não tivesse mandado reparar a muralha, os mouros entravam.	282	XVII
k	547	muralha	Por que não estavas tu na muralha, a defender a cidade?	309	XIX
k	548	muralha	... quem vos impediu de acorrer à muralha	310	XIX
k	561	muralhas	... frente às muralhas de Tarcisis, as únicas assediadas em todo o Sul?	315	XIX
k	570	muralha	... com uma mão apoiada no rebordo da muralha.	323	XX
k	573	muralha	... corri para a muralha pelas traseiras da basílica.	323	XX
k	575	portas da cidade	Espreitei o cortejo a atravessar as portas da cidade, ...	323/324	XX
k	576	muralha	... Scauro que aguardava, encostado à muralha,...	324	XX

Fórum

l	21	fórum	... no seu triclinio, nas termas, no fórum...	35	II
l	26	fórum	... em grupos dispersos pelo fórum.	37	II
l	30	fórum	... cruzou o fórum...	37	II
l	32	fórum	O fórum reanimava-se.	38	II
l	33	fórum	... da multidão que já deambulava no fórum.	38	II
l	34	fórum	... o fórum retomou o garrido das cores...	38	II
l	37	fórum	... pavimentar o fórum...	42	II
l	38	estátuas (Marte e Minerva)	... as estátuas a Marte e Minerva...	42	II
l	66	fórum	... o fórum com a monotonia rígida das suas colonatas...	62	IV
l	123	fórum	Não tinha ousado abordar-me no fórum...	75	V
l	138	muros	A azul, as novas casas construídas poucos anos antes, que já extravasavam o pomério e os próprios muros.	77	V
l	146	fórum	Fui ouvindo, no fórum, o ruído das tendas a armarem-se...	78	V
l	168	fórum	Não se ouviam ali as apóstrofes grosseiras do fórum.	85	V
l	194	fórum	... o cortejo e deu uma volta ao fórum.	108	VII
l	195	fórum	O fórum ficou deserto, as tendas desarmadas, as lojas entaipadas.	108/109	VII
b	223	estátuas	... insultavam as estátuas e entregavam-se a ritos orgíacos...	119	VII
l	234	fórum	Quando saí da basílica, ainda se alvoroçaram grupos dispersos pelo fórum.	124	VII
l	245	fórum	Às vezes vejo-te passar no fórum, Lúcio Valério.	137	VIII
l	252	fórum	... porque já tresandava e empestava o fórum.	147	IX
l	258	fórum	Ainda arrastavam o mouro do fórum, e já eu tratava duma convocação especial da cúria para o dia seguinte.	148	IX
l	273	fórum	Grupos agitavam-se e gralhavam ruidosamente no fórum, ...	157	IX
l	281	fórum	... o ajuntamento que se ia aglomerando no fórum.	161	IX
l	303	fórum	O fórum estava quase deserto.	174	X
l	309	fórum	Eu não vou para junto dos pedestais e dos nichos do fórum interpelar as estátuas, ...	175	X
l	317	fórum	Calpúrnio habitava longe do fórum, num casarão...	178	X
l	321	fórum	... agradecer ao Imperador um donativo de um milhão de sestércios destinado ao restauro do fórum, das termas e dos templos.	181	XI
l	326	fórum	O nosso fórum minúsculo, não no tamanho, mas no esplendor...	182	XI
l	332	fórum	As ruas, o fórum, os prédios altos, a azáfama do mercado, as termas, o luxo da minha própria casa, ...	184	XI
l	360	fórum	Nesse dia, os frequentadores do fórum exibiram um	213	XIII

			comportamento diferente do habitual.		
l	365	fórum	Rufo ... não parecia ser o mesmo das intervenções triunfais no fórum.	222	XIII
l	404	fórum	... haviam interceptado um magote de mouros, acossado pelos defensores, já a caminho do fórum, ...	239	XIV
l	416	imagens/estatuetas	Eles adoram imagens, estatuetas. Eu sou contra o culto das imagens.	244	XIV
l	441	fórum	Descemos a calçada até ao fórum com as mulheres de Tarcisís...	252	XV
l	445	fórum	O grito entoou pelo fórum.	254	XV
l	448	fórum	Aguardei que os luzeiros, ao correr do fórum, mais se afastassem e se perdessem pelas esquinas.	254	XV
l	453	fórum	Desci até ao fórum às escuras.	255	XV
l	458	fórum	... enrolado no manto, acompanhada de um casal de escravos, descia a rua, em direcção ao fórum.	256	XV
l	467	fórum	Vários grupos tagarelavam no fórum e pareciam não ter qualquer intenção de avançar novamente para o pretório.	262	XVI
l	502	fórum	Estávamos, todos, de pé, na sala de reuniões do pretório, junto à janela que dava para o fórum.	273	XVII
l	516	fórum	Não se comenta no fórum?	283	XVII
l	536	fórum	... e me acompanhou em cortejo até ao fórum.	305	XIX
l	541	fórum	Justificava-se o julgamento no fórum...	307	XIX
l	568	fórum	... a permanência dele no fórum é a melhor dissuasão...	320	XIX
l	571	fórum	A cerimónia realizou-se no fórum, ...	323	XX
l	572	fórum	... no empedrado do fórum...	323	XX

Biblioteca

m	169	biblioteca	A biblioteca, no piso superior, continuava vazia, desde a fundação, porque nenhum benemérito tinha considerado prioritário fornecê-la de livros.	85	V
----------	-----	------------	--	----	---

Et alia

n	12	circo	... à falta de circo...	30	II
n	13	redondel de madeira	... mandou construir um redondel de madeira	30	II
n	48	escola infantil	... o episódio alegre das crianças e as evocações da escola	48	III

			infantil...		
n	51	sepultura	... um raio que fere uma sepultura...	48	III
n	74	colina	... colina chamada "Tumultuária", uma das elevações da cidade... outrora o castro que lhe deu origem	63	IV
n	75	castro	... outrora o castro que lhe deu origem...	63	IV
n	126	oleiro (olaria)	Lá ao funda da ruela, um oleiro arrastava os taipais,...	75	V
n	251	lixeiros municipais	Quanto ao cadáver, que o atirassem para uma das lixeiras municipais, ...	147	IX
n	261	pardieiros	Não havia sinal da casa de Pôncio, nem dos armazéns e pardieiros demolidos.	148	IX
n	266	ferreiros	As molas tinham sido fabricadas em Roma e nenhum dos ferreiros de Tarcis mostrava perícia ou oficina para lavra tão complexa.	149	IX
n	274	cisterna	Caímos na cisterna	158	IX
n	275	cisterna pública	... tão distraído que caíste na cisterna pública.	158	IX
n	276	cisterna	Ambos tinham, com efeito, sido atirados para a cisterna com brutalidade.	158	IX
n	278	cisterna	... os conduzir até à cisterna velha, ...	159/160	IX
n	279	cisterna	... jazia agora nos lodos da cisterna.	160	IX
n	292	cisterna	Atiraram-no para a cisterna.	166	X
n	295	praça	A agitação parou quando a minha liteira reentrou na praça e me dirigi a uma espécie de tribuna, ...	171	X
n	301	praça	Mal me levantava, crepitou um burburinho num dos lados da praça.	172	X
n	304	estátuas	... prevaleciam os gestos intemporais das estátuas, as suas faces silenciosas, os olhares vazios.	174	X
n	305	estátua	Qualquer estátua - é sabido - contém um princípio vital ...	174	X
n	306	estátua	Provavelmente, a estátua observa o que se passa à volta.	174	X
n	307	estátua	... deve haver um segredo para penetrar na alma das estátuas.	174	X
n	308	estátua	Terá cada estátua o seu Pigmaleão?	174	X
n	310	estátuas	Eu não vou para junto dos pedestais e dos nichos do fórum interpelar as estátuas, ...	175	X
n	313	cisterna velha	... tinham atirado Mílquion e outro para a cisterna velha, ...	176	X
n	384	necrópole	... para além da necrópole nos limites...	232	XIV
n	409	cremámos (crematório)	Nós cremámos os nossos mortos...	240/241	XIV
n	419	poços e cisternas	Havia poços e cisternas em número suficiente...	245	XV
n	474	marceneiro (marcenaria)	Mandei comprar um catre ao marceneiro...	264	XVI

n	513	sepulturas	Aos ombros dos homens que me levavam passei as sepulturas, cujas lápides, ...	278	XVII
n	546	cisterna	... uma vez tinha atirado com Milquion para uma cisterna.	309	XIX
n	549	ferreiro (oficina)	Eu sou ferreiro e, na minha oficina, reparava as pontas dos dardos.	310	XIX
n	493	portais	... que se enfeitassem todos os portais com rosas e louros...	271	XVII